



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM - MESTRADO**

Leituras do espaço na narrativa *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos

Mestranda: Rinalda Cordeiro Siqueira Costa Ferraz

Orientador: Prof. Dr. Robson Teles Gomes

RECIFE 2022

Rinalda Cordeiro Siqueira Costa Ferraz

Leituras do espaço na narrativa *Espaço Terrestre*,
de Gilvan Lemos

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem, concentrada na linha três, correspondente à Linguística e Literatura: interlocuções, sob a orientação do Prof. Dr. Robson Teles Gomes.

RECIFE 2022

F3811 Ferraz, Rinalda Cordeiro Siqueira Costa.
Leituras do espaço na narrativa Espaço Terrestre,
de Gilvan Lemos / Rinalda Cordeiro Siqueira Costa
Ferraz, 2022.
132 f.

Orientador: Robson Teles Gomes.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da
Linguagem. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2022.

1. Espaço na literatura. 2. Geografia e literatura.
3. Espaço terrestre. 4. Linguística. 5. Lemos, Gilvan I. Título.

CDU 801

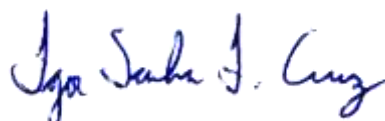
Pollyanna Alves CRB/4-1002

Leituras do espaço na narrativa *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos

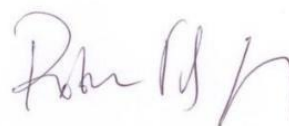
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo



Prof. Dr. Igor Sacha Florentino Cruz



Prof. Dr. Robson Teles Gomes
(Presidente da Banca Examinadora)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos incontáveis anos de construção dos saberes que não eram nominados, categorizados e conceituados, mas eram saberes; e quando eles foram estruturados, se tornaram ciência. Dedico o trabalho à primeira escola – a da existência – e ao que nos permite compreendê-la, à racionalidade que nos faz humanos.

Em momentos de tantas adversidades na saúde da humanidade, dedico este trabalho, também, à persistência dos professores brasileiros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço fortemente a todos aqueles que amo e que, na mesma proporção, abraçam a ideia de um mundo mais cheio de saberes e de conhecimentos. Todas essas pessoas poderosas que dedicam a sua existência ao fazer o bem.

Agradeço à minha família querida, que, de alguma forma, sempre apoiou e estimulou o gosto pela leitura e estimulou o olhar generoso sobre o outro. Minha querida mãe me provou, desde quando eu era menina, que o tempo para aprender é o querer; ao meu querido pai, com quem, desde a infância, viajei para além dos livros com as histórias e causos das estradas por onde passou e por sua incontestável criatividade; à família querida que construí e que, além do seu amor, dedicou-se também a compreender o meu tempo e a falta dele.

Agradeço à insistência e à persistência do professor, orientador e amigo Robson Teles, por tornar possível todo este projeto. E, claro, meus agradecimentos ao querido autor Gilvan Lemos, que, como migrante do agreste para o litoral, me permitiu reconhecer tanto da minha história na sua história.

Resumo

Este estudo tem por objetivo examinar aproximações entre conceitos de espaço na Geografia e na Literatura tomando por fonte de pesquisa *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos. Busca, ainda, investigar imbricações de aspectos geográficos espaciais e da categoria espaço na narrativa em destaque; analisar a composição, tanto física quanto idiossincrática, de personagens a partir da categoria espaço, além de averiguar as interferências do espaço geográfico na construção de mudanças no comportamento social. Para possibilitar o desenvolvimento deste trabalho, foi elaborada uma revisão bibliográfica composta pelas leituras de estudos desenvolvidos acerca da categoria espaço feitos pelos geógrafos Yi Fu Tuan e Milton Santos, além do filósofo Henri Lefebvre. Já no campo literário e linguístico, grandes contribuições foram dadas por Osman Lins, Antônio Dimas e Mikhail Bakhtin. Nessa perspectiva, acreditamos que o conhecimento do conceito de espaço geográfico pode potencializar a compreensão da narrativa *Espaço Terrestre*. Dessa forma, as análises realizadas na obra de Gilvan Lemos nos permitiram balizar que as percepções e as contribuições trazidas pela Geografia para o estudo do espaço literário ampliam não somente a visão do espaço pela perspectiva ficcional mas também do sujeito autor e do sujeito leitor, através de diferentes campos de observação, de leitura e de interpretação do espaço, o qual caracterizamos como estereoscópico a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Palavras-chave: Espaço, Geografia e Literatura, Interdisciplinaridade, *Espaço Terrestre*, Gilvan Lemos

Abstract

This study aims to examine links between concepts of space in Geography and Literature, taking as a source of research *Espaço Terrestre*, by Gilvan Lemos. It also seeks to investigate the imbrications of spatial geographic aspects and the space category in the featured narrative; to analyze the composition, both physical and idiosyncratic, of characters from the space category, in addition to verifying the interference of geographic space in the construction of changes in social behavior. In order to enable the development of this work, a bibliographic review was elaborated, composed by the readings of studies developed about the space category made by the geographers Yi Fu Tuan and Milton Santos, as well as the philosopher Henri Lefebvre. In the literary and linguistic field, great contributions were given by Osman Lins, Antônio Dimas and Mikhail Bakhtin. From this perspective, we believe that knowledge of the concept of geographic space can enhance the understanding of the *Espaço Terrestre* narrative. In this way, the analyses carried out in the work of Gilvan Lemos allowed us to point out that the perceptions and contributions brought by Geography to the study of literary space expand not only the vision of space from the fictional perspective but also of the author subject and the reader subject, through different fields of observation, reading and interpretation of space, which we characterize as stereoscopic from an interdisciplinary perspective.

Keywords: Space, Geography and Literature, Interdisciplinarity, *Espaço Terrestre*, Gilvan Lemos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Capa do livro Espaço Terrestre	30.
---	------------

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro comparativo Autores.....	68.
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12	
1	ESPAÇOS PARA UMA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA	18
1.1	A ciência normal e as anomalias	19
1.2	A Geografia e a interdisciplinaridade	21
2	TRILHA METODOLÓGICA	28
2.1	Tipo de Pesquisa	29
2.2	<i>Corpus: descrição e seleção</i>	30
2.3	<i>Procedimentos de análise</i>	31
3	CONCEPÇÕES DA CATEGORIA ESPAÇO	33
3.1	<i>Um espaço para Gilvan Lemos: vida e obra</i>	33
3.2	<i>Resumo da obra</i>	39
3.3	<i>Um espaço para as percepções dos geógrafos Tuan e Santos e as do filósofo Lefebvre</i>	42
3.3.1	<i>Um espaço para Yi Fu Tuan</i>	45
3.3.2	<i>Um espaço para Milton Santos e Henri Lefebvre</i>	56
3.4	<i>Um espaço para Osman Lins</i>	62
4	O CRONOTOPO EM SULIDADE	69
5	ESPAÇOS PARA ESPAÇO TERRESTRE	85
5.1	<i>O espaço da natureza</i>	86
5.2	<i>O espaço da alteridade, da miscigenação e do preconceito</i>	92
5.3	<i>O espaço do luto</i>	99
5.4	<i>O espaço e História</i>	102
5.5	<i>O espaço da infraestrutura e produção</i>	110
5.6	<i>O espaço para a pesquisa da obra gilvaniana</i>	116
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
	REFERÊNCIAS	125

INTRODUÇÃO

Embora se saiba que o conhecimento em cada uma das diversas áreas da ciência não é construído de forma isolada, ainda é possível encontrar vários espaços vazios ou espaços que podem ser mais enriquecidos. Essa necessidade de alimentação de uma ciência através das experiências vivenciadas pela humanidade ao longo dos séculos é uma das mais fortes características da ciência geográfica bem como das diversas formas de manifestações das impressões humanas, por meio das diferentes formas de arte.

A formação inicial em Geografia permite o entendimento de que ela é uma ciência de recortes e, ao mesmo tempo, de grande personalidade, ou seja, ela existe em si de forma muito clara, mas não nega a necessidade de compreensão do seu objeto de estudo, que é o Espaço Geográfico, formado pelas relações entre o homem e o meio. Dessa forma, ao geógrafo, como a inúmeros outros pesquisadores, é permitido e até pertinente que haja uma busca pelo processo de interdisciplinaridade, pois tal aspecto contribui enormemente para o crescimento da visão de mundo do estudioso dessa ciência e da construção de identidades¹.

Assim, aproximar a Geografia da Literatura, por exemplo, é permitir que mais uma vertente se construa de maneira rica e especial, para que novas formas de abordagem das duas áreas de conhecimento também se expandam.

Sob essa ótica, é válido ressaltar que a Literatura enquanto produção estética é uma manifestação artística constituída por discursos que perpassam por várias áreas e temáticas, uma vez que, por meio das palavras, traz consigo uma série de aspectos e manifestações de diferentes percepções de mundo para cada autor e para cada personagem em cada obra. Essas percepções estão impregnadas de elementos sociais, históricos, culturais, econômicos e até mesmo psicológicos. Tal perfil da Literatura possibilita reflexões, questionamentos e análises críticas aos leitores para além do uso da palavra no texto². A produção literária pode ser tida,

¹ Tomamos aqui o conceito de identidade a partir do que Stuart Hall postulou acerca da noção de sujeito sociológico, sobretudo frente à consciência de que o núcleo interior do sujeito não tem autonomia e nem é autossuficiente. Na verdade, tal sujeito se forma na relação com outros sujeitos importantes para ele, valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos em que o sujeito habita. HALL, S. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, 2006.

² A palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela precede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante

então, como um instrumento de contextualização, interdisciplinaridade e de intertextualidade. No exercício da Geografia, o princípio da conexão consiste em explicar os fatos geográficos através da relação interdisciplinar com as demais áreas do conhecimento, tais como Física, Biologia, História, Literatura, entre outras. A conexão é um importante princípio para a estruturação de identidades.

Dando continuidade a observações sobre a Geografia, destacamos que se trata de uma ciência nascida no século XIX, em um contexto de grandes transformações; por isso, tanto ainda é receptiva às necessidades de formulações bem como às reformulações do seu pensamento. Por exemplo, a Geografia teve origem em um viés determinista que afirmava ser o homem um escravo do espaço e, por muito tempo, se dedicou mais à análise de aspectos naturais.

Na verdade, esse determinismo passou por diversas contestações, chegando, assim, ao possibilismo, ao se dedicar às relações homem-meio, enxergando o homem como um grande produtor de mudanças, embora ele possa ser influenciado pelo mesmo meio. Nesse viés, surgem outras tantas versões dos estudos geográficos, como a Geografia Quantitativa, dedicada às questões estatísticas que ainda validam seus estudos, e a Geografia Crítica, que se dedica às relações espaço e tempo ou histórico-sociais, rompendo com a neutralidade científica. Por isso, o exercício prático e constitutivo da Geografia é uma difícil tarefa, considerando, pois, a vastidão de interesses que a compõem.

Ademais, a relação entre a Literatura e a Geografia promove oportunidade para que a produção de conhecimento se consolide mais. Existe hoje, ainda, pouca produção científica que discuta, a partir da Geografia em diálogo com a Literatura, aspectos geográficos relacionados às diversas conceituações e construções da categoria ou do objeto espaço. Para atingirmos essa relação Geografia-Literatura, a narrativa do autor Gilvan Lemos torna-se instrumento de análise e de compreensão quanto às diversas formas de percepção do espaço.

Nessa perspectiva, a despeito de reconhecermos que os elementos que compõem uma narrativa são necessariamente inter-relacionados, este trabalho se dedica mais cuidadosamente ao espaço como categoria de análise. A escolha por tal categoria se deu, notadamente, pela

com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao outro (VOLÓCHINOV, 2018, p.205). Logo, o leitor é aquele que recebe a palavra dentro de uma ação dialógica, responsiva e axiológica.

busca da imbricação entre Geografia e Literatura. Mas é preciso destacar que este trabalho não tem o intento de construir uma verificação esquemática do elemento geográfico para o universo literário. Na verdade, deseja perceber significados novos que resultam da capacidade criadora e recriadora que um escritor promove em uma obra literária.

Assim, este estudo tem por objetivo geral examinar aproximações entre conceitos de espaço na Geografia e na Literatura tomando por fonte de pesquisa *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos (2018). Quanto aos objetivos específicos, o referido estudo busca investigar imbricações de aspectos geográficos espaciais e da categoria espaço na narrativa em destaque; analisar a composição, tanto física quanto idiossincrática, de personagens a partir da categoria espaço, além de averiguar as interferências do espaço geográfico na construção de mudanças no comportamento social.

O estudo foi elaborado com base em uma revisão bibliográfica composta pelas leituras de estudos desenvolvidos acerca da categoria espaço, da obra de Gilvan Lemos, bem como de pesquisadores da Geografia e da Literatura. Assim, acreditamos que o conhecimento do conceito de espaço geográfico pode potencializar a compreensão da narrativa *Espaço Terrestre*, sobretudo para aqueles que têm formação em estudos geográficos e desejam se envolver com estudos literários.

Para que seja possível produzir um significativo conhecimento interdisciplinar a partir da Geografia em diálogo com a Literatura, torna-se necessária também a análise de diferentes percepções do espaço dentro da construção do conhecimento geográfico e literário.

Por isso, analisaremos os aspectos espaciais presentes em *Espaço Terrestre* diante das contribuições teóricas produzidas pelo escritor Osman Lins (1976), em sua obra *Lima Barreto e o espaço Romanesco*, publicada em 1976. Ressaltamos que a contribuição osmaniana permite categorizar o espaço e suas funcionalidades, para uma melhor análise e interpretações do romance gilvaniano. A essa contribuição será acrescentada a dos geógrafos Milton Santos (2013) e Yi Fu Tuan (2013), para discutirmos como as percepções espaciais se aproximam ou se distanciam na própria Geografia ou nas relações entre a ciência geográfica e a Literatura.

Ademais, evidenciaremos a forma como as diferentes abordagens e concepções do indivíduo e do escritor Gilvan Lemos se refletem em sua obra, cuja leitura, defendemos, deve

ser extremamente ampliada dentro do processo educacional brasileiro. Afinal, Gilvan Lemos é um escritor que não escreveu sobre o Sertão, mas expressou claramente a alteridade do próprio Nordeste, presente num espaço de vivência e de convivência social, cultural e histórica. Publicou 25 livros, entre romances, novelas e contos, destacando-se já na primeira publicação: o romance *Noturno sem música*, em 1956. Lemos, sempre foi muito respeitado pela crítica e por leitores famosos, a exemplo do dramaturgo Hermilo Borba Filho, o qual o comparou com Dostoiévski, um dos mais importantes escritores russos.

Em busca de um melhor resultado para as “Leituras do espaço na narrativa *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos”, organizamos nosso estudo da seguinte forma: no primeiro capítulo, nos preocuparemos com a importância da compreensão do espaço através de novas perspectivas. Para tanto, acreditamos ser relevante reforçarmos a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, conectando a Literatura com a Geografia. Ademais, destacaremos a relevância da interdisciplinaridade como importante aspecto para a ruptura de paradigmas, ancorando nossa exposição nos estudos do cientista Thomas Kuhn (2017).

Formado inicialmente em Física, Kuhn lecionou, para alunos de Ciências Humanas, uma disciplina sobre a história da ciência. Esse autor traz grande contribuição para o nosso entendimento de como a experiência em uma área de diferentes concepções e abordagens pode se apresentar de extrema relevância para o desenvolvimento científico. Tal dinâmica, inegavelmente, permitiu que Kuhn ampliasse enormemente seu conhecimento e produzisse uma valiosa obra sobre a importância das revoluções nas ciências e de como estas permitem o surgimento de uma nova concepção de mundo. Logo, aproximar a Geografia da Literatura nos propicia uma relevante experiência de aprendizado de como a interdisciplinaridade pode contribuir para ampliação da leitura do espaço em *Espaço Terrestre*.

No segundo capítulo, percorreremos a trilha metodológica que guiou o processo de construção deste trabalho. A partir daí, salientamos como as relações interdisciplinares podem enriquecer e potencializar ainda mais pesquisas. Ademais, embasados nas orientações de Bakhtin (1997), acreditamos que o conhecimento é um pensar sobre o mundo e no mundo, visto que esse pensar é dialético e nasceu do diálogo para retornar ao diálogo em um nível superior (BAKHTIN, 1997). Em consonância com esse entendimento, ressaltamos que todo procedimento de pesquisa, normalmente, parte de observações e de uma análise bibliográfica.

Sob esse viés, consultar o levantamento do que já foi abordado sobre a categoria espaço tem como um dos objetivos permitir ao pesquisador “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações” (MARCONI; LAKATOS, 2001, p. 44).

No terceiro capítulo, destacaremos as diferentes concepções de espaço de acordo com a Geografia e com a Literatura, através de estudiosos dessas duas áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, mostraremos como essas diferentes visões de espaço se aproximam e se distanciam, além de colocar em pauta as experiências histórico-sociais e culturais vivenciadas por Gilvan Lemos, tanto em São Bento do Una quanto em Recife.

Quanto à abordagem geográfica, serviram de base a este trabalho as concepções dos geógrafos Yi Fu Tuan (2013) e Milton Santos (2013), bem como as do filósofo Henri Lefebvre (2016). Na Literatura, as concepções de Osman Lins (1976), grande escritor pernambucano, que acompanhou parte da vida e da construção da obra gilvaniana. As discussões sobre o espaço que Lins propõe em *Lima Barreto e o Espaço Romanesco* – um dos primeiros estudos brasileiros sobre a temática – foram de suma importância para a compreensão do espaço literário no cenário nacional.

No quarto capítulo, a partir do estudioso Mikhail Bakhtin (1997), ressaltaremos as questões cronotópicas na obra de Gilvan Lemos, além de questões de intertextualidade e de interdiscursividade. Mencionaremos como determinados aspectos da obra de Lemos se aproximam e se distanciam do que ocorre em outras narrativas. É o caso de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez (2007), de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (2019), e de *O quinze*, de Rachel de Queiroz (2018).

Em tais obras, sem que haja aprofundamento na abordagem, faremos referência ao fato de que o espaço ficcional, bem como, o espaço de vivência foram incorporados nas narrativas, ao sinalizar como, dentro da concepção dialógica do espaço e do tempo, poderemos, em diversas circunstâncias, identificar os espaços de vivência e de ficção em uma personagem, em uma ambiência. Assim, iremos salientar os referidos espaços imbricados cronotopicamente.

Tal discussão nos foi possibilitada em decorrência dos estudos bakhtinianos, que, ao abordarem a indissociabilidade espaço/tempo, acabam por nos esclarecer como as relações sociointeracionistas são valiosas para nosso estudo e para a compreensão dos espaços, sejam

eles geográficos, literários ou, ainda, os do sujeito.

O quinto capítulo, no qual discorreremos sobre os diversos espaços presentes em *Espaço Terrestre*, será dividido em diferentes seções: o espaço da natureza na obra; o espaço da alteridade, da miscigenação e do preconceito; o espaço do luto; o espaço da história; o espaço da infraestrutura e da produção e o espaço para a pesquisa da obra gilvaniana.

Na obra em questão, existem diferentes experiências espaciais de ambiência, formação histórico-social e características de personagens que nos permitem análises muito relevantes para a compreensão da narrativa de Gilvan Lemos a partir da imbricação de Geografia e Literatura.

1. ESPAÇOS PARA UMA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

Para a ciência geográfica, o espaço é o objeto de estudo. Inicialmente, no processo de sistematização da Geografia no século XIX, a percepção de espaço ficou restrita à ideia de meio, por não ter sido levado em consideração que a Geografia enquanto ciência existe a partir de suas relações com o homem. Só a partir da virada paradigmática na França, por meio do possibilismo liderado por Vidal de La Blache, é que as concepções da Geografia sobre o espaço começaram a se alterar, abarcando outras áreas de conhecimento, que, por sua vez, também tiveram modificações em abordagens científicas.

A título de exemplo dessas transformações, podemos citar a Física e os estudos linguísticos e literários, que, através dos tempos, tiveram as perspectivas de abordagem e de compreensão ampliadas. No caso da Física, a concepção de espaço ultrapassa os próprios limites da Terra; nos estudos linguísticos, a compreensão da linguagem se encontra para além da codificação escrita, uma vez que, enquanto prática social concreta, se efetua em forma de enunciados orais e escritos que refletem as condições específicas do contexto do falante. Na perspectiva literária, o espaço passa a ser visto como lugar da errância, do equívoco, da memória, da incerteza derivada da exterioridade do mundo, por exemplo.

Tomando como base tais exemplificações, percebemos o quanto essas novas perspectivas são importantes para a ampliação e a renovação da categoria espaço. Esses novos horizontes surgem e se justificam diante da necessidade de ruptura de paradigmas ou pela necessidade de revoluções científicas oportunizadas pela dialética do tempo. Sendo assim, aqui buscaremos explicitar a importância do espaço numa dimensão imbricada entre a perspectiva geográfica e a perspectiva literária na narrativa *Espaço Terrestre*.

Afirmamos que não há como dissociar completamente a cultura, a memória, o ambiente social e até mesmo o imaginário do autor de todas as experiências e valores contidos no ambiente de sua formação enquanto indivíduo, visto que um texto é a realidade do seu pensamento. O perfil de um espaço geográfico, por conseguinte, é parte da obra, haja vista que, na verdade, texto nenhum é puro, mas cheio de enunciados, que, por sua vez, resultam de pensamentos sobre pensamentos, repletos de signos e de significados. Sob esse ponto de vista,

para Mikhail Bakhtin³,

Os textos (...) são vivências das vivências, palavras das palavras, textos sobre textos. Nisto reside a diferença essencial entre as nossas disciplinas (humanas) e naturais (sobre a natureza), embora aqui não haja fronteiras absolutas, impenetráveis. O pensamento das ciências humanas nasce do pensamento sobre o pensamento dos outros, sobre exposições de vontades, manifestações, expressões, signos (...) (BAKHTIN, 2016, p.71-72).

Nesse sentido, compreendemos que o espaço geográfico pode, sim, reforçar a ideia de que, da mesma forma que em cada texto, como nas obras literárias, por exemplo, existem elementos naturais, técnicos e gráficos, existe o fato de que os referidos elementos foram escolhidos e expostos pelas escolhas (pensamentos) do autor. Nesse viés, por trás do texto, estão a linguagem e o autor, bem como o espaço, experienciado, antropomorfizado.

Para melhor compreensão desses saltos paradigmáticos propiciados pelas transformações e ampliações do conhecimento científico, inicialmente, tomaremos como âncora teórica Thomas Kuhn, em sua obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* (2011), sobretudo no que se refere à defesa da necessidade de ampliação de percepções do espaço, por meio de observações que elucidam a importância da interdisciplinaridade para grandes revoluções científicas, que podem resultar em novos e em ricos paradigmas.

1.1 A ciência normal e as anomalias

O pensamento de Thomas Kuhn⁴ evidencia que

³ Mikhail Bakhtin foi um filósofo, talvez um dos mais importantes do século XX, mesmo que seu ostracismo por mais de trinta anos tenha impedido a circulação e o debate de suas ideias até praticamente a década de 1970. Teve formação em estudos literários, atuou como professor, embora sem vínculos institucionais (principalmente por problemas de saúde) até ser preso em 1929. Condenado a um exílio no Cazaquistão, só pôde encontrar um emprego permanente depois da Segunda Guerra Mundial, tornando-se professor de Literatura do Instituto Pedagógico (depois Universidade) de Saransk (Moldávia), donde se aposentou em 1969, passando seus últimos anos de vida na região de Moscou, onde faleceu em 1975 (FARACO, 2009, p.14).

⁴ Thomas Samuel Kuhn nasceu em Cincinnati, Ohio, em 1922. Iniciou sua carreira acadêmica na área da Física na Universidade de Harvard; posteriormente, interessou-se por Filosofia da Ciência e História da Ciência, área na qual tornou-se professor titular na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Faleceu em 1996, em Cambridge (FRAZÃO, 2016). A estrutura das revoluções científicas de Thomas Kuhn – em especial, sua tese da incomensurabilidade – na mais ínfima das implicações, sugere que repensemos nossa concepção usual de ciência: do desenvolvimento de nosso saber científico em geral, no qual se sobressai uma visão cumulativa, com base em critérios plenamente objetivos, racionais, neutros, imparciais, estes que elegem a mudança dos paradigmas, possibilitando que, empiricamente,

Certamente, há uma relação estreita entre a Ciência Normal e a anomalia. Pode-se caracterizar a Ciência Normal como uma atividade de caráter rígido, estável, que é regulada e direcionada, exigindo dos cientistas o compromisso em manter a pesquisa no âmbito dos limites impostos pelo paradigma (KUHN, 2011, p.78).

Sob esse ponto de vista, as anomalias são transformações que estão inseridas na Ciência Normal. Assim, a provocação de metamorfoses constitui saudáveis inquietações e gera instabilidades na Ciência Tradicional. Após um período, essas inquietações iniciais vão sendo absorvidas pela Ciência, e, por conseguinte, ela nunca mais será a mesma. Kuhn afirma ainda que

Na ausência de um paradigma ou de um candidato a paradigma, todos os fatos que possivelmente são pertinentes ao desenvolvimento de determinada ciência têm possibilidade de parecerem igualmente relevantes. Como consequência disso, as primeiras coletas de fatos se aproximam muito mais de uma atividade ao acaso do que daquelas que o desenvolvimento subsequente da ciência torna familiar. Além disso, na ausência de uma razão para procurar alguma forma de informação mais recôndita, a coleta inicial de fatos é usualmente restrita à riqueza de fatos que estão prontamente à nossa disposição (KUHN, 2011, p.35).

Estabelecer, portanto, um paradigma é a condição para legitimar uma ciência. Dessa maneira, a solidificação de um paradigma inicia a fase de uma Ciência Normal, promove uma tentativa de forçar a natureza a encaixar-se dentro dos limites preestabelecidos e relativamente inflexíveis fornecidos pelo paradigma e que, se não modelado, restringe a visão do cientista, pois as áreas investigadas passam a ser minúsculas no período chamado por Kuhn de “quebra-cabeças”.

Somente quando os cientistas estão livres para analisar criticamente seus fundamentos teóricos, conceituais, metodológicos, instrumentais, é que podem concentrar esforços nos problemas de pesquisas enfrentados por sua área. Caso contrário, caem, segundo ele, no “abandono do discurso crítico” e no “monismo teórico”.

A conexidade, como princípio geográfico, reforça a necessidade da construção de uma

possamos evoluir nossa precisão epistêmica em correspondência com os fatos, com a verdade (MORAES, 2017).

Geografia que dialogue com outras ciências. No que diz respeito à Teoria Literária, esta busca oferecer aos estudos literários uma base racional que possibilite a crescente e frutífera articulação com uma ampla variedade de áreas do conhecimento. A fim de que não se restrinja uma visão científica, tais percepções reforçam a proposta de elaboração deste trabalho, visto que o objetivo é articular conhecimentos geográficos e literários para o estudo da categoria espaço.

Tanto a Geografia quanto a Literatura estão abertas às transformações através de diferentes abordagens realizadas em diferentes perspectivas. Afinal, um mesmo indivíduo em um mesmo dia provavelmente não observará o espaço sob a mesma ótica e mesmas concepções, pois o referido indivíduo indubitavelmente não será o mesmo a cada instante.

1.2 A Geografia e a interdisciplinaridade

A Geografia, por ser uma ciência sistematizada dentro de um contexto histórico relativamente recente, passou por diversas mudanças filosóficas, principalmente ao longo do século XX, período marcado por grandes transformações. Diz-se que existem ainda tantas Geografias quanto geógrafos. Para o estudioso Antônio Carlos Robert Moraes,

Os geógrafos vão abrir-se para novas discussões e buscar caminhos metodológicos até então não trilhados. Isto implica uma dispersão das perspectivas, na perda da unidade contida na Geografia Tradicional. Esta crise é benéfica, pois introduz um pensamento crítico, frente ao passado dessa disciplina e a seus horizontes futuros. Introduce a possibilidade do novo, de uma Geografia generosa (MORAES, 2007, p. 103).

O pragmatismo antes tão dominante na Geografia de origem descritiva da paisagem admitia, diante das inegáveis transformações espaciais, sobretudo dos espaços produtivos, que o homem não teria apenas o papel de elemento da paisagem, mas o de protagonista das transformações. Sendo assim, os geógrafos compreendem que há um movimento de renovação da Geografia, o qual teria se iniciado desde a década de 1950 do século passado. Esse momento histórico, diga-se de passagem, era de uma enorme complexidade.

Nesse contexto, se consolidava uma ordem mundial pautada na supremacia bélica e aeroespacial protagonizada pelas duas nações mais expressivas, sob esta perspectiva: Estados

Unidos da América e URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), liderada, indiscutivelmente, pela Rússia. A partir de então, a Alemanha, berço da Geografia Determinista, era dividida em dois Estados – a RFA (República Federativa Alemã) capitalista e a RDA (República Democrática Alemã) socialista. Essa bipolaridade confirmava uma ordem mundial não apenas pautada no domínio do território como antes, mas no domínio ideológico.

Talvez, por isso, é que a Geografia Humana, diante dos aspectos geopolíticos, geoeconômicos e diplomáticos, tenha, enfim, encontrado um maior espaço para sua discussão. Mas não se pode negar que ela não era de todo pragmática, mas é relevante que seja dito que esse contexto histórico foi marcado por diversos conflitos mundiais que pautaram a chamada Guerra Fria, como, por exemplo, a Revolução Comunista da China⁵(1949), a Guerra das Coreias⁶ (1950-53), a Guerra do Vietnã⁷ (1957-75), a Revolução Cubana⁸ (1959), a construção

⁵ Em 1949, na Praça da Paz Celestial (Tiananmen), em Beijing, Mao Zedong proclamou a República Popular da China. No início de 1950, toda a China continental – exceto o Tibete, parte de Hong Kong e Macau – estava sob controle do EPL. Das ilhas, apenas Taiwan e Hong Kong encontravam-se fora da nova jurisdição (POMAR, 2003, p.63).

⁶ A Guerra iniciou-se no dia 25 de junho de 1950, com as forças norte-coreanas invadindo o sul ajudadas pela URSS. Em decorrência de uma rápida ofensiva contra a Coreia do Sul, atravessaram o Paralelo 38°N, e ao chegar a Seul, dois dias após o início do conflito, o governo estadunidense declarou guerra à Coreia do Norte. A Guerra da Coreia terminou em 27 de julho de 1953, com a assinatura de um armistício. Esse armistício não instituiu, contudo, uma demarcação adequada dos limites marítimos, nem concluiu um processo de paz (SOUZA, 2017, p.18-19).

⁷ A Guerra do Vietnã pode ser vista como conflito armado e violento que aconteceu na metade do século XX. Tal guerra, que teve início em 1959 e final em 1975, estava fortemente ligada à história da Guerra Fria. Sendo assim, os Estados Unidos estavam intimamente ligados a esse conflito que acontecia do outro lado do mundo. Com a bipolaridade mundial reinando nos estilos de governo, os estadunidenses queriam garantir que a predominância capitalista imperaria sobre o então assustador e prolífero comunismo que se espalhava pela Ásia (SILVA, 2018, p.13).

⁸ A Revolução Cubana de 1959 derrubou um ditador corrupto que representava os interesses de uma elite local associada aos Estados Unidos. Foi, portanto, uma revolução nacionalista contra um esquema de poder clássico – o da associação do império com elites locais dependentes. Mas ocorreu no auge da Guerra Fria e, dada a rejeição radical que teve do governo estadunidense, inconformado com a nacionalização de empresas, não demorou muito para se tornar uma revolução comunista (PEREIRA, 2011, p.1).

do Muro de Berlim⁹ (1961), a Crise dos Mísseis¹⁰ (1962), a Guerra dos Seis Dias¹¹ (1967), a Guerra do Yom Kippur¹² (1973), entre outros. Assim sendo, em um mundo de transformações onde os desafios levaram o homem a orbitar em torno da Terra e também a chegar à Lua, como o mundo e a Geografia poderiam ser os mesmos? A Geografia, então, sofrerá uma crise, ou muitas delas, o que explica a necessidade de olhar cada vez mais o papel do homem de forma mais complexa, para além de suas referências não só de poder, mas também de afetividade, consolidando a importância do ‘lugar’ como categoria espacial, e assim, fazendo um esforço de maior compreensão das atuais conjunturas mundiais tão amplamente marcadas pela xenofobia e pela segregação. Seria um espaço superior ao outro ou mais importante do que o outro? Os referidos questionamentos ocuparam os geógrafos para repensarem as questões de inclusão e de alteridade, através da compreensão das diferenças.

De acordo com Moraes, “há uma crise de fato da Geografia Tradicional”, e esta enseja a busca de novos caminhos, de nova linguagem, de novas propostas, enfim, de uma liberdade maior de reflexão e de criação. As certezas ruíram, desgastaram-se (MORAES, 2007). Então, para a ciência geográfica, o paradigma é uma característica salutar, tendo em vista que a renova ainda mais. Para a Geografia, em especial, essa renovação passou a ser considerada uma condição orgânica, visto que tal ciência se propõe a estudar as relações do homem com o meio.

Dentro dessa perspectiva, é interessante destacar algumas transformações sofridas pela

⁹ No verão de 1961, quando a Guerra Fria adentrava seus dias mais quentes, Berlim amanhecia dividida com a Cortina de Ferro imposta sobre si. O arame farpado podia ser visto por qualquer berlinense que tentasse cruzar a fronteira entre a República Democrática Alemã (RDA) e a República Federal da Alemanha (RFA). (...) A divisão física denominada mundialmente como Muro de Berlim, e vista aos olhos ocidentais como "Muro da Vergonha", marcou tempos de divergência no âmbito econômico social, quando duas grandes potências lutavam por sua hegemonia perante o restante do mundo. A construção do Muro nada mais foi do que uma representação da ideia de "conflito ideológico" (DOMINGOS, 2019, p.389).

¹⁰ Em outubro de 1962, através da pequena ilha de Cuba, na América Central, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) desafiava a ordem geopolítica da Guerra Fria ao instalar mísseis nucleares a menos de 100 milhas dos Estados Unidos da América do Norte (DOMINGOS, 2016, p.165).

¹¹ Em 1967, a partir da hesitação das nações árabes aliadas em adotar a estratégia militar como resolução das questões pendentes com Israel, a força aérea israelense surpreendeu as nações aliadas ao lançar um ataque preventivo e arrasador à força aérea egípcia, importante aliado da Jordânia e da Síria. Entrando na guerra para apoiar o Egito, a Jordânia foi também derrotada com facilidade, perdendo toda a margem ocidental do rio Jordão (Cisjordânia) sob o seu controle. O Egito perdeu a Faixa de Gaza e a Península do Sinai, enquanto a Síria, que também participou dos combates contra as tropas israelenses, perdeu as colinas de Golã (SILVA, 2016, p.72).

¹² Esse confronto armado ficou conhecido como a Guerra de *Yom Kippur* (em português, Dia do Perdão). No início da guerra, as forças militares israelenses, após serem pegas de surpresa, começaram perdendo para as forças militares egípcias e sírias. Todavia, com o apoio dos EUA, os militares israelenses retomaram a Península do Sinai e as Colinas de Golã, que haviam sido invadidas pela Síria e pelo Egito (QEDAN, 2019, p.16).

Geografia ao longo da sua recente sistematização. Como responsáveis pela consolidação da ciência geográfica no século XIX, estão Alexander Von Humboldt¹³, Karl Ritter¹⁴ e Friedrich Ratzel¹⁵. Esse último defendia, através da teoria do Espaço Vital, que uma nação seria mais rica e mais poderosa quanto maior fosse o seu território.

A partir dessa perspectiva, podemos compreender que a Geografia naquele momento da segunda metade do século XIX, na Alemanha, nascia sob uma ótica determinista, defendendo o homem como um produto do meio. Esse fato não era inerente ao contexto da época. Logo, a construção inicial da ideia de espaço se confundia com a concepção de um ambiente físico e territorial. Para a Geografia, o território é uma área delimitada onde é estabelecida uma relação de poder através da ideia de propriedade, e não apenas de posse.

Portanto, o território não deve ser apenas ocupado, mas reconhecido como pertencente a algum povo. Assim, em nome da sobrevivência e do desenvolvimento, mais áreas deveriam ser conquistadas, e a política expansionista alemã se consolidava, inspirando, por exemplo, o austríaco que dominou a Alemanha em grande parte do século XX, Adolf Hitler.

¹³ Humboldt – descrito por seus contemporâneos como o homem mais famoso do mundo depois de Napoleão, Humboldt foi uma das figuras mais fascinantes e inspiradoras de seu tempo. Nascido em 1769, no seio de uma abastada família da aristocracia prussiana, ele abriu mão de uma vida de privilégios para descobrir por si só os mecanismos de funcionamento do mundo. Ainda jovem, participou de uma expedição científica de cinco anos pela América Latina, arriscando a vida muitas vezes e voltando para casa com uma nova noção sobre o mundo. Essa jornada moldou sua vida e interferiu no pensamento científico em âmbito mundial. Durante boa parte da sua longa vida, Humboldt foi cerne do mundo científico, escrevendo cerca de 50 mil cartas e recebendo pelo menos o dobro disso. O conhecimento, acreditava Humboldt, deveria ser compartilhado, trocado e colocado à disposição de todos (WULF, 2019, p.25-26).

¹⁴ Ritter, assim como Humboldt, pertencia à geração contemporânea da Revolução Francesa. Tinha formação em Filosofia e em História. Segundo ele, a Geografia deveria se ocupar dos estudos dos lugares e compará-los. Ritter nasceu em 1779 e faleceu em 1859, mesmo ano do seu contemporâneo Humboldt. Karl Ritter foi tutor de uma família de banqueiros e ocupava alto cargo na hierarquia universitária alemã. Na Alemanha, no início do século XIX, temas como domínio e organização do espaço, apropriação do território, variação regional, entre outros, estarão na ordem do dia na prática da sociedade alemã dessa época. É, sem dúvida, deles que se alimentará a sistematização geográfica (MORAES, 2007, p.61).

¹⁵ Friedrich Ratzel foi um autor alemão e prussiano que publicou suas obras no último quartel do século XIX. Suas formulações só são compreensíveis em função da época da sociedade que as engendrou. A Geografia de Ratzel foi um instrumento poderoso de legitimação dos desígnios expansionistas do Estado alemão recém-constituído. Lefebvre chegou a denominá-la de “manual de imperialismo”. (...) O principal livro de Ratzel, publicado em 1882, denomina-se *Antropogeografia- fundamentos da aplicação da Geografia à História*; pode-se dizer que essa obra funda a Geografia Humana. Nela, Ratzel definiu o objeto geográfico como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Essas influências atuavam na Fisiologia (somatismo) e na Psicologia (caráter) dos indivíduos, e, através destes, na sociedade. Ademais, a natureza influenciaria a própria constituição social, pela riqueza que propicia, através dos recursos do meio em que está localizada a sociedade (MORAES, 2007, p.67-69).

Posteriormente, na França, a Geografia adquiriu uma nova visão através de Jean Paul Vidal de La Blache¹⁶, o qual enquadrava a Geografia dentro de uma visão agora possibilista, na qual o homem era visto como resultado das reciprocidades com o meio, ou seja, o meio influencia o homem, mas o homem é capaz de transformá-lo concomitantemente. La Blache aponta que

O homem faz parte desta cadeia (que une as coisas aos seres), e em suas relações com o que os cerca, ele é ao mesmo tempo ativo e passivo, sem que seja fácil de determinar, na maior parte dos casos, até que ponto ele é um ou outro (GOMES/ *In* CASTRO, 2018, p.68).

Ademais, podemos observar a Geografia como uma ciência paradigmática. O processo de mudanças de abordagem ou até de soma delas (incomensurabilidade) é abordado brilhantemente pelo físico e filósofo Thomas Kuhn. Ele observou que as bases epistemológicas congregam os elementos que concebem a origem de um saber científico, muito embora não seja unívoco, de acordo com os pressupostos filosóficos e ideológicos, promovendo-se, assim, a gênese de uma teoria do conhecimento e da estrutura das ciências.

A epistemologia objetiva o estudo da produção do conhecimento sobre os aspectos lógicos, filosóficos, sociais, culturais, entre outros aspectos. Nesse sentido, pode-se propor a interdisciplinaridade da Geografia com a Literatura, pois as ciências podem, sob o ponto de vista de Kuhn, avançar continuamente em diversas frentes. Em alguns casos, embora diante das mesmas bases, seguem no desenvolvimento e na apropriação de diferentes objetos de estudo.

A história das ciências, então, consiste em realizar o estudo das teorias científicas, estabelecendo os fundamentos epistêmicos para o cientificismo do conhecimento ou o pioneirismo na construção de uma teoria do conhecimento. A epistemologia se fundamenta na linguagem, uma vez que o conhecimento se expressa por palavras, construindo, assim, segundo Zilles (1994, p.62), um método (caminho) para chegar ao universal nos elementos singulares, poder exprimi-los e assim fazer-se ciência, ao se formular a ideia da ciência como conhecimento

¹⁶ La Blache foi fundador da escola francesa da Geografia e deslocou para a França o eixo da discussão geográfica, até então sediado na Alemanha. Após a guerra franco-prussiana, Thiers, primeiro ministro da França, disse: “a guerra foi ganha pelos instrutores alemães”. A guerra havia colocado, para a classe dominante francesa, a necessidade de pensar o espaço, de fazer uma Geografia que deslegitimasse a reflexão geográfica alemã e, ao mesmo tempo, fornecesse fundamentos para o expansionismo francês. La Blache definiu o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o (MORAES, 2007, p.77).

verdadeiro e a ciência como conhecimento universal.

Também a Literatura se fundamenta na linguagem e constrói, por meio das palavras, caminhos para se universalizarem elementos singulares. Segundo postula Candido (2011), a Literatura, a despeito de sua ficcionalidade, é uma forma de representação da realidade e sempre necessita de um espaço/tempo para existir. Além disso, na Era Multicultural em que vivemos, destaca-se a necessidade de interação de diferentes áreas do conhecimento, cujo fim é alargar o escopo epistemológico delas. Sendo assim, a partir da interdisciplinaridade, acentuamos o campo literário entrelaçado à Geografia, de modo a trabalhar questões como personagens e espaço, a fim de sinalizar em direção às várias indagações acerca dos fenômenos cosmológicos, naturais e humanos. Sob essa ótica, tal “constatação tem levado as mais diversas áreas do saber a interpenetrarem-se no sentido de alargar os horizontes epistemológicos” (ROCHA, 2013, p. 3).

Partindo das reflexões feitas por Milton Santos (2014), o qual descreve o espaço geográfico como um híbrido e no qual a definição social é de suma importância, vislumbramos que o texto literário possibilita ao geógrafo o contato com um cenário descritivo do espaço, onde a imaginação favorece uma espécie de viagem pela espacialidade e pela geograficidade¹⁷. Além de descrever elementos que compõem a narrativa, a literatura constrói lugares e personagens que nele vivem, entre os quais há simbolismos e subjetividades que são importantes para análise do espaço, pois, “para além dos termos científicos que nos classificam como seres antrópicos, (...) somos movidos pelas nossas passionalidades, que constroem o espaço também” (RODRIGUES, 2020, p. 132).

A partir dessa relação interdisciplinar é que lemos *Espaço Terrestre*, romance que narra a fundação de uma cidade – Sulidade – para tratar do nascimento de uma comunidade:

Nos primeiros dias, encontravam, uma vez ou outra, vestígios de civilização: uma boiada que passava ao longe. (...) Queria distância da civilização que lhe ofereciam capciosamente, queria ele próprio construir a sua civilização (LEMOS, 2018, p. 46).

¹⁷ Conceito desenvolvido inicialmente por Eric Dardel (2011), na obra *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trata-se das formas de existência do homem em sua relação seminal e concreta com a Terra, ou a natureza, ou o meio. Inclusive, a visão de Dardel influenciou Yi Fu Tuan, que tem o pensamento fenomenológico e humanista desenvolvido em *Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência* (TUAN, 1983). A concepção de Geografia de Tuan é uma das bases teóricas para nossa análise de *Espaço Terrestre*.

Nessa concepção, o romance de Gilvan Lemos é exemplo de geograficidade. Ademais, somam-se a uma compreensão geográfica sentidos para alguns personagens, que são construídos a partir do espaço em que habitam. A Literatura, portanto, se apresenta como um rico material a ser apreciado pelos geógrafos, já que estes “evocam a alma dos lugares e o cotidiano das pessoas” (RODRIGUES, 2020, p. 132).

Para uma melhor compreensão da construção desse raciocínio, iremos evidenciar, no próximo capítulo, o percurso, a trilha metodológica que orientou este trabalho.

2. TRILHA METODOLÓGICA

As ciências do espírito; seu objeto não é um, mas dois “espíritos” (o que é estudado e o que estuda, que não devem se fundir em um só espírito). O verdadeiro objeto é a inter-relação e a interação dos “espíritos”. (BAKHTIN, 2019)

Segundo postula Bakhtin, “o complexo acontecimento do encontro e da interação com a palavra do outro tem sido quase totalmente ignorado pelas ciências humanas (a começar pela ciência da Literatura)” (BAKHTIN, 2019, p.39). Portanto, o fazer científico deve nos permitir o diálogo amplo entre as muitas áreas de conhecimento. Compreendemos que esse diálogo é uma das bases do conhecimento e de sua própria ampliação.

O conhecimento é resultante também da compreensão da palavra do outro (BAKHTIN), e a ciência propicia diversos questionamentos na mesma proporção que se esforça para possibilitar respostas. Pensar sobre o universo, sobre o mundo e sobre o outro é combustível para o desenvolvimento da ciência, pois “aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós” (BAKHTIN, 2019, p. 41).

Não temos como objetivo unificar as áreas dos conhecimentos científicos (“espíritos”), mas evidenciar como a interdiscursividade é rica e grandiosa. Para que esse processo fosse possível, nos propusemos a abordar vários elementos metodológicos que constituem o “espírito” da Geografia e o da Literatura.

Buscamos ressaltar a compreensão de uma obra de forma mais ampla abordando os aspectos que podem explicar as motivações para a sua existência, o contexto da sua construção, o contexto abordado pelo enredo, os espaços presentes na obra e na formação do indivíduo-autor, além dos signos presentes em todos esses espaços expostos, ficcionais ou não. Tais análises tentam suplantar as dificuldades que diversas vezes foram impostas por uma espécie de individualismo científico, o qual só produz atrasos e segregações, afinal, não existem conhecimentos mais ou menos importantes, mas é verdade que estes apresentam diferentes funcionalidades. A busca pelo progresso da ciência é o maior objetivo, e isso não consiste em uniformidade, e sim em interação.

Para tanto, visamos, através dos passos 2.1 – o tipo de pesquisa, 2.2 – o *corpus*:

descrição e seleção e 2.3 – procedimentos de análise, apresentar ao leitor as propostas e dinâmicas utilizadas na construção desta pesquisa, examinando as aproximações entre concepções de espaço na Geografia e na Literatura. Por meio da investigação das imbricações de aspectos geográficos espaciais e da categoria espaço na referida obra, analisamos a composição, tanto física quanto idiossincrática, de personagens a partir da categoria espaço e averiguamos as interferências do espaço geográfico na construção de mudanças no comportamento social. O conhecimento do conceito de espaço geográfico pode potencializar a compreensão de narrativas e contribuir para uma melhor compreensão da categoria espaço na narrativa *Espaço Terrestre*.

Invocando essa necessidade de interação para suplantarmos alguns obstáculos, apontaremos agora os caminhos seguidos neste trabalho, que visam ampliar a compreensão do espaço literário com a contribuição da Geografia.

2.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa foi conduzida com base em revisão bibliográfica, com o objetivo de permitir a compreensão dos espaços em *Espaço Terrestre*, tanto na percepção literária como na geográfica. Assim, essa abordagem é proposta na tentativa de explicar a necessidade de imbricação do conhecimento através da interdisciplinaridade, a compreensão da importância da ideia de espaço como objeto de estudo da Geografia e permitir, através da Literatura, o entendimento das diversas formas de apresentação espacial, desde a ambiência até a subjetivação dos indivíduos, sejam estes personagens ou autores.

Para a aplicação dessa análise, fizemos uma avaliação minuciosa da obra gilvaniana *Espaço Terrestre*. As palavras de diversos autores foram imprescindíveis à compreensão dos muitos conteúdos abordados. Como diz Bakhtin,

A procura da própria palavra é, de fato, a procura da palavra precisamente não minha, mas de uma palavra maior que eu mesmo; é o intento de sair de minhas próprias palavras, por meio das quais não consigo dizer nada é essencial. Eu mesmo posso ser apenas personagem, mas não autor primário. A procura da própria palavra pelo autor é, basicamente, procura do gênero e do estilo, procura da posição de autor (BAKHTIN, 2019, p.47).

Esse anseio polifônico¹⁸ e não apenas documental nos norteou dentro de uma perspectiva qualitativa, visto que reforçou nosso objetivo de observar as contribuições dadas pela leitura do espaço geográfico em busca de ampliar as leituras do espaço literário.

2.2 *Corpus*: descrição e seleção

O *corpus* escolhido foi o romance *Espaço Terrestre* – uma das importantes obras do autor pernambucano de São Bento do Una. Essa obra foi publicada na década de 1990 que foi republicada pela CEPE (Companhia Editora de Pernambuco), assim como outras obras de Gilvan Lemos.

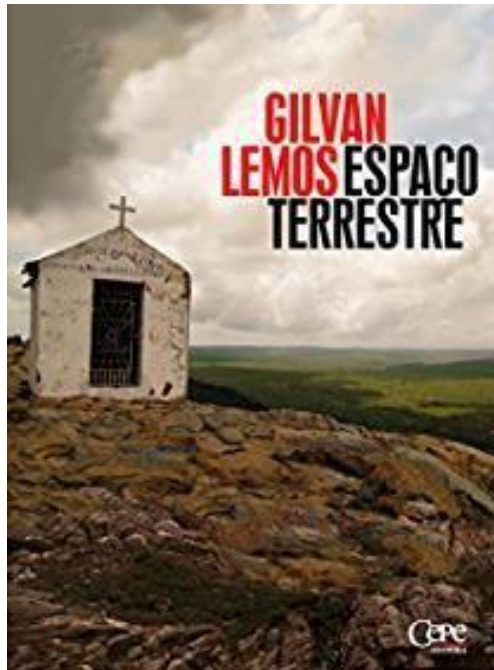


Figura 1

(FONTE: CEPE Editora, 2018)

A obra gilvaniana apresenta diversos aspectos de grande relevância. Gilvan Lemos contempla, no universo literário, características do regionalismo e da formação da cultura brasileira. Lemos aborda questões sociais que se apoiam em formações históricas, étnicas,

¹⁸ Lembremos, por oportuno, que o termo *polifonia*, adotado por Bakhtin do vocabulário da música, foi por ele usado para qualificar o projeto estético realizado por Dostoiévski em seus romances da maturidade. Bakhtin considerava que Dostoiévski havia criado um gênero romanesco novo. (...) Polifonia não é, para Bakhtin, um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes (FARACO, 2009, p.77).

culturais, naturais e socioeconômicas. Dessa forma, a seleção do objeto foi baseada nas imensas possibilidades de discussões que podem ser abrangidas pela polifonia presente na obra.

2.3 Procedimentos de análise

Nosso *corpus* de análise foi observado a partir de autores do universo geográfico e do universo literário. O conhecimento filosófico trouxe luz ao nosso trabalho para explicar todo o embasamento proposto para o exercício da interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura, através do conhecimento das questões levantadas por Thomas Kuhn. Posteriormente, foram abordadas perspectivas espaciais concernentes à Geografia Humana, como a dos geógrafos Yi Fu Tuan e Milton Santos, que, embora sejam geógrafos humanistas, apresentam diferentes abordagens no estudo do espaço geográfico. Em sequência, trabalhamos com um importante filósofo que trouxe muitas contribuições para a Geografia, especialmente de abordagem marxista: Henri Lefebvre.

As questões do espaço literário foram discutidas a partir das concepções de Osman Lins. Para além de sua obra literária, mundialmente conhecida, esse autor pernambucano também contribuiu para os estudos sobre a compreensão do espaço na Literatura. Além da contribuição teórico-metodológica de Lins, salientamos a relevância dele no trato pessoal como um valoroso incentivador das obras e das publicações de Gilvan Lemos.

Para possibilitar a ampliação dos estudos, estudamos também, mas com menores contribuições, Antônio Dimas, que reforça a importância de Osman Lins nos estudos a respeito do espaço. Ademais, Dimas evidencia uma perspectiva de abordagem entre Geografia e Literatura, a qual, na visão dele, foi construída de forma equivocada. Por isso, construímos nosso trabalho dialogando a discussão de Dimas com a análise do geógrafo Yi Fu Tuan, o que propiciou uma análise geográfica menos pragmática e mais humanista, a qual se importa com o olhar do sujeito, e não apenas com a localização ou com a descrição de paisagem.

Por fim, destacamos a importância das relações entre sujeito, obra, espaço e tempo, embasadas nos estudos de Mikhail Bakhtin. O conceito de Cronotopo bakhtiniano configurou-se como um apoio fundamentador, além das questões de intertextualidade, de interdiscursividade e as preocupações de Bakhtin sobre Literatura, Cultura e Ciências Humanas.

Ademais, as discussões sobre a existência do homem, suas dores, desafios e conquistas são expressas pela Literatura. Ela é, também, um registro da vida em algum lugar, em algum tempo no espaço e até no espaço de *Espaço Terrestre*.

Ouvir a palavra do outro, o ponto de vista do outro é um exercício de alteridade que nos traz a palavra. Poder potencializar ainda mais o discurso e a compreensão dessas visões estereoscópicas é um dos maiores propósitos deste trabalho.

3. CONCEPÇÕES DA CATEGORIA ESPAÇO

Na Literatura, assim como na Geografia, existem diferentes maneiras de visualizar e de representar o mundo. O estudo do espaço a partir do olhar da Geografia pode contribuir para leituras do espaço na Literatura. Assim, nos propusemos a apresentar as diversas formas de observações e de conceituações a respeito do espaço sob a perspectiva de geógrafos e de estudiosos da Teoria Literária, que muitas contribuições proporcionaram a este estudo.

Inicialmente, apresentaremos as questões espaciais concernentes ao autor de *Espaço Terrestre*, tomando como base sua vida e sua obra. Isso possibilitará uma visão acerca do autor e do quanto as experiências e as percepções de mundo dele contribuíram para sua produção literária, bem como para permitir que o leitor amplie percepções sobre a narrativa em questão. Para tanto, produzimos um pequeno resumo da obra, para que, dessa forma, também possamos potencializar as discussões em relação ao espaço em *Espaço Terrestre*.

Em seguida, ainda no que concerne ao espaço, apresentaremos as percepções dos geógrafos Tuan e Santos e as do filósofo Lefebvre, somadas às do escritor e estudioso Osman Lins. Nessa abordagem, achamos interessante apresentar essas percepções de acordo com as aproximações desses autores a respeito do tema, subdividindo o estudo da seguinte forma: as perspectivas espaciais de Yi Fu Tuan; as percepções espaciais proporcionadas pelas discussões de Milton Santos e de Henri Lefebvre e, em sequência, as percepções de Osman Lins.

3.1 Um espaço para Gilvan Lemos: vida e obra

O escritor Gilvan Lemos nasceu em São Bento do Una¹⁹, agreste de Pernambuco. São

¹⁹ O Brasil ainda era colônia portuguesa quando Antônio Alves Soares e sua família chegaram à região do Vale do Una, em 1777, fugindo de uma grande e terrível seca que assolava inúmeras regiões, principalmente o Nordeste brasileiro, geradora de inúmeros estragos em produtos provenientes da atividade agropastoril, como, também, diversas perdas humanas. A seca, neste caso, foi um dos fatores que fizeram com que, alguns anos depois, outras pessoas chegassem às proximidades dos rios Una, Ipojuca e Riachão. Próximo ao Una, rio que posteriormente complementaria o nome da cidade de São Bento, as pessoas empreenderam uma dinâmica habitacional, comercial e econômica, fazendo com que estas ações contribuíssem com o desenvolvimento do futuro povoado. No local conhecido como Fazenda Santa Cruz, nome que fazia alusão a uma velha cruz fincada no local que depois se chamaria São Bento, os primeiros habitantes começaram a estabelecer moradia. Com a chegada do padre Francisco José Correia e de outras pessoas, deu-se início à construção de uma capela, a qual, tempos depois, foi ampliada em sua estrutura, correspondendo ao atual prédio da Igreja Matriz da cidade. No dia 30 de abril de 1860, São Bento emancipa-se da Vila de Santo Antônio de Garanhuns, passando a ser, também,

Bento do Una é um município que, assim como outros espaços agrestinos, é marcado pela semiaridez e pela formação socioeconômica fundamentada na pecuária leiteira e nas atividades de produção algodoeira, que um dia forjaram a economia da região, pelo menos, até o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil teve de romper com a economia alemã, grande consumidora do algodão.

São Bento do Una teve origem por um assentamento espontâneo na década de 1820, em uma antiga fazenda que teria sido ocupada por migrantes, fugidos da fatídica seca de 1777. Naquela circunstância, foram registrados diversos óbitos causados por cobras; por isso, a população passou a invocar a intervenção de São Bento, alterando o nome da localidade de Santa Cruz para São Bento do Una, que se emancipou de Garanhuns em 1860. O rio Una e o Ipojuca são dois dos mais importantes da região.

A semiaridez produz um solo pouco desenvolvido e de aparência pedregosa; ademais, a criação de caprinos em anos mais difíceis torna-se uma ocupação comum na região. Dito isso, observamos que na obra *Espaço Terrestre*, Gilvan Lemos evidencia, em diversos trechos da narrativa, que o espaço de Sulidade em sua obra é também um espaço experiencializado pelo autor.

Assim, vemos que, nesse caso, no espaço natural da narrativa, além do ambiente social, estão presentes signos que fizeram parte da vida do autor e da sua formação histórico - social. Sobre a migração para a formação do assentamento que originará a fictícia Sulidade, o narrador registra:

No carroção puxado por muares viajavam as mulheres, Ramires e Albano montavam cavalos, e Dito, num jumento, conduzia outro carregado, além de uma vaca com a cria e mais duas cabras e um bode. No dia que partiram,

uma Vila. Esta autonomia irá gerar transformações no que tange a sua conjuntura política, econômica e estrutural. A Vila de São Bento será elevada à categoria de cidade 40 anos depois de sua emancipação, no dia 8 de junho de 1900. Segundo o advogado e são-bentense Orlando de Almeida Calado, em sua coluna publicada no Portal São Bento do Una, na transição de Império para República, o que era Vila permaneceria Vila e o que era cidade permaneceria cidade, caso peculiar de pouquíssimas cidades, dentre elas, São Bento do Una (NETO, Dilermando, 2018, p.56).

Ramires registrou a data no fundo do carroção: 15 de maio de 1826 (LEMOS, 2018, p.46).

Ainda para ilustrar a formação de Sulidade espelhada nas informações históricas da fundação de São Bento do Una, destacamos:

Três dias depois, já os Marinheiros²⁰ determinando o lugar das construções. José Ramires, ao deslocar uma pedra que impedia a demarcação do terreno da sua casa, foi picado por uma cobra cascavel. Gritou por socorro. Atenderam-no, mas inutilmente, já estava descangotado. Morreu nos braços de Albano Nuno Varela (...) (LEMOS, 2018, p.57).

A presença de elementos naturais na narrativa evidencia claramente que muitas dessas informações estavam na memória produzida, de forma certamente coletiva, presente no ambiente de desenvolvimento de cultura mais primário de Lemos. As questões relacionadas ao relevo, ao solo, à flora, à fauna, aos recursos hídricos bem como às escolhas feitas para a realização de atividades produtivas diante desse quadro natural regional agreste são extremamente fortalecidas na narrativa como algo não idealizado, mas experimentado pelo autor.

O ambiente agrestino é marcado pela transição entre a Zona da Mata e o Sertão. O Agreste é uma sub-região²¹ do Nordeste ou uma mesorregião²² pernambucana, dados os devidos cortes territoriais. Diversos foram os obstáculos para a ocupação regional agrestina onde hoje se consolida o município de São Bento do Una. Pode-se observar que a presença das serpentes na região, de fato, em algum momento, dificultou o povoamento em determinadas áreas. É importante que se diga que as alterações ambientais causadas pelas ampliações do cultivo da cana-de-açúcar, no litoral e na Zona da Mata, impeliram a produção pastoril para o ambiente do Agreste. Essa implantação gradual de atividades pastoris era facilitada pelo fato de que os animais acompanhavam os migrantes em sua jornada rumo ao interior. Por esse motivo, no Sertão nordestino, até mesmo o rio São Francisco, por exemplo, passou a ser

²⁰ Marinheiro foi um termo usado popularmente no período colonial pelos nativos do Brasil para se referirem aos chegados de Portugal (LEMOS, 2018).

²¹ As sub-regiões são parte das macrorregiões brasileiras. Essa delimitação é feita de acordo com a delimitação e a caracterização de regiões e sub-regiões naturais e zonas geoeconômicas, com vistas ao planejamento regional em geral e em particular (CFGP, 1962, p.602).

²² As Mesorregiões Geográficas são conjuntos de municípios contíguos, pertencentes à mesma Unidade da Federação, “que apresentam formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante, o quadro natural, como condicionante, e a rede de comunicação e de lugares, como elemento de articulação espacial IBGE (Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas, v.1, 1990, p. 8).

chamado de “rio dos currais”. A respeito da ocupação de São Bento, por tais atividades agropastoris, Neto nos conta que

A agricultura era muito pequena, constando de pequenas hortas à beira dos rios, encontrando-se queimadas estéreis (costume primitivo desmatar a terra queimando a madeira derrubada). Com a derrubada da floresta, particularmente do vale do Rio Una, encontrava-se grande quantidade e variedade de ofídios, (...) chegou à freguesia de São Bento a oportunidade de ver sessenta e tantas cobras mortas e juntas num só dia, além de uma cascavel enrodilhada, parecendo “uma perua no ninho”. Os habitantes, aterrorizados, começaram a invocar o nome de SÃO BENTO. Essa devoção divulgou-se por toda parte e por todas as famílias, sem objetivar-se, a não ser por uma imagem do mesmo Santo, adquirida depois. (CINTRA/ *In* NETO, Dilermando, 2018, p. 55).

Simbolicamente, a presença das serpentes representa as surpresas ou frustrações sofridas por aqueles que se envolveram nessa árdua caminhada do litoral ecúmeno²³ para as terras anecúmenas²⁴ do interior (sertão). Em *Espaço Terrestre*, o Sr. Ramires, apesar de tanta liderança e organização na preparação da sua caminhada, teve sua vida rapidamente abreviada pelo encontro letal com uma serpente.

A relação entre Gilvan Lemos e o espaço em que nasceu se aproxima muito do espaço presente na narrativa. Outro elemento que nos chama atenção é a importância do Padre Feitosa, que passaria a ser uma nova liderança com a morte do Sr. Ramires:

Foi então que, depois desses anos todos, desde a chegada dos Marinheiros, descobriu-se enfim o mistério da caixa do Padre Feitosa, entre seus pertences. Uma caixa enorme, que necessitaria de dez homens para carregá-la, resguardada posteriormente de modo tão severo que até se pensava que fosse a Arca da Aliança que ela continha. Mas era um sino (...) (LEMOS, 2018, p.61).

A imagem do Padre é um elemento bem presente na formação de São Bento do Una, pois foi o Padre Francisco José Correia que implantou na localidade um imenso cruzeiro, transformado, anos depois, na Capela onde surgiria a Igreja Matriz. A presença do Padre

²³ Ecúmena corresponde a uma significativa parte da Terra habitada pela espécie humana (SOUZA, 2017, p.28). Portanto, é a área onde as condições naturais são mais propícias ao processo de ocupação humana.

²⁴ Anecúmenas são porções da Terra com condições hostis ao estabelecimento humano. Entretanto, o atual nível tecnológico permite ao ser humano ocupar praticamente todo o planeta (BARROS, 2018, p.21).

Francisco erguendo um cruzeiro que se tornara um marco no povoado, hoje São Bento do Una, provavelmente reforça a ideia de que Gilvan Lemos compreendia que a presença de uma figura religiosa também vinha de veras carregada de representatividade institucional, pois é sabido historicamente que, por séculos, não houve registro civil no Brasil e que a Igreja era responsável pelo registro não apenas dos ritos religiosos, mas, por meio deles, ela promovia o reconhecimento da existência institucional dos moradores das suas cercanias.

O Padre Feitosa, em Sulidade, também tinha essa atribuição. E o sino, assim como o cruzeiro do padre Francisco, era uma confirmação de que, mesmo com a migração e o isolamento, a identidade religiosa estava ainda arraigada nas origens daquela comunidade formada principalmente por Marinheiros.

É relevante ressaltar o caráter de verossimilhança presente no romance gilvaniano. Ocorre, dessa maneira, uma relação entre o mundo ficcional e o mundo constituído de forma empírica, os quais validam as questões históricas da formação de Pernambuco e de seus conflitos até as questões de formação de pequenos povoados que deram espaço a alguns atuais municípios, a exemplo de São Bento do Una, e até as questões de alteridade que envolvem as gerações que produziram as características miscigenadas do povo brasileiro representado por Recife e por Sulidade.

Ainda é importante citar que a influência do espaço geográfico em narrativas não remonta apenas à obra de Gilvan Lemos. Acerca de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, por exemplo, muito já foi dito sobre a personagem Conceição e a autora, da mesma forma, sobre os aspectos climáticos que a própria escritora testemunhou durante sua vida. Esses registros de reações socioespaciais, que tão enormemente povoam a Geografia, reforçam sua presença na Literatura, provando que – como bem observou Bakhtin – não existe texto puro, principalmente se este relata o desenvolvimento de um ser social, e não de uma paisagem natural. As relações empíricas com o espaço geográfico reforçam os elementos espaciais na narrativa vividas pelas personagens de ficção, confundindo-se com o contexto vivido pelos indivíduos que viveram na sociedade nordestina. Assim comenta Araújo a obra de Rachel:

Com todas as descrições quase palpáveis, com a realidade expressa de maneira clara e simples, Rachel de Queiroz buscou atingir, além daqueles que viviam e conheciam a realidade do sertão, também aqueles que não se encontravam na condição de sertanejo e desconheciam completamente as dificuldades

enfrentadas por este povo. A autora buscou relatar um lugar distante, um espaço que não pertence à maioria dos brasileiros, que se localiza fora da compreensão dos que vivem além da condição de sertanejo (ARAÚJO, 2009, p. 21).

Na nossa perspectiva, essa experiência possibilita ainda mais a construção de um espaço ficcional preenchido por elementos que apresentam tanta riqueza de detalhes que podem ampliar ainda mais a visão do leitor, principalmente aquele que não teve ainda contato como o espaço geográfico descrito de forma ficcional. Araújo (2009, p.4) afirma, ainda sobre a obra de Rachel de Queiroz: “A temática da seca certamente é um assunto bastante comum na sua vida”, pois a autora teve origem nesse espaço em que a semiaridez do clima assola e possibilita mais fortemente a exploração do indivíduo, evidenciando que a ausência ou a ineficiência do Estado assevera ainda mais a situação.

Não dizemos com isso que as obras se aproximam. Na verdade, o objetivo é demonstrar que Lemos, em seu romance, não se distancia das influências das espacializações geográficas e que, por isso, certamente, se apropria com tanta propriedade e verossimilhança desse espaço na ficção.

Lemos teve ocupações que não envolviam necessariamente a Literatura, ao que se dedicava por paixão. As questões editoriais, as limitações regionais de investimentos em produções de muitos talentos locais (do Nordeste) tiveram como consequência o fato de que Lemos não teve nacionalmente o seu merecido reconhecimento, um fato lamentável. Gilvan, ainda moço, foi para o Recife, onde viveu até sua morte. De acordo com o seu biógrafo, Thiago Lemos, o autor falava do desejo de seguir os passos de outros escritores que tiveram mais oportunidades de publicação porque foram para o Sudeste. Por não ter ido, o isolamento e a timidez tornaram-se parte da sua personalidade (CORRÊA, 2017).

Ainda na adolescência, escreveu sua primeira obra, chamada *Pinguim*, publicada por Gilvan em revistas feitas à mão, e desde muito cedo, se envolvia na escrita de histórias das mais variadas, divertindo os amigos com gibis escritos e desenhados à mão.

De acordo com Corrêa (2017), Gilvan Lemos teve proximidade com Osman Lins, também escritor pernambucano, que se tornou uma espécie de tutor do autor de *Espaço*

Terrestre. Gilvan tornou-se ainda membro da Academia Pernambucana de Letras, aclamado por 33 dos acadêmicos.

Para uma melhor análise da obra referida, decidimos apresentar um breve resumo, a fim de possibilitar ao leitor uma leitura mais clara das percepções espaciais que serão analisadas.

3.2 Resumo da obra

Em junho de 1949, José Albano Neto amanheceu com 21 anos de idade. José Albano Neto aventava a hipótese de que os antigos moradores de Sulidade não tivessem restaurado corretamente o calendário, visto que, durante a saída do litoral para o Sertão, tinham-no negligenciado e, assim, perdido a sequência dos dias, meses e ano em que viviam. E assim se formou a comunidade de Sulidade. O seu avô dizia que os fundadores da vila se guiavam por um calendário improvisado. Dessa forma, todos os habitantes de Sulidade, inclusive os Albanos, teriam vivido em épocas trocadas, anos errados, portanto, permanecido por mais de um século desgarrados no tempo e no espaço.

De acordo como José Albano Neto, depois do seu trisavô, Albano Nuno Varela, nenhum dos seguintes conheceu a própria mãe. Albano Filho, seu bisavô, perdeu-a ao nascer; José Albano, seu avô, e Albano José, seu pai, igualmente. Sem falar dele mesmo, José Albano Neto, cuja mãe também morreu de parto, em decorrência do qual ele veio ao mundo. Em cinco gerações, cinco Albanos, um em cada geração, nenhum Albano deveria morrer antes do pai.

O avô havia lhe dito que não pretendia uma mulher qualquer para o neto. Aspirava-lhe um casamento com uma descendente dos antigos Marinheiros (antigos imigrantes de origem europeia, sobretudo, portugueses), gente que conhecia de rama e raça. Do avô, José Albano Neto apreendia as histórias da família e de Sulidade. Histórias não documentadas, não contadas em livros, sujeitas às interpretações pessoais, diminuições ou acréscimos próprios de narrativas que, por muito repetidas, vão-se deturpando naturalmente. Na família Nuno Varela, o avô era sábio.

O primeiro Albano aportara no Brasil por volta de 1810, por aí, vagamente; ninguém sabia ao certo, como ao certo não se sabia de que região de Portugal ele viera. De Portugal, da

Galiza, da Espanha. Ou viera de parte alguma, aqui nascera e se criara, remanescente dos holandeses que, no século XVII, dominaram por mais de vinte anos a região pernambucana.

Esse primeiro Albano podia ser descendente de um pirata inglês, de um francês que tivesse vindo do Maranhão, no período em que os franceses fundaram São Luís. Não descartava, ainda, a ideia de que o mesmo Albano tivesse sangue judeu, os chamados marranos ou cristãos novos. Sobre isso, os Albanos calavam. Mas quanto a ser loiro de olhos claros, não havia discordância. Os Albanos eram todos loiros e de olhos claros. Afinal, em Sulidade, esses atributos se descaracterizavam, o que constituía a maior glória dos Albanos.

O primeiro Albano, Albano Nuno Varela, teria sido trazido numa canoa, e desembarcado no cais do trapiche, jogado a terra como volume duma mercadoria qualquer, o corpo moído da travessia realizada em condições precárias, num navio que parecia somente balançar, em vez de navegar. Fora difícil a adaptação ao Mundo Novo.

Segundo lhe haviam informado, Olinda continuava a ser capital da província, embora o Recife já a ultrapassasse em número de habitantes, de movimento comercial e de tudo mais, tendo avançado da ilha onde se originara até as outras vizinhas e alçado o continente, dando mostra de que pretendia dilatar-se, enquanto Olinda minguava em seu ressentido orgulho.

Por mais que lhe explicassem, Albano Nuno Varela não conseguia entender aquela nação de brancos, negros, indígenas e mestiços. De negros que se diziam escravizados, de brancos que se diziam livres, mas não gozavam nem um nem outro de plena liberdade. Um poder supremo, vindo do rei, dos governadores, dos senhores de engenho, dos altos comerciantes, dos patenteados, enfim, unificava-se, tornando-se um só, impalpável, invisível, mas invencível.

Ele imaginava que aqui encontraria portugueses como na terra, mas aqui os próprios portugueses se dividiam, enquanto o rei, que deveria ser tanto de cá como de lá, só era de lá. O bairro portuário era o mais densamente povoado com sobrados de até seis andares, com pontos comerciais.

Na década de 1920, Albano Nuno Varela seguiu em direção ao interior com cerca de 20 famílias de diversas profissões. Nesse percurso, se deparou com indígenas e com negros

fugidos, firmando-se em uma terra seca, típica do interior, que fora chamada de Sulidade, onde, aos poucos, foi consolidada uma vila e onde conheceu a Saíra, neta do chefe do quilombo, com quem teve seu filho, e perdera a mulher no parto, iniciando, assim, uma saga entre as mulheres escolhidas pelos Albanos.

Albano Filho nasceu e se uniu a Mariá, que pariu José Albano, que se uniu a Maria da Saudade, após a morte do seu pai José Albano e nove anos desaparecido da vila. Em 1890, nasceu Albano José, filho legítimo de José Albano e de Maria da Saudade. Maria da Saudade foi enterrada embaixo de um umbuzeiro²⁵ e nem chegou a ver o próprio filho.

Albano José casou-se com Andreza, que, ainda menina, havia sido resgatada pelo pai, José Albano, de uma família de romeiros que seguiam uma romaria até a Bahia, em busca de Antônio Conselheiro. Também Andreza, após o parto, faleceu, e assim, nomearam o menino de José Albano Neto o quarto da linhagem. Mas foi com Saí, uma remanescente do quilombo e neta de José Albano que, a saga das mulheres dos Albanos se encerrou. Saí era filha de Maria Branquinha, que por sua vez era resultado de das aventuras no rio entre José Albano com Maria Pretinha no Jirau, na gestão do chefe Giru. Maria Pretinha, também morrera no parto. O filho de Saí e de Albano José, ambos netos de José Albano, foi nomeado de Albano Nuno Varela como o primeiro dos Albanos, mas agora com o jenipapo da miscigenação.

Em *Espaço Terrestre*, o espaço é tão importante e determinante, que aparece até no título da obra. Nessa perspectiva, essa narrativa gilvaniana se aproxima, por exemplo, de outras obras em que o espaço é tão visivelmente determinante, que chega a insinuar-se como um romance de espaço. Tais obras, para citar alguns dos clássicos da Literatura brasileira, são *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia; *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo; *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos; *Grande sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa; *Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus. Há, na verdade, uma longa lista, entretanto não constitui intento deste trabalho a análise ou os comentários dessas obras. Nelas, o espaço chega

²⁵ O umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) é uma planta de grande ocorrência no Semiárido brasileiro, principalmente no Bioma Caatinga (...). O fruto do umbuzeiro, conhecido como imbu,ambu ou umbu, é muito apreciado e, por isso, constitui-se em uma opção de complemento de renda para produtores rurais. (...) nativa do Semiárido brasileiro (...) não existindo relatos da sua ocorrência em outras regiões do planeta. É uma espécie de grande importância para o Bioma Caatinga, pois, além de sobreviver sob as condições hostis do clima semiárido, consegue produzir uma grande quantidade de frutos (LIMA FILHO, 2011, p.5-7). O autor Gilvan Lemos utiliza o termo "imbuzero" como popularmente se usa na região Nordeste para se referir a umbuzeiro. (*Nota nossa*)

a interferir no enredo e na construção das personagens. Essa espécie de geografização literária potencializa a ideia que desejamos confirmar: há mais relação entre a Geografia e a Literatura do que pode alcançar nossa vã filosofia.

Em consonância com o estabelecimento de inter-relações, decidimos apresentar as variadas concepções de espaço tanto sob o ponto de vista geográfico quanto literário. Iniciaremos nossa abordagem com as percepções dos geógrafos Yi Fu Tuan e Milton Santos e, em seguida, com as do filósofo Henri Lefebvre . No tópico 3.4 abordaremos as contribuições do escritor Osman Lins a respeito do estudo do espaço na Literatura.

3.3 Um espaço para as percepções dos geógrafos Tuan e Santos e as do filósofo Lefebvre

“Saber pensar o espaço, para nele se organizar”
(LACOSTE, 2012)

É verdade que o espaço se difere em concepções e apresentações, pois ele se apresenta de maneira estereoscópica²⁶. Se o ser humano produz naturalmente, com cada um dos seus sentidos, percepções diferentes do mesmo espaço, podemos aceitar a ideia de que as transformações de compreensões desse objeto devem ser possibilitadas e ampliadas pela ciência. Ademais, a paisagem, a luz, o som são alguns dos elementos que produzem diferentes percepções físicas, naturais, mas também produzem vigor as memórias de um ambiente, sobretudo quando ele é a terra natal.

Dentro de uma visão estereoscópica, discutiremos as diversas formas de apresentação do espaço, ou as visões paradigmáticas do espaço geográfico e suas necessárias revoluções de percepções. Uma contribuição para ampliar a visão, por exemplo, acerca do potencial do espaço romanescos é um maior conhecimento de concepções do espaço geográfico. A partir dessa experiência, é possível uma mais ampla compreensão da transmutação que os romancistas produzem em suas obras.

²⁶ Visão estereoscópica ou estéreo diz respeito à visão em três dimensões e constitui a reprodução artificial da visão binocular natural. A profundidade, gerada pela visão binocular como já citada, é dada pela diferença de ângulos com que as imagens são percebidas. Ao apresentar aos olhos duas imagens de um mesmo objeto, de pontos de vista diferentes, e conseguir por algum artifício, fazer com que cada olho capte somente a imagem colocada à sua frente, o cérebro, ao receber as duas imagens distintas, interpreta-as como as imagens que receberia se observado o objeto diretamente, e as funde em uma única imagem tridimensional, realizando a visão binocular natural (CAMPOS, 2007, p.4).

No intuito de dialogar essa ampliação das percepções do espaço geográfico com a presença dele em textos literários, buscamos as concepções de espaço sob a perspectiva de diferentes estudiosos que muito contribuíram com a Geografia: Yi Fu Tuan²⁷, Milton Santos²⁸ e Henri Lefebvre²⁹. Assim, para uma maior construção hermenêutica da leitura que fazemos de *Espaço Terrestre*, é necessário sabermos as percepções do espaço que esses autores individualmente apresentam.

Milton Santos, geógrafo brasileiro, teve uma enorme contribuição para a formação de uma Geografia que evidencia um espaço de transformações econômicas e sociais marcadas por uma enormidade de desigualdades sociais, econômicas e políticas. Partindo desse entendimento, Santos afirma que “a palavra espaço é uma dessas que abrigam uma multiplicidade de sentidos” (SANTOS, 2013, p.85), concepção que o motivou a produzir muito sobre o tema. Segundo o geógrafo,

Sabemos que o permanente não o é porque as visões sucessivas tornadas possíveis pelo conhecimento desmancham a nossa construção das coisas, até mesmo daquelas que considerávamos eternas. E sabemos também que, hoje, não o abarcamos todos, mas é nossa tarefa não obstante a busca de seu entendimento (SANTOS, 2013, p.85).

Santos admite a necessidade de um espaço em evolução, mas que não pode ser compreendido sem que se observem e se analisem os contextos que propiciaram historicamente sua evolução. O espaço é para ele um conjunto de objetos indissociáveis de outros objetos e de ações. O geógrafo brasileiro diferencia um sistema de objetificação e um sistema filosófico de análise do espaço que nem sempre se complementam e que não podem fugir de um sistema de

²⁷ Yi Fu Tuan – geógrafo sino-americano, com formação em Oxford (graduação em 1951 e mestrado em 1955), doutorado em Berkeley, na Califórnia (1957), com título *A origem dos frontões do Sudoeste do Arizona*, filho de diplomatas e nascido em 1930, em Tianjin (Tientsin), China. (...) Assumiu a posição de professor na Universidade de Minnesota, onde ficou de 1968 até 1983. Transferiu-se para a Universidade de Wisconsin-Madison, onde permaneceu até a sua aposentadoria (TUAN, 2015, p.6).

²⁸ Milton Santos é considerado um dos maiores pensadores brasileiros. Em 1948, concluiu o curso jurídico na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Geografia pela Universidade de Estrasburgo, França (1958). Em 1994, conquistou o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, equivalente ao Nobel de Geografia. Era Doutor *Honoris Causa* das Universidades de Toulouse, França; Universidade Federal da Bahia; Universidad de Buenos Aires; Universidad Complutense, de Madrid; Universidade Federal de Sergipe; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Estadual do Ceará; Universidad de Barcelona; Universidade de Passo Fundo e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Sua bibliografia inclui 44 livros, vários deles trazendo novos estudos e teorias no terreno da Geografia Humana e do Urbanismo (UESC, 2001, p.1).

²⁹ Henri Lefebvre é apontado por Soja (1993, p. 24) como a "mais persistente, insistente e consistente" fonte primária do ataque ao historicismo e da reafirmação do espaço na teoria social crítica, com uma teoria sobre a produção social do espaço.

ações.

O espaço em diferentes momentos da Geografia assumiu diferentes significados, sendo inicialmente limitado ao ambiente e posteriormente extensivo ao pensamento, reflexões, experiência e às transformações produtivas e sociais. Corrêa (2018) comenta que Santos reflete que “a Geografia sem esse espaço humanizado é uma viúva do espaço”. Santos analisa o espaço como diferentes propostas de objeto de estudo, imbuídas ou não de artificialidade ou de afetividade (quando o espaço é afetivo, ele equivale a um lugar³⁰).

Preocupado com as questões que envolvem as dinâmicas espaciais, Milton Santos denuncia uma ampliação dos ideais capitalistas que mercantilizaram os espaços, independente das relações afetivas presentes neles. Um espaço de intencionalidades mercantis ou simbólicas como nunca antes visto, preenchido por ações racionais que se articulam, em movimento ao atendimento e à obediência de propósitos hegemônicos de acordo com os interesses em elementos técnicos e científicos.

Esses propósitos fortalecem uma visão pragmática e enfraquecem a espontaneidade dos discursos, que passam a ser usados de forma a catequizar e manipular as reflexões sobre o espaço e tempo dentro de uma conjuntura de favorecimento do ambiente produtivo. Santos afirma que

trata-se de uma escolha cruel e definitiva. Nunca, como nos tempos de agora, houve a necessidade de mais e mais saber competente, graças à ignorância a que induzem os objetos que nos cercam e as ações de que não podemos escapar (SANTOS, 2013, p. 88).

Desse modo, os aspectos relacionados com o processo de pensamentos subjetivos sobre o espaço foram amplamente penalizados, uma vez que foram priorizadas as perspectivas do ambiente construído e constituído por e de elementos artificiais.

Assim como Milton Santos, o filósofo e sociólogo Henri Lefebvre não se distanciou muito de tais preocupações. Inclusive, algumas obras publicadas por ele trazem à tona semelhantes discussões, a exemplo de *Espaço e Política* (2016), *O Direito à Cidade* (2016) e *A Revolução Urbana* (2019).

As análises do espaço para Milton Santos e para Henri Lefebvre se aproximam bastante.

³⁰ Lugar é um espaço dotado de valor (TUAN, 2013, p.14). O lugar é, portanto, o espaço com significado afetivo, o que pode variar exponencialmente de um indivíduo para outro de acordo com suas experiências.

Tal aproximação se dá porque esses estudiosos avaliam o processo evolutivo do espaço em relação às transformações sociais, ao capital e ao trabalho. Nessa perspectiva, as referidas análises se apresentam importantes para ampliar a concepção do espaço na leitura de *Espaço Terrestre*, já que o romance se passa na transição do Brasil colonial, imperial para uma fase republicana, narrando as transformações sofridas na vida de cinco gerações de uma mesma família.

De maneira geral, a narrativa descortina um maior envolvimento com um espaço, constituído nas personagens, muito próximo da concepção espacial do geógrafo humanista Yi Fu Tuan. Esse envolvimento se potencializa em decorrência de Tuan nos proporcionar uma abordagem mais relacionada às percepções de cada indivíduo e sua cultura com o espaço no qual este se encontra inserido.

Defendemos a ideia de que as características espaciais da obra de Gilvan Lemos, de fato, podem ser melhor ampliadas dentro da perspectiva de Tuan, embora todo o processo de construção do espaço de ambientação e suas transformações esteja mais envolvido diretamente com aspectos relacionados às perspectivas e às abordagens de Milton e as de Lefebvre. É possível verificar, assim, a relevância do olhar desses estudos espaciais e trazer à tona as evidências, as aproximações e os distanciamentos da abordagem proposta por Gilvan Lemos em *Espaço Terrestre*.

No intuito de enriquecer a análise das diversas perspectivas espaciais e de suas possíveis contribuições à leitura do espaço literário, trouxemos para discussão as contribuições do geógrafo Yi Fu Tuan, como será apresentado a seguir.

3.3.1 Um espaço para Yi Fu Tuan

Yi Fu Tuan, geógrafo humanista, foi influenciado por Gaston Bachelard e pela poética do espaço. Portanto, esse geógrafo humanista valoriza o conhecimento epistemológico, que deve superar os dogmas e as opiniões, reformando as ideias e, assim, evoluindo a ciência e, por conseguinte, as percepções do espaço.

Segundo Silva e Carreto, “Tuan apropria-se do conceito de topofilia, formulado por

Bachelard, e aprofunda a abordagem sobre as relações afetivas para com o espaço em forma de lugar e paisagem” (SILVA, CARRETO, 2020, p.220). O espaço, a partir desse momento, passou a ser trabalhado por Tuan com base no ambiente de afetividade, uma plataforma de sentimentos individuais e coletivos em constantes transformações.

Esse olhar de Tuan sobre as ideias de Bachelard propiciou o lançamento de uma importante obra humanista da Geografia, intitulada *Topofilia*. Nela, Tuan concerne que as percepções de espaço e de lugar podem se diferenciar, mas admite que estejam constantemente entrelaçadas. As relações psicológicas com o espaço também passam a ser mais observadas, permitindo, assim, a compreensão de uma natureza criada e de uma natureza própria ligadas à narrativa. Ademais, percebe-se o espaço pautado no problema, e não na opinião, ou seja, baseado nas percepções antrópicas. Ou, ainda, o espaço de conotações subjetivas, aquele presente no indivíduo e que ele, muitas vezes, não tem consciência de que o carrega.

Dentro dessa abordagem, Tuan define topofilia como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 2015, p.16), isto é, embora não estejam sistematizadas todas as ideias sobre esse tema, não podemos negar que a vivência e o empirismo o tornam concreto.

De acordo com o geógrafo Yi Fu Tuan, o espaço deve ser compreendido não apenas por observações do aspecto produtivo, mas pela perspectiva da experiência. Dessa maneira, o espaço é o ambiente onde o lugar assume o seu significado. Segundo o geógrafo humanista,

Os olhos obtêm informações muito mais precisas e detalhadas sobre o meio ambiente do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo vemos. O som da chuva batendo contra as folhas, o estrondo do trovão, o assobio do vento no capim e o choro angustiado excitam-nos com intensidade raramente alcançada pela imagem visual. Para muitas pessoas, a música é uma experiência emocional (TUAN, 2015, p.20).

Assim como o lugar, o espaço é constituído de experiência e de sentidos, envolvendo sentimentos, cultura, história, as relações sociais e a paisagem. Desse modo, possibilita-se a existência de uma Geografia humanista, criando uma ponte para as abordagens que desejavam se aproximar das Humanidades, da arte, do existencial, do antropológico, tudo isso para além do habitat natural, ao abordar a relação simbólica do sujeito com o mundo. As questões

relacionadas aos sentidos e ao afeto presentes na percepção do espaço podem ser vistas em *Espaço Terrestre* quando Albano Nuno Varela, o primeiro dos Albanos, oriundo de Portugal (a ‘Terrinha’), chega ao Brasil:

Chegavam-lhe recordações da Terra, assim com retalhos pouco distintos de sonhos, fulgores logo ofuscados por opacidade sombria. Assaltavam-lhe imagens incoerentes, trazidas à lembrança sem aparente motivo. Os tamancos do pai a secar diante do fogão, o xailinho da mãe esquecido no espaldar da cadeira, os suspiros, o cansaço de ambos ou seus silêncios transitados, ela mexendo uma panela na cozinha, ele batendo um prego na parede, e o ar frio, o sol sem muita luz, um pano enxugando no varal, porcos a focar os úmidos e os sujos (LEMOS, 2018, p.29).

Uma narrativa é o espaço onde o autor, através da personagem, manifesta impressões ou idealizações sobre o espaço. Possivelmente, Lemos, a despeito de ter ido ou não a Portugal, preencheu a personagem com lembranças das narrativas da natureza daquele território³¹, contadas pelos antepassados ou pelas obras ambientadas na Europa. A visão e a audição são dois sentidos valorizados na construção, ainda que fictícia, dessa memória; e com a mesma importância, aparece a ideia de lugar expressa através das relações com aqueles que ficaram e constituíram a história de Albano Nuno Varela.

Tuan postula que o lugar é um elemento importante no espaço, chegando a imbricarem-se um com o outro. Ademais, Tuan deixa clara a ideia de que são elementos diferentes contidos um no outro de diversas maneiras, uma vez que, para ele, o lugar seria então a pausa. Acerca dessas observações, em *Espaço e Lugar, a perspectiva da experiência*, o geógrafo humanista afirma:

Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. Não há lugar para outro edifício no lote. As Grandes Planícies dão a sensação de espaciosidade. O lugar é segurança e o espaço é liberdades: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Os geógrafos estudam os lugares. Os planejadores gostam de evocar “um sentido de lugar”. Essas são expressões comuns. Tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós admitimos como certos. Quando, no entanto, pensamos sobre eles, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não nos ocorreria indagar (TUAN, 2013, p. 11).

³¹ Território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder (SOUZA/ In CASTRO, 2018, p.78).

De acordo com essa afirmação, o espaço pode ser visto como tudo que existe, e o lugar, como o ambiente ou recorte do espaço com o qual se estabelece uma relação de afetividade. O autor pergunta: Que é lugar? O que dá identidade e aura a um lugar? Então, citando Tillich (1967, p.29), Tuan conta que essas perguntas ocorreram aos físicos Niels Bohr e Werner Heisenberg quando visitaram o castelo de Kronborg, na Dinamarca. Bohr disse a Heisenberg.

Não é interessante como este castelo muda tão logo a gente imagina que Hamlet viveu aqui? Como cientistas, acreditamos que um castelo consiste só em pedras, admiramos a forma como o arquiteto as ordenou. (...) Nada disto deveria mudar pelo fato de que Hamlet morou aqui e, no entanto, muda completamente. De repente os muros e os baluartes falam uma linguagem bem diferente. O próprio pátio se transforma em um mundo, um canto escuro nos lembra a escuridão da alma humana, e escutamos Hamlet: “Ser ou não ser”. (...) Ninguém poderá provar que ele realmente existiu, e menos ainda que aqui viveu. (...) Uma vez que sabemos disso, Kronberg se torna, para nós, um castelo bem diferente (TILLICH, 1967, p.29, *In* Tuan 2013, p.12).

Entendemos, assim, que, de acordo com Tuan, a partir das observações de Tillich, o espaço pode ser ressignificado pela ideia de lugar de acordo com os fatos e experiências marcados pela existência de uma história real, factual ou até mesmo pelas condições míticas e sensoriais trazidas ao ambiente ao longo do tempo. Vejamos um exemplo em *Espaço Terrestre*:

E que, sob a penumbra do aposento onde dormia ao lado do pai, entremostravam-se as imagens de todos os dias, ligadas às primícias da aurora: a cantoria dos pássaros, a tropelia das cabras, os berros, o tilintar dos seus chocalhos, o azinhavre campestre da natureza delas, almíscar que o acompanhava desde menino, entranhado em sua pele, sua roupa, e que era mesmo do pai, não do avô, somente em si e ainda no pai, que há quatro meses em coma havia perdido o contato com os caprinos e mesmo assim conservava (LEMOS, p.8, 2018).

O narrador descreve o ambiente que cerca as personagens e destaca os elementos do espaço que se encarregam de trazer as memórias do espaço de fora da casa, enquanto o filho lamenta pelo pai vivo-morto em seu leito. Vemos que a construção do espaço se materializa para a personagem no cheiro, no som e na luz, reforçando a ideia anteriormente apresentada por Tuan. Em outro momento, o narrador destaca:

E agora, ali, Albano Nuno Varela fechava os olhos, com eles fechados via para trás, em retrocesso, sob o descolorido das sombras. Via sua aldeia agasalhada na tristeza do inverno, via-se menos tristonha no outono, via-se

ressurgindo na primavera, cansando-se na letargia modorrenta no verão.” (...) Seu pai, sua mãe (...). A voz que se ouve nos sonhos e que, despertos, não lembrados de tê-la ouvido. Como a visão dos sonhos, os sons dos sonhos lembrados (LEMOS, 2018, p. 41).

Para Albano Nuno Varela, a lembrança da terra natal era um lugar de recuperação não só da memória, mas da paz que não encontrava na sua nova realidade em Recife nos momentos que antecediam a execução de Frei Caneca³². A memória era um refúgio. Sobre esse fato da história de Pernambuco, é narrado que

No dia 13 de Janeiro de 1825, o Sr. Ramires foi com Albano assistir ao enforcamento de Frei Caneca, no Largo das Cinco Pontas, junto ao Forte que lhe emprestava o nome, no bairro de São José. (...) Repentinamente o frade reapareceu em sua camisa suada, nas calças justas que o desfiguravam, foi encostado ao paredão do Forte (...) Formou-se o pelotão, o oficial pôs em fileira os executores, estes apontaram as espingardas. E, ao som da ordem de fogo, dispararam a um só tempo (LEMOS, 2018, p. 40-42).

Nesse contexto histórico, vimos a preocupação do autor com as questões ligadas à verossimilhança, baseada nos registros históricos de Pernambuco, durante a Confederação do Equador, localizando a presença do primeiro Albano no litoral ainda no início do século XIX. Era para ser um enforcamento e terminou em fuzilamento, com pessoas gritando “– À força!”. E outros “– Não vão mais enforcar Frei Caneca.”. O Senhor Ramires “incoerente: ora se punha ao lado dos portugueses, ora ao lado dos insurgentes pernambucanos.”. Esse teria sido também o momento motivador da busca de Albano Nuno Varela pela imagem da sua Terra Natal (Portugal).

Esses elementos na narrativa reiteram as afirmações de Tuan de que a cultura, em sua infinita diversidade, também poderá suscitar diferentes percepções, que podem ser acentuadas ou distorcidas. Três aspectos se entremeiam quando a cultura é envolvida nessa observação do espaço e do lugar: fatos biológicos (idade, posições), as relações de espaço e lugar e a amplitude da experiência ou o conhecimento direto ou íntimo ou indireto e conceitual.

Tuan afirma que “As emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento” (TUAN, 2013). Diante disso, pensamos que a experiência do

³² Frei Caneca – Líder do movimento denominado Confederação do Equador, condenado à morte por sua participação (LEMOS, 2018, p.51).

autor com o espaço e as impressões dele contidas em suas diversas obras podem colaborar para a construção de diferentes visões de leitores de narrativas.

Digamos que o autor escreva um romance que seja ambientado na semiaridez, pautado em uma vida de experiências angustiantes e de uma vida tórrida, intensa, difícil. Inicialmente, a ideia de sofrimento poderia estar em primeiro plano; no segundo, estará a relação da personagem com o espaço, e aí, o espaço será o local de afetividade, ou seja, o lugar.

Esses vínculos da personagem traçam os aspectos definidores da identidade; não havendo o bom ou o ruim, o certo ou o errado, a afetividade explica até mesmo o embelezamento de uma paisagem tórrida e atroz. Será que a impressão original da vivência do autor sobre o ambiente poderia agir subliminarmente sobre a perspectiva do leitor, a ponto de o espaço da ambientação ser sucumbido pelo espaço/personagem? Essa contribuição do autor poderia não ser intencional, mas estando presente, traz ao leitor uma perspectiva poética, romanesca, que encheria de beleza a experiência do indivíduo (personagem) de uma análise de internalização do espaço psicológico na obra construído pelo próprio autor no espaço imaginário.

Por exemplo, em *Vidas Secas*, além do rude ambiente de ocorrência da obra, Fabiano está em tamanha simbiose com o espaço a ponto de ser confundido com este, ou seja, a seca não está apenas no seu ambiente, mas nos seus pensamentos e palavras. A seca também é um elemento presente na obra de Lemos, que disse ter sido influenciado por Graciliano Ramos e pela obra *Caetés* (1947). De acordo com Thiago Moraes, no relato da autobiografia, Gilvan Lemos diz que, com a dificuldade de começar seu livro, “plagiou” Graciliano, o que ele classificava como um “roubo inocente de um rapazola de 23 anos incompletos”. De fato, conta Moraes, o início de *Noturno sem música* (1951) se assemelha bastante à abertura de *Caetés* (MORAES, 2017, p.90). A influência reconhecida por Lemos reforça a existência de muitas vozes, além da do autor, em uma personagem. Sobre a imagem da Seca, o narrador de *Espaço Terrestre* afirma:

- Estamos em 1877, patricios. Toda vida ouvi dizer que no Brasil os anos ímpares são sujeitos às secas. O que está acontecendo em nossa região é nada mais nada menos que uma seca. Nunca ouviram falar de secas? Vão se coçar (LEMOS, 2018, p.100-101).

Assim, é importante refletir sobre este questionamento: Como a dimensão do espaço onde um autor nasceu e/ou viveu se distancia do espaço que ele construiu na obra? Para sabermos a resposta, nesse caso, deveríamos conhecer profundamente tal autor, a fim de que a hermenêutica da obra, quando o espaço é decisivo, se dê de maneira mais consistente.

Chamamos atenção para a ideia de que o espaço em que Gilvan Lemos viveu durante sua juventude influencia na descrição do ambiente da seca:

O rio estreitava-se, em alguns lugares, se partia. A água restante, salobra, era recusada pelos animais. As donas-de-casa buscavam o poço, jogavam-lhe o balde e, em vez do barulho habitual, ouviam a batida áspera do flandre espatifando-se no fundo. As campinas chamuscadas cobriam-se de poeira. Animais desorientados perdiam-se nas ruas da vila. Caçados pelas crianças, desvirtuaram-se, entregues, deitados de costas, as patas numa última e grotesca postura de defesa. Raposas, guarás, tamanduás, pacas, andavam ao léu, como embriagados, indiferentes aos inimigos de sempre (LEMOS, 2018, p.100).

Os ricos detalhes do ambiente demonstrados com a exemplificação das espécies, os sons poços secos onde se debatem os baldes de metal, o sal que se concentra na pouca água que resta e que é rejeitada pelos animais e moradores, tudo isso é, em “carrara esculpido”³³, paisagem do interior.

Para a produção de um discurso mais holístico, podemos afirmar que, circunstancialmente, a sociedade ocidental, a grosso modo, tem dificuldades em compreender algumas questões de disputas de espaços territoriais, por exemplo, no Oriente Médio. Entretanto, mediante uma contextualização adequadamente realizada, haverá a compreensão do que ocorre naquela área. Mas isso não significa, evidentemente, que deva haver a aceitação dos fatos.

Talvez, a não compreensão aconteça porque grande parte desse mundo dito ocidental foi amplamente marcado a ferro e a fogo pelo colonialismo, pelo neocolonialismo e pelos brutais abandonos de responsabilidades vistos nos processos de descolonização engendrados pelas nações ditas “civilizadas”. Quando foi efetivada a colonização, elementos linguísticos, culturais, sociais, religiosos e econômicos foram brutalmente impostos aos colonizados, o que

³³ A história apócrifa da origem do idiomatismo “Cuspido e escarrado”, que originalmente teria sido “Esculpido em Carrara” (LEGROSKI, 2012, p.190)

potencializou a dificuldade de manutenção ou até de construção das identidades.

Imaginemos, sob essa ótica, um povo vivendo durante mais de três mil anos nas terras de seus antepassados, sustentando-se com uma pecuária de pastoreio realizada entre as inhóspitas montanhas e eis que, de repente, adentra pelo território uma população estrangeira, até mesmo desconhecida dos mais velhos daquela comunidade, que chega e vai ocupando o território como se ali nenhum povo antes estivesse.

A necessidade de resistência trazida pela ocupação estrangeira faz com que surja o sentimento de defesa da terra com a qual foi constituída, durante milênios, a relação de afetividade com o espaço, que, mesmo sendo modificado aos poucos, também influenciou as escolhas produtivas, as de moradia e de adaptação ao clima e a outros condicionantes naturais. Nesse sentido, sabendo que as condições militares dos colonizadores são superiores, atitudes tidas como extremadas da população local, nativa ou original do espaço passam a ser cada vez mais frequentes. Como dito anteriormente, esses aspectos não justificam, mas explicam a ação do homem nativo na tentativa de conservar o seu ideal de lugar sem a imposição das interferências externas.

Em *Espaço Terrestre*, a Família Albano, certa vez, teve que lidar com a presença de cangaceiros em sua propriedade, os quais ameaçavam a integridade da população de Sulidade. Destacando-se a verossimilhança, o romance gilvaniano registra:

Logo que se retiraram [cangaceiros], José Albano teve o cuidado de esconder o rifle e a cartucheira debaixo do colchão de sua cama, bem desguarnecida na sala. (...) Assim que sumiram na estrada, José Albano apressou-se para apanhar o rifle, a cartucheira, e saiu para encontrar-se com o filho, que o esperava no local combinado. (...) do alto da torre (...) José Albano acertou os fundilhos dum que procurava montar-se no cavalo, tirou da cabeça o chapéu de outro que pulava o muro da escola, pôs a dançar uns três que tentavam escapar do tiroteio (LEMOS,2018, p.184-185).

A defesa do espaço de vivência é também a defesa da identidade. Esse trecho do romance demonstra uma situação que não é presente apenas na narrativa, mas sobretudo no espaço real, geográfico, antrópico. Essa relação exacerbada de defesa do espaço e da alteridade explica as questões relativas ao crescimento da aversão ao estrangeiro, ao estranho, ao não natural do ambiente, ainda que do mesmo universo social. Isso é o que se denomina xenofobia.

Assim, a crescente xenofobia passa a ser validada, em muitas comunidades, por uma visão unilateral, tentando justificar-se pela necessidade de consolidar os ideais de alteridade. Acerca disso, Tuan postula que “o espaço assume uma organização coordenada rudimentar concentrada no eu, que se move e se direciona” (TUAN, 2013). O espaço deve ser experienciado como localização, distância e sentidos.

Subjetivamente, a imagem da visão estereoscópica permite que a mente promova a ideia de consciência do espacial através dos sentidos – o olfato, o tato, a visão, a audição – e possibilita ao homem a compreensão de fatores como distância e volume, por exemplo. Um caçador poderá avaliar a distância e o percurso para chegar a sua presa, o tato permite a descrição de objetos contidos no espaço bem como o seu mapeamento e a audição. A visão permite a descrição do espaço com maior riqueza de detalhes, mas na ausência dela, os cegos podem até mesmo extrapolar através da descrição de um cenário que pode ir além do cume da montanha.

Por meio da audição, o homem pode experienciar, por exemplo, a noção de distância, como o som de um trovão prenunciando uma tempestade. Tuan afirma:

A mente discrimina desenhos geométricos e princípios de organização espacial do ambiente. Por exemplo, os índios Dakota acham que em quase todas as partes da natureza há evidências de formas circulares, desde a forma dos ninhos dos pássaros até o trajeto das estrelas. Ao contrário, os índios Pueblo, do sudoeste dos Estados Unidos, tendem a ver espaços de geometria retangular. Esses são exemplos do espaço interpretado, que depende do poder da mente de extrapolar muito além dos dados percebidos. Tais espaços estão no Extremo conceitual do *continuum* experiencial. Existem três tipos principais, com grandes áreas de superposição - o mítico, o pragmático e o abstrato ou teórico (TUAN, 2013, p.27).

Partindo desse pensamento, compreendemos que o espaço mítico consistiria em um esquema conceitual, mas também pragmático, pois dentro do esquema é ordenado um grande número de práticas. O que diferenciaria o espaço mítico do pragmático é que o pragmático poderia ser explicado por um conjunto de atividades econômicas.

Dessa forma, entendemos que o espaço pode ser projetado, idealizado ou construído, mas ele é um objeto complexo em todas as suas formas do exercício ativo da inteligência humana. De acordo ainda com Tuan,

a gravura de uma estrada que leva a um distante chalé parece fácil de interpretar; contudo a estrada só tem sentido completo para alguém que a tenha percorrido. Uma criança que não anda não pode ter sentido de distância quanto ao gasto de energia para vencer uma barreira espacial. Logo, descrever o espaço, visualizá-lo não é o mesmo que experimentá-lo. (TUAN, 2013, p.34)

Podemos exemplificar tal afirmação de Tuan com a obra de Lemos, quando José Albano tenta explicar o caminho da vila ao cangaceiro que desejava chegar à Suldade.

José Albano, por delicadeza, levantou-se também. Pensou rapidamente e informou: - Há dois caminhos. Saindo daqui, em linha reta, o senhor dá com o primeiro, à esquerda. Mais duas braças adiante encontra o segundo, à direita. Pelo da esquerda, o senhor chega mais depressa à vila. (...) -Seu escroto! Que pensa de mim? Sou macaco velho que nem você. Tá me ensinando como certo o da esquerda mode eu pensar que você quer me enganar e, em vez do da direita, eu escolha o da esquerda mesmo. Quer que eu pense assim e escolha o da direita. Apois, velho sacana, é pelo da esquerda que eu vou seguir com os meus cabra. José Albano nada respondeu, mas deu a entender que lhe admirava a perspicácia. (...) o bandoleiro raciocinara até certo ponto com aprumo. Na verdade, José Albano tencionara fazê-lo pensar exatamente como havia pensado. E o induzira ao erro (LEMOS, 2018, p.181).

Agora que apresentamos as ideias que fundamentam o espaço para o geógrafo Tuan, analisaremos de que modo em *Espaço Terrestre* o espaço pode ser organizado como ambientação ou pelas conjunturas simbólicas apresentadas pelas personagens e pelas extensões (objetos, memória, sentimentos). Sobre esse simbolismo presente na obra de Lemos, destacamos a cena em que José Albano explica ao Neto como irá morrer:

- Somente com minha vontade. Fecho os olhos e morro. Debaxo do imbuzeiro, aquele vizinho do milharal, onde muito reinei com minha esposa e em muitas tardes depois espantei da mente as cismas mais perigosas (LEMOS, 2018, p.212).

O umbuzeiro é uma árvore resistente às difíceis condições da Seca no Sertão. Sua perseverança, capacidade de adaptação e suas raízes profundas simbolizam a vida dos Albanos, que, possivelmente com a decisão de José Albano, será acalentada pela sombra dessa árvore, além da possibilidade de aplacar o sofrimento do sertanejo também com a água encontrada na sua raiz. José Albano ainda diz que

Vou pra lá, filho, permaneças ao lado do teu pai. Quando te certificares de que ele morreu, dirige-te ao imbuzeiro, me encontrarás morto também, primeiro que ele. Em vez de me trazeres, leva-o para lá. Lá é que devemos ser enterrados, os dois, juntos, para continuarmos eternos (LEMOS, 2018, p.213).

Sobre a afetividade e os espaços abertos, Tuan nos fala que “a estética do século XVIII exigia que nossos olhos se dirigissem para a cena distante, onde nossa mente poderia descansar e encontrar significado pessoal no passado, no futuro ou na eternidade.” (TUAN, 2013, p.154). Olhar para a paisagem é como se o espaço e o tempo se encontrassem, como quando se olha para o horizonte e aquela linha existente, embora não traçada à nossa frente, fosse a medida a ser ultrapassada com os olhos, na busca pela esperança e pelo descanso.

A construção do espaço é marcada pelo tempo através das gerações dos Albanos. A concepção de que um Albano vive no outro, pois um filho não morre antes do pai, é uma forma de manter as tradições. E assim, José Albano enganou a morte, e seu filho Albano José, que há muito estava em coma, finalmente faleceu e foi levado com colchão e tudo para a sombra do umbuzeiro, haja vista que a palha do colchão havia germinado nas suas costas e fora impossível separá-los: “dias depois nasceu sobre a cova um capinzal viçoso, verde e amarelo, com a forma de um homem deitado. E se manteve assim exuberante, numa altura comum, toda por igual” (LEMOS, 2018, p. 287). O homem, então, era parte da terra e a terra estava nele e nos que vieram antes dele.

Por isso, podemos afirmar que no romance de Lemos as percepções do espaço se aproximam das perspectivas espaciais de Yi Fu Tuan, ou seja, as interações do homem com o espaço se pautam muito na concepção afetiva do geógrafo humanista.

Mesmo na Geografia, as perspectivas espaciais sofrem variações de percepções e de enfoques. Acreditamos que essas visões espaciais podem apresentar pontos comuns e elementos que mais se diferenciem do que diverjam. Assim sendo, apresentaremos a seguir as visões e relevâncias espaciais apresentadas pelo geógrafo Milton Santos e pelo filósofo que contribuiu, de forma significativa, para a Geografia, o senhor Henri Lefebvre.

3.3.2 Um espaço para Milton Santos e Henri Lefebvre

“O espaço se apresenta como coerência e modelo de coerência. Ele articula o social e o mental, o teórico e o prático, o ideal e o real”.
(LEFEBVRE, 2008).

O desenvolvimento das concepções de espaço para a Geografia esteve relacionado com as transformações econômicas, sociais, culturais e políticas, principalmente depois do século XIX. As representações do espaço também foram alteradas antes mesmo de a Geografia ser considerada ciência. Como pode ser observado pelos ensinamentos transmitidos por Sun Tzu – que existiu ou é uma figura lendária que remonta ao Estado guerreiro da China há quase dois mil e quinhentos anos – sobre a importância do domínio de conhecimento do espaço:

Se ignoras onde há montanhas e colinas, lugares secos e úmidos, lugares escarpados ou pantanosos, lugares cheios de desfiladeiros ou de perigos, não poderás dar ordens convenientes, não saberás conduzir teu exército. És indigno de comandar. Se não conheces todos os caminhos, se não tens cuidado de te cercar de guias seguros e fiéis para te conduzir pelas estradas desconhecidas, não atingirás aquilo que te propões, serás vítima dos inimigos (TZU, 2014, p.134-135).

Dominar o espaço é se apropriar dele, conhecê-lo e reconhecê-lo, independente dos propósitos. Aqueles que compreendem o espaço percebem melhor os signos presentes nele. O propósito da guerra é um dos grandes elementos motivadores para o que se desenhou como Geografia científica. Sobre esse tema, o geógrafo francês Yves Lacoste afirmou que a Geografia foi feita para fazer a guerra. No entanto, para um sertanejo, apropriar-se do conhecimento sobre o espaço além de permitir condições de melhor convívio com os elementos naturais também propiciou a construção de sua alteridade.

Os mapas, por exemplo, podem testemunhar transformações, já que saíram de concepções e de apresentações artísticas e mitológicas para representações de maior precisão e detalhamento, dentro de uma abordagem mais cartesiana. E assim, quanto mais ocupado, mais representado, mais transformações ele sofrerá, sejam essas mudanças concretas ou abstratas.

Em consonância com esse panorama de transformações, no que diz respeito ao espaço romanesco, este pode ser o móvel da obra, o contexto histórico que ambienta a narrativa ou,

ainda, o ambiente que corresponde à vida do autor. Existe no texto literário, portanto, uma multiplicidade e uma superposição dos espaços tanto quantitativa como qualitativa. Saber identificá-las e estruturá-las pode ampliar a visão de mundo dos leitores.

É com essa intencionalidade de amplitude que elucidamos as contribuições de Milton Santos e as de Lefebvre, os quais transformam preocupações práticas em teorias, com o objetivo de ajudar os indivíduos a compreenderem as implicações de tais metamorfoses. Para esse fim, Milton Santos publicou *Metamorfoses do Espaço Habitado* (2014), no qual se destacam questões geopolíticas, econômicas e socioculturais. Os títulos de Lefebvre não se distanciam das preocupações espaciais evidenciadas por Santos, ao publicar, principalmente, *Espaço e Política* (2016) e *O Direito à Cidade* (2016).

De acordo com os referidos geógrafos, é impossível dissociar o espaço do tempo, pois, invariavelmente, quando um muda o outro também se altera. Em Santos, destacamos o seguinte:

Falar sobre o espaço é muito pouco, se não buscamos defini-lo à luz da história concreta. Falar simplesmente do espaço, sem oferecer categorias de análise, é também insuficiente. Por isso nos pareceu oportuno distingui-lo da paisagem e da configuração territorial que, entretanto, compõem como elementos fundamentais do seu entendimento. Essas compreensões passam pelo reconhecimento da crescente imbricação entre o natural e o artificial, que tanto permite discutir o sentido da Geografia geral em relação à Geografia regional. Tudo isso comporta diferentes visões do movimento das contradições de que resultam as metamorfoses do espaço (SANTOS, 2014, p.12).

Sendo assim, o importante geógrafo Milton Santos reforça não só as diferentes formas de abordagens e construções da ideia de espaço como ressalta a necessidade de imbricações dos seus sentidos como elemento de constituição da própria Geografia enquanto ciência. Santos afirma ainda que

É obrigatório reconhecer as relações entre as condições de realização histórica e a nova revolução científica. Essa revolução histórica e científica atribui às ciências do homem e da sociedade um lugar ainda mais privilegiado no conjunto dos conhecimentos (SANTOS, 2014, p. 15).

Tal pensamento nos faz refletir sobre o fato de o mundo articulado de diversas maneiras permitir então a ampliação do conhecimento geográfico para além de si. Com base nesse

entendimento, defendemos a interação entre Geografia e demais áreas de conhecimento que buscam abordar as alterações do homem sobre seu ambiente existencial, do ponto de vista de concretização do espaço como também da capacidade de subjetivar suas percepções sobre si e sobre a humanidade, por meio de diversos mecanismos de manifestação do seu pensamento, como, por exemplo, na Literatura.

Dessa maneira, é possível a Geografia assumir o papel de articuladora desse processo. Ela não deve se manter inerte, visto que a relação homem, espaço, técnica e tempo não se dissociam. Para tanto, é viável a ela revisar ideias de postulados e preconceitos nos quais possam ser baseadas antigas e novas visões de mundo.

As perturbações da história humana estão intimamente associadas a importantes progressos de uma sociedade tecnológica, como defendido pelo filósofo Lefebvre. Não podemos, pois, nos prender a um saber institucionalizado de engessamento entre as diversas áreas de conhecimento, já que essa fragmentação poderia resultar em um distanciamento ainda maior de uma visão crítica e construtiva do homem e do seu espaço e das suas espacializações.

A multilateralidade e a pluralidade de visões sobre o mesmo objeto tornam o conhecimento mais humanista e aplicável. Referindo-se a elementos dessa discussão sobre a necessidade de imbricação do conhecimento, Santos comenta que

Embora assinalado por atividades que quase sempre desviadas para preocupações imediatistas e utilitaristas, o atual período histórico encerra igualmente o germe de uma mudança de tendência. Se, de um lado, a ciência se torna uma força produtiva, observa-se, de outro, um aumento da importância do homem – isto é, de seu saber – no processo produtivo. Esse saber permite um conhecimento mais amplo e aprofundado do planeta, constituindo uma verdadeira redescoberta do mundo e das enormes possibilidades que ele contém, visto ser revalorizada a própria atividade humana. Só falta colocar esses imensos recursos a serviço da humanidade (SANTOS, 2014, p.24).

Ou seja, a Geografia, assim como suas concepções diversas de espaço, está sujeita às leis das necessidades. A todo momento, discute-se a necessidade de compreensão de novos mundos no mesmo mundo, ao longo do tempo, produzindo novos alcances. Mas é importante que se diga que essa geografização das possibilidades de avanços não ocorre em todos os espaços, sobretudo nos produtivos, da mesma forma e com a mesma intensidade. Segundo

Santos registra,

No sistema histórico, ou temporal, as variáveis evoluem de maneira assíncronica; no sistema espacial, elas mudam sincronicamente. Dessa maneira, pode-se dizer, como Saussure (citado por Saucer Otte, 1971, p.41), que “a diacronia interessa ao eixo das sucessividades, e a sincronia, ao eixo dos estados ou situações”. Nesse caso, a sincronia e a assincronia, no domínio das relações espaciais, não são realmente opostas, mas complementares, pelo simples fato de que as variáveis são as mesmas (SANTOS, 2013, p.62).

Assim sendo, esse geógrafo compreende a sociedade e sua estruturação técnica dentro do tempo histórico. Da mesma forma, entende que a sincronia e a assincronia são diferentes e que ambas ideias contribuem fortemente para a explicação da evolução da técnica no espaço organizacional. O geógrafo chama atenção para o fato de que o espaço “é linguagem e também o meio onde a vida é tornada possível” (SANTOS, 2013, p. 38). A percepção do espaço pelo homem e pelo seu ambiente social está atrelada às suas respectivas realidades históricas bem como à maneira como a ciência, a tecnologia, a educação, os meios de transporte e a comunicação, ou seja, o entorno do homem.

Em continuidade às propostas de Milton Santos, o MTCI (Meio Técnico Científico e Informacional) passa a ser “a nova cara do espaço e tempo” (SANTOS, 2013, p.41). Mas, como é sabido, não é homogêneo. “Na realidade, são as defasagens entre variáveis que explicam as diferenças de organização do espaço entre países, assim como as chamadas disparidades regionais” (SANTOS, 2013). Nem todos os espaços produtivos, por exemplo, apresentam o mesmo grau de desenvolvimento. Portanto, nem para todos os homens são ofertados os mesmos recursos, o que apresenta, por consequência, o espaço como um ambiente de desigualdade.

Dando prosseguimento a toda essa discussão, o espaço pode, então, ser, na sua totalidade, pontual e descontínuo. Assim, permite-se que ele seja trabalhado na Geografia em dois eixos: o das sucessões e o eixo das coexistências, em consonância com o pensamento miltoniano³⁴. Na verdade, distinto da percepção de Yi Fu Tuan, Milton Santos e Henri Lefebvre pensam o espaço dentro das perspectivas sócio-históricas relacionadas ao espaço produtivo. Ademais, a evolução do homem no tempo e as suas diferentes concepções de necessidades norteiam os estudos de Santos e os de Lefebvre sobre as mudanças trazidas pela ação antrópica

³⁴ Adjetivo referente à obra do geógrafo Milton Santos

em relação ao trabalho, natureza e à distribuição de renda.

Na observação do espaço de acordo com as ideias da chamada nova ciência, Santos postula que

O que nos interessa é o fato de que a cada momento histórico, cada elemento muda seu papel e a sua posição no sistema temporal e no sistema espacial, e, a cada momento, o valor de cada qual deve ser tomado da sua relação com os demais elementos e com o todo. Desse ponto de vista, podemos repetir a expressão de Kuhn (1962) quando diz que os elementos ou variáveis “são estados ou condições de coisas, mas não coisas por elas próprias”. Ele acrescenta: “Em sistemas que envolvem pessoas, não é a pessoa que é um elemento, mas os seus estados de fome, de desejo, de companheirismo, de informação ou um outro traço de qualidade relevante para o sistema” (SANTOS, 2013, p.20).

Tal ideia miltoniana nos diz que os elementos do espaço podem ser qualitativos ou quantitativos, e por isso, em constante transformação. Cada espaço assume um valor particular, próprio e cheio dos mais diversos significados, o que permite afirmar que dentro do espaço existe ainda a consolidação de outra importante variável, que é o lugar. Afinal, é só a relação entre as coisas que nos permite defini-las.

Então, Lefebvre se pergunta: qual é a relação entre o espaço mental (percebido, concebido, representado) e o espaço social (construído, produzido, projetado, portanto, notadamente o espaço urbano), isto é, entre o espaço da representação e a representação do espaço? (LEFEBVRE, 2016, p.40). Essa problemática torna o espaço puro objeto da ciência sob diferentes propostas conceituais, mas é preciso que seja compreendida a ideia de que o espaço vivenciado não é puro, ou seja, é marcado pela topofilia.

Dentro de tal linha de pensamento, compreendemos que o espaço só será puro se estiver desconectado da sensibilidade, e assim ele será uma construção de uma percepção mais pragmática. O espaço seria analisado apenas sob a ótica numérica de variáveis e de parâmetros, ou seja, topológico.

O espaço assume diversas funcionalidades de acordo com a objetificação social a ele aplicada. Em Lefebvre (2016, p.53), tem-se a percepção de que

Falamos de “produção do espaço”. Essa expressão indica um passo adiante na reflexão arquitetônica e urbanística, ultrapassando esses setores e referindo-se ao conjunto da sociedade. Ela quer dizer que não consideramos como um dado *a priori*, seja do pensamento (Kant), seja do mundo (Positivismo). Vemos no espaço o desenvolvimento de uma atividade social. Distinguimos, portanto, o espaço social do espaço geométrico, isto é, mental. Contudo, a expressão permanece ambígua. De fato, toda sociedade produz “um” espaço (LEFEBVRE, 2016, p. 53).

Existem questões inevitáveis, mas que não podem ser desconsideradas do ponto de vista de um ser humano sob qualquer perspectiva de análise, uma vez que o espaço geográfico em si não existe, se não houver para quem existir, e não tem definição, se não pela própria leitura humana, ainda que em diferentes e até divergentes linhas de abordagem. Acerca dessa discussão, Lefebvre continua:

O que há de novo na sociedade na qual a manutenção das relações de produção torna-se determinante, na qual, porém, as técnicas e as forças produtivas alcançaram um nível desconcertante? O que significa a palavra produzir? Significa “coisas”, objetos, mercadorias? Em termos marxistas, esse espaço seria uma superestrutura da sociedade dita (capitalista ou não), como sugere a hipótese da falsa consciência? Seria somente uma representação mais próxima da prática que as outras? (LEFEBVRE, 2016, p. 53)

Observamos que, seja numa abordagem miltoniana, que considera o espaço um ambiente de imbricações de evolução do tempo e da técnica, seja na abordagem de Tuan, que analisa o espaço dentro de um contexto de topofilia, de afetividade com o local tornando-o lugar ou tornando o espaço em lugar, ou até na concepção de Lefebvre, que considera as relações sociais e os contextos produtivos e reprodutivos do espaço, seja ele o pragmático ou metafilosófico, que não se separa mais da prática, o fato é que sobre os diferentes níveis de reflexão paira a ideia de que a leitura do espaço é evolutivamente revolucionária e extremamente pertinente ao contexto interdisciplinar a que se propõe este trabalho.

É importante ressaltar que, para a Geografia, o estudo do espaço deve ser escalonado; dessa forma, a extensão do ambiente permitirá ainda diferentes análises que possibilitam colocar o mundo conhecido no centro ou no canto da página, ampliado ou reduzido.

Na intenção de possibilitar a ampliação da leitura espacial além do que expõem os geógrafos e o filósofo Lefebvre, apresentamos o espaço como objeto de estudo do escritor

Osman Lins, não na condição de escritor, mas na de um teórico que muito contribuiu com a produção científica.

3.4 Um espaço para Osman Lins

O espaço literário como categoria corresponde à recriação de espaços naturais ou modificados pela ação antrópica, bem como à criação de espaços fictícios, simbólicos. À categorização do espaço, somam-se, ainda, objetos, elementos de composição de cena, o interior de personagens e até mesmo personagens.

A discussão sobre o espaço romanesco que o escritor Osman Lins promove em *Lima Barreto e o espaço romanesco* (LINS, 1976) se configura como um percurso metodológico que joga luz sobre uma categoria que, no fim dos anos de 1970, pouco aparecia nos trabalhos de Teoria Literária. No tocante a essa discussão, o professor Antonio Dimas, em seu *Espaço e romance*, quase dez anos após a publicação osmaniana, atesta que “no quadro da sofisticação crítica a que chegaram os estudos sobre o romance, é fácil perceber que alguns aspectos ganharam preferência sobre outros e que o estudo do espaço ainda não encontrou receptividade sistemática” (DIMAS, 1985, p. 6).

Além de ter uma lucidez teórica no que diz respeito a um importante aspecto das narrativas, Osman Lins é escritor; sendo assim, é criador/recriador da categoria espaço, o que potencializa seu olhar acerca do tema. De acordo com ele, todos os elementos de uma narrativa se relacionam diretamente ao espaço; seja o tempo, o enredo, a personagem, tudo se desdobra em um determinado espaço. Ainda que seja uma narrativa introspectiva, onírica ou memorialista, haverá um espaço, o qual, nesse caso, será o espaço psicológico.

Em consonância com as observações osmanianas e dentre os trabalhos que estudam as influências que o espaço pode exercer em produções literárias, destacamos o de Luiz Alberto Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira, os quais, ao discutirem sobre o sujeito, o tempo e o espaço ficcionais, defendem que

se criamos uma personagem ficcional, vamos posicioná-la relativamente a outros elementos de nosso texto. Podemos situá-la fisicamente (criamos um espaço geográfico), temporalmente (definimos um espaço histórico), em relação a outras personagens (determinamos um espaço social), em relação às

suas próprias características existenciais (concebemos um espaço psicológico), em relação a formas como essa personagem é expressa e se expressa (geramos um espaço de linguagem), e assim por diante (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 67-68).

Embora possa parecer, aqui, que o espaço exerce, de maneira geral, um protagonismo, não é essa a ideia que defendemos. Em realidade, o limite entre espaço e tempo e espaço e personagem muitas vezes é demasiado tênue e exige nosso discernimento (LINS, 1976), a exemplo do que ocorre em *Espaço Terrestre*. No caso do romance gilvaniano, em uma fala do Sr. Ramires a Albano Nunes Varela, o narrador aponta: “O que queria mesmo era viver em paz [...] Sua ideia era reunir-se com os patrícios, juntar fundos e meios, ganhar as brenhas, criar no sertão bravio uma espécie de falanstério” (LEMOS, 2018, p. 50).

O excerto destacado sugere uma insatisfação pessoal com o espaço ocupado e o desejo de mudança: trata-se de um grupo que parte do Recife – espaço em se vivenciava o clima pré-Revolução de 1817 – por não conseguir enxergar melhorias das condições de vida. Dessa maneira, o grupo segue em busca de uma edificação coletiva (Sulidade), o que caracteriza o falanstério³⁵. Logo, a identificação entre o personagem Sr. Ramires e os dois espaços – o renegado/caótico e o desejado/pacífico – exemplifica a observação de Lins quanto à sutil relação deles com os anseios do personagem.

Ademais, a proposta feita por Sr. Ramires e empreendida pelo grupo, do qual faz parte Albano Nunes Varela, não diz respeito apenas a uma mudança de espaço geográfico; trata-se,

³⁵ Cuidemos de pontuar, inicialmente, a especificidade do contexto histórico-social sobre a qual se estabelecem a obra e os projetos utópicos de Fourier. Já escrevendo de um mundo relativamente avançado em termos industriais, e que assistira aos decepcionantes recuos da Revolução Francesa no que se refere aos seus mais fundamentais anseios pela justiça social, Charles Fourier (1772-1837) pretende erigir o seu sonho de uma sociedade justa e igualitarista com base na complacência de ‘capitalistas esclarecidos’ sintonizados com as ideias liberais. (...) Em que pese a dimensão de devaneio, sonho e especulação que hoje nos parecem pautar a utopia proposta por Fourier, a verdade é que este francês via a sociedade por ele idealizada como um empreendimento concreto a ser realizado. O grande fundador desta utopia que seria uma sociedade formada por “falanstérios”, neste caso, deveria ser ele mesmo – de modo que aqui não mais se tratava de mero esforço de imaginação que remetia a um fundador imaginário; tal como Charles Fourier, os falanstérios e a crítica à civilização industrial havia ocorrido com diversas das utopias dos séculos anteriores, a exemplo da Utopia de Thomas Morus (1478-1535) ou da Nova Atlântida de Francis Bacon (1561-1626). Em contraste com estas utopias dos períodos renascentista e clássico, a utopia de Fourier anunciava finalmente um fundador concreto, embora um fundador histórico que, não obstante, não logrou obter qualquer sucesso efetivo na implantação do seu projeto. Assim, o Fourier que pretendia se tornar o fundador efetivo de uma nova Sociedade acaba se transformando em mais um fundador imaginário como os outros – um personagem engolido pela sua própria utopia não realizada (D’ASSUNÇÃO BARROS, J., 2016, p. 5-6).

também, de uma mudança de condição humana e cultural, uma vez que Recife, naquele momento histórico-social, representava angústia e mal-estar. Sob esse entendimento e ancorados nas reflexões de Osman Lins, percebemos que àquele grupo do romance gilvaniano competia reconstruir seu espaço de origem e avançar em propostas e perspectivas que pudessem dar um sentido novo à vida.

Dessa forma, a relação espacial apresentada pelo narrador de *Espaço Terrestre* comandou não apenas os acontecimentos, mas principalmente os sentidos dados por tais acontecimentos às personagens. Portanto, o espaço configura-se como uma categoria narrativa de inestimável valia para a ancoragem de personagens e de ações dentro do universo literário do romance de Gilvan Lemos.

Retomando as percepções de Osman Lins sobre a categoria espaço, destacamos que, mesmo antes de produzir reflexões teórico-críticas em relação a questões espaciais, em *Nove, novena* (1966), um livro de narrativas literárias, o texto literário *Conto barroco ou unidade tripartita*, por exemplo, gira em torno de uma encomenda de assassinato. Da narrativa fazem parte um provável policial, encarregado de realizar o feito, a vítima, a ex-amante e o pai do homem procurado. Conforme Rosana Maria Teles Gomes destaca, no referido texto osmaniano,

De início, observa-se que o contato entre o possível policial e sua vítima se dá a distância, e para esse momento, são oferecidas três opções de espaço – Congonhas, Ouro Preto e Tiradentes, três cidades mineiras. A opção por Minas Gerais deve-se, certamente, ao fato de ela ser o local em que o Barroco brasileiro se consagrou, no que diz respeito às artes plásticas. Para um conto barroco, uma linguagem rebuscada, cenário(s) ornado(s), personagens em conflito (GOMES, 2003, p. 80).

Percebemos, a partir desse comentário, que o espaço está a serviço do enredo e da identidade das personagens. Tal percepção se confirma ao notarmos – ainda segundo Gomes (2003) – que "Em Congonhas, é direta a referência à Basílica com os profetas" (p. 82), garantindo o teor teocêntrico do Barroco; "Em Ouro Preto, o contexto é de um enterro" (p. 82), dialogando diretamente com a ideia de assassinato; e, por fim, "Em Tiradentes, o dinamismo se intensifica. O leitor não mais observa o desenrolar da cena, ele já se percebe caminhando com o narrador, à procura de José Gervásio" (p. 83), provocando no leitor a sensação de estar no mesmo espaço que o policial que persegue o homem que será assassinado.

Nesse sentido, nossa escolha por ter a base teórica do espaço romanesco pelo olhar de Osman Lins não representa uma simples escolha. A sensibilidade e a visão teórico-crítica de Lins, o fato de ele ser um dos primeiros pensadores brasileiros a discutir o tema do espaço, o motivo de Lins e Lemos serem escritores pernambucanos, de Lins ter sido o tutor de Lemos e de os dois serem escritores que se dedicam à criação/recriação de espaços determinantes em narrativas justificam, por si sós, a opção pelas concepções osmanianas.

Osman Lins diz que “O espaço, no romance, tem sido ...tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que...pode ser absorvido como acrescentado pela personagem” (LINS, 1976, p. 72). Assim, o espaço está íntima e irremediavelmente ligado ao processo narrativo, ao enredo da história. Ademais, em Lins e em Lemos, o espaço romanesco pode se aproximar ao máximo do espaço real, quando o narrador apresenta cidades, ruas, estradas e praças locais que existem no mundo real, artifício observável nas obras dos dois escritores pernambucanos.

A esse respeito, devido a verossimilhanças, Osman Lins destaca que “Se obras fantásticas ou míticas se beneficiam do espaço, utilizando-o como elemento dominante, pode-se prever sua importância em narrativas de cunho declaradamente realista (LINS, 1976, p. 67). Desse modo, em obras de cunho realista, o espaço motiva e explica determinados comportamentos das personagens. Como exemplo, “A culpa é desta vida agreste que me deu uma alma agreste”, afirma Paulo Honório em *São Bernardo*, buscando justificar a rudeza de seus atos e de seu tratamento dispensado às pessoas com quem convivia.

Partindo da ideia da grande contribuição que os estudos osmanianos imprimem à Teoria Literária, destacamos a distinção entre espaço e ambientação. Lins defende que esta é um “conjunto de processos utilizados para provocar, na narrativa, a noção de um ambiente. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo” (LINS, 1976, p. 77). O autor de *Nove, novena* sugere, então, que é por meio dos processos linguísticos que elementos espaciais e sensações importantes são desenvolvidos em narrativas. Nessa perspectiva, a construção teórica osmaniana solicita que o leitor perceba espaços aparentemente comuns e objetos relativos a personagens como elementos importantes e representativos dentro da obra. Afinal, “o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados da realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica” (DIMAS, 1985, p. 20). O espaço e a ambientação

são elementos importantes para a constituição da obra.

Osman Lins classifica a ambientação em franca, reflexa e dissimulada. Ela será franca quando for apresentada pura e simplesmente pelo narrador.

Sô Manuel trancava-se em seus aposentos a beber o último barril de vinho, comer o último saco de bolacha e o último bacalhau da última barrica. Os ratos gabirus, cada vez mais afoitos, roíam-lhe as vestes salpicadas de resíduos (LEMOS, 2018, p. 31).

Essa ambientação, apresentada pelo narrador, faz referência ao estado depressivo em que mergulhara Sô Manuel, o patrão de Albano, sobretudo, por saudades de Portugal. Dessa forma, elucidamos que, na ambientação franca, o narrador, de maneira independente e sem participar da ação, acaba por dar conta de um suporte descritivista à narrativa.

No que diz respeito à ambientação reflexa, é a vez de o personagem apresentá-la sem a colaboração direta do narrador. Lins destaca que em tal ambientação “as coisas, sem engano possível, são percebidas através da personagem” (LINS, 1976, p. 82).

– O Brasil livre de Portugal? Com um imperador português a governá-lo? Ora, somos uma só nação. De qualquer forma – reatava: – a província progride, não há motivo para insatisfação, quero ver se agora o pernambucano não baixa a cerviz. – E citava as melhorias: – O farol do Picão, a iluminação pública permanente, a instalação do Tribunal de Relação Pública... ora, quantas melhorias! Seria enfadonho enumerá-las – e batia no ventre metodicamente, pretendendo afirmar que todos estavam de barriga cheia (LEMOS, 2018, p. 37).

Nesse trecho, o personagem Sr. Ramires, na Ponte da Boa Vista, comenta a ambientação da importância dos onze meses de libertação brasileira que os pernambucanos haviam conquistado, mas que seriam suplantados pela importância do Grito do Ipiranga. É o próprio Sr. Ramires quem informa ao leitor, de dentro de *Espaço Terrestre*, acerca da Independência do Brasil e dos reflexos dela em Pernambuco.

Num e noutro tipo de ambientação, há de haver um domínio por parte do narrador, a ponto de não permitir que o fluxo narrativo sofra descontinuidade e interrompa o intento da obra. Nas palavras de Dimas, exige-se a “atenção do narrador que, provisoriamente, suspende o relato da continuidade da ação para se deter nos dados da moldura, do contexto presente em

que ela se dá” (DIMAS, 1985, p. 24).

Por fim, Osman Lins teoriza sobre a ambientação dissimulada ou oblíqua, na qual “os atos da personagem vão fazendo surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos seus próprios gestos” (LINS, 1976, p. 83-84). Provavelmente mais difícil de ser identificada, já que, de maneira geral, às personagens não é dada a responsabilidade de tecer os espaços que figuram na narrativa.

José Joaquim Ramires não tinha dúvida de que cerca de vinte famílias o acompanhariam em seguida, em dias alternados, a fim de não despertar suspeita perante as autoridades, conforme haviam planejado. Quando todos estivessem reunidos familiares e escravos de cada grupo somariam mais de duzentas pessoas. Ramires gabava-se a Albano de que com eles viajariam médico, ferreiro, tecelão, marceneiro, pedreiro, alfaiate, agricultor, vaqueiro, cabreiro e até um padre de batina, com a comadre de uma banda e seus cinco afilhados: – Não vai nos faltar praticamente nada (LEMOS, 2018, p. 45).

Foram os atos de Ramires que modificaram a vida de muita gente que, em caravana, buscava um espaço melhor para viver, tal como Albano e as tantas famílias. São as ações da personagem Ramires que possibilitarão a chegada a um espaço que, mais tarde, será batizada como Sulidade.

A sugestão de percurso metodológico presente em *Lima Barreto e o espaço romanesco*, longe de ser um circuito fechado, representa um norte para aqueles que se aventuram a estudar a categoria espaço em um romance. Ademais, o próprio Osman Lins elucida que nenhuma obra literária deverá se ajustar a qualquer padrão. Sob tais reflexões, destacamos que a visão osmaniana acerca do espaço é muito conveniente a este trabalho por haver nela pontos elucidativos quanto à construção espacial da obra gilvaniana em questão e quanto a concepções geográficas referentes à base teórica apresentada.

QUADRO COMPARATIVO ENTRE AUTORES

AUTORES	CONCEPÇÕES DE ESPAÇO	OBRAS
Yi Fu Tuan	O espaço é visto como uma rede de lugares (TUAN, 2013, p.22). O lugar é o local de afetividade no espaço. Logo, para Tuan, o espaço é o ambiente da experiência e dos sentidos.	<i>Espaço e Lugar</i> (2013) <i>Topofilia</i> (2015)
Milton Santos	Espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando sua significação e seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 2006, p. 38). O espaço é visto como indissociável do tempo e como palco das grandes transformações humanas visíveis, através da técnica e do trabalho.	<i>A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção</i> (2020) <i>Espaço e Método</i> (2020) <i>O espaço dividido</i> (2018) <i>Por uma Geografia nova</i> (2012) <i>Técnica, espaço e tempo</i> (2013) <i>Metamorfoses do Espaço Habitado</i> (2014)
Henri Lefebvre	O espaço como ambiente de contradições sociais e de construção e reestruturação das relações das relações de produção.	<i>A revolução urbana</i> (2019) <i>O direito à cidade</i> (2016). <i>Espaço e política</i> (2016)
Osman Lins	“O espaço, no romance, tem sido ...tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que (...) pode ser absorvido como acrescentado pela personagem” (LINS, 1976, p. 72). Todos os elementos presentes na obra podem ser espaço. Para Lins, os espaços ficcionais e reais são diferentes, porém pode haver uma transferência de elementos reais para ficcionais. Mas é importante frisar que, ainda assim, haverá a visão que pertence ao narrador.	<i>Lima Barreto e o espaço romanesco</i> (1976)
Bakhtin	O tempo do autor-criador não se limita ao presente, ele se afasta para o futuro ilimitado. Nele o espaço é igualmente ilimitado: ele cria tanto para o imediato quanto para o distante. Pode-se dizer metaforicamente que ele se encontra numa quarta dimensão que abrange três medidas. Nesse sentido, o cronotopo do autor-criador é semelhante ao cronotopo da imaginação e do sonho (BAKHTIN, 2018, p.243). Cronotopo – relação espaço e tempo	<i>Os gêneros do discurso</i> (2016) <i>Marxismo e filosofia da linguagem</i> (1986) <i>Notas sobre literatura, cultura e ciência humanas</i> (2017) <i>Problemas da poética de Dostoievski</i> (1997) <i>Questões de literatura e estética</i> (2002) <i>Speech genres and other late essays</i> (1986) <i>Teoria do Romance I</i> (2015) <i>Teoria do Romance II</i> (2018) <i>Teoria do Romance III</i> (2019) <i>A poética do espaço</i> (1978) <i>Bakhtin e o cronotopo</i> (2015)/ Bemong <i>Bakhtin: Conceitos-chave</i> (2010)/BRAIT

QUADRO 1
(FONTE: A AUTORA)

4. O CRONOTOPO EM SULIDADE

O cronotopo, de acordo com Mikhail Bakhtin, consiste nas relações fundamentais entre o tempo e o espaço. Seja no espaço natural, artificial ou ficcional, a relação espaço-tempo, de fato, é indissociável. Na visão bakhtiniana “os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo” (BAKHTIN, 2018, p.12). Quando estudamos os aspectos físicos formadores de uma paisagem, não podemos deixar de observar que na formação daqueles elementos está o tempo; decerto que este é diferente e demasiado longo, não cabendo dentro do tempo histórico, que é o tempo do homem.

O tempo geológico é desmedido em sua existência. Nesse sentido, ao observarmos as rochas, podemos verificar dentro dos condicionantes relacionados à origem delas, bem como ao tempo de sua existência, características que podem, indubitavelmente, estar relacionadas às questões de riquezas minerais, topografia das estruturas e às possibilidades de fenômenos naturais, que afetarão o homem dentro do seu tempo existencial.

O tempo geológico é quantificado em bilhões de anos, quando o associamos com a esfera terrestre. Ele pode ser ainda maior, quando o relacionamos com as formações das estrelas e das galáxias. Então, analogicamente falando, o tempo humano é efêmero por muitos sentidos. A presença humana na Terra, se adaptarmos o calendário geológico ao solar, adotado por nossa civilização ocidental, seria compatível com o último dia de um ano civil.

O tempo humano também é efêmero, visto que o tempo de longevidade comum fica abaixo de um século. E ele será mais efêmero ainda, se admitirmos que diante dos condicionantes sociais para cada povo, em cada país, no campo ou na cidade, o tempo humano pode ser ainda menor e mais variável.

No entanto, nosso objetivo não é o de dissertar sobre o tempo, mas sobre a evolução ocorrida com ele, de forma vívida no espaço. Somado a isso, o intuito é observar que as razões que fazem Mikhail Bakhtin, Milton Santos e outros tantos estudiosos falarem sobre a indissociabilidade espaço-tempo são muito válidas e importantes para este trabalho.

Além da relação espaço-tempo presente na história de toda a humanidade ou de um povo específico, existem, ainda, as relações do sujeito consigo, com seu espaço e com sua memória. O espaço pode ser um personagem em um romance, e o tempo, um objeto que o adorna ou até o carrega. De mais a mais, o espaço e o tempo constroem a memória, mas, em um romance, essa relação pode ser, inclusive, inversa. De acordo com Jan Assmann, “a memória é dinâmica e conecta as três dimensões temporais: ao ser evocada no presente, remete ao passado, mas sempre tendo em vista o futuro” (ASSMANN/ *In* DOURADO, 2016, p.1).

Toda essa relação de que falamos poderia ser manifestada pela presença de fatos que, na verdade, são elementos da cultura ou por atividades econômicas, como a agricultura. Ou seja, através da produção do espaço pelo homem, do progresso e da renovação da vida. Sobre tal ideia podemos ler o que diz Bakhtin:

No romance regional vemos claramente a evolução do idílio da família e do trabalho, agrícola, ou artesanal, para grande forma do romance. O próprio princípio basilar do regionalismo na literatura – o indissolúvel vínculo secular do processo da vida de gerações com uma localidade delimitada – repete a relação idílica do tempo com o espaço, a unidade de lugar de todo processo de vida (BAKHTIN, 2018, p.198).

Podemos dizer que no romance de Lemos que estudamos ocorre algo muito similar ao que Bakhtin destaca ao levarmos em consideração as questões geracionais dos Albanos, o espaço da terra natal, as culturas dos povos inseridos em uma colônia, as revoltas, o povoamento, o isolamento e Suidade, que é a localidade onde se passa o enredo da narrativa. Bakhtin ainda expande a ideia quando afirma que “No romance regional, o próprio processo de vida é ampliado e detalhado (o que é obrigatório nas condições do romance), nele se destaca o aspecto ideológico – língua, crenças, moral, costumes” (BAKHTIN, 2018, p.199). Sendo assim, o romance se torna, como sugerimos, um ambiente de exercício da relação cronotópica do autor e das personagens com o espaço.

O cronotopo presente na língua através de transformações linguísticas é algo que denuncia tal relação, como podemos observar em *Espaço Terrestre* no momento em que o narrador fala sobre as influências dos habitantes do Jirau – onde viviam negros fugidos e miscigenados com indígenas – sobre a forma de falar dos migrantes recém-chegados do litoral:

Por influência dos do Jirau, também o português europeu dos Marinheiros foi-se amenizando, trocando o tu pelo você, perdendo o trinado dos rr, o sincopado das sílabas, a entonação dura inexpressiva, ao invés se adocicando, acarinhando-se, tornando o falar uma forma brincalhona de ternura, não uma imposição vocabular, impostura e solene (LEMOS, 2018, p.73).

O romance gilvaniano tem uma significativa preocupação em evidenciar as metamorfoses sofridas por todos que, nessa narrativa, se predispuseram à empreitada de interiorização e que aos poucos foram consolidando uma nova experiência existencial. Essas metamorfoses explicam até mesmo como a presença dos Albanos e as relações deles com a miscigenação são importantes, até que apenas na quinta geração dessa família surge um Albano com mais fenótipos dessa mistura étnica que marca a formação do que viria a se tornar o povo do Brasil em Sulidade.

A proposta de Bakhtin é a de que a língua realmente seja tida como elemento de aplicação do sujeito e das suas impressões de mundo dentro da realidade vivenciada, dessa forma, os propósitos comunicativos farão jus à existência do sujeito. Não há, para Bakhtin, a enunciação sem as concepções ideológicas, e, por isso, é impossível que seja separada do sujeito, haja vista que ela também é empírica. A língua é vida, sendo mutável e totalmente ligada à evolução. Ela está em sincronia com as transformações vivenciadas pelo indivíduo.

As relações entre os locutores e os locutários³⁶ e suas interações verbais trazem, ainda mais, riqueza à proposta de Bakhtin, pois confirmam a visão dialógica da língua. A interação entre os sujeitos no processo de construção do espaço de vivência pode evidenciar o contexto social, os elementos culturais e como se dá o seu desenvolvimento. O autor diz sobre o tema:

Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 2012, p. 117).

A forma como o diálogo ocorre e se desenvolve é uma preocupação pertinente nos estudos de Bakhtin, pois transmitem-se, entre os sujeitos, as trocas de informações que podem

³⁶ Ao agenciar o Locutor, o acontecimento constitui tanto o Locutor (L) quanto seu Locutário (LT). O Locutário é o correlato do Locutor. O Locutor apresenta assim aquele que diz como um *eu* que fala a um *tu*. O funcionamento da língua no espaço de enunciação se apresenta como uma alocação de L para LT, como uma cena enunciativa (GUIMARÃES, 2018, p.55).

produzir alterações positivas ou negativas sobre um determinado elemento em questão, e assim, até mesmo compelir ideias que promovam transformações extremamente difíceis para a vida em sociedade. Da mesma maneira, podem fornecer significativos avanços e melhorias nesse universo de vivência.

O autor de uma narrativa, então, seria também um ouvinte, pois o discurso provavelmente não nasceu nele, mas na sua vivência como ser social, podendo ele ser um reprodutor de ideias estabelecidas por enunciados anteriores. É, talvez, quando surge a concepção de que a intersubjetividade antecede a subjetividade (BAKHTIN). Outra forma é aquela constituída por vários locutores direcionados para uma temática específica que buscam se antecipar às propostas trazidas por terceiros como contestações ou respostas. Nessa perspectiva, a variedade de manifestações propicia o desenvolvimento de uma imensa gama de metamorfoses linguísticas que são um reflexo das mutações do cotidiano empírico. Entretanto, não se deixam de lado as ideias de alteridade dos indivíduos e de seus discursos.

Sob esse entendimento, podemos considerar que o narrador de *Espaço Terrestre* tenta, através da formação de Sulidade, contar a história real da formação das comunidades interioranas do Brasil pelo olhar das personagens. Mas não devemos perder de vista que o olhar do próprio Gilvan Lemos e as individualidades ou particularidades presentes em cada cenário e personagem nos permitem, também, constatar que o autor faz questão de expor que essas e outras histórias foram contadas por muitas vozes, foram vistas por muitas percepções. E o que seria a história, senão igualmente fatos narrados pela perspectiva de quem as conta?

Sem sombra de dúvida, o espaço individualizado consegue assumir muitos sentidos e, assim, se tornar uma categoria na Literatura que contribui para a compreensão das relações internas e externas estabelecidas pelo indivíduo consigo e com o mundo. Frente a esse entendimento, destacamos que o texto, para um romancista, por exemplo, traz as impressões que ele produziu como indivíduo, ou como escritor da sua história ou das de terceiros, e a análise da relação do seu texto com outros textos, permitindo-se identificar como os elementos de outros textos são incorporados no texto em análise. De acordo com Bakhtin:

Nossa fala... é preenchida com palavras de outros, variáveis graus de alteridade e variáveis do que é de nós próprios, variáveis graus de consciência e de afastamento. Essas palavras de outros carregam com elas suas próprias expressões, seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, reatualizamos

e reacentuamos (BAKHTIN, 1986, p. 134).

De outro modo, propõe-se que, quando há uma assimilação de percepções em torno de um mesmo discurso, estamos diante da interdiscursividade. Quanto à intertextualidade, esta permite a criação de novos sentidos, tendo como base o discurso-matriz ou original. A análise da intertextualidade é particularmente importante para observar como o texto se relaciona com repertórios socialmente disponíveis.

Os textos, inevitavelmente, envolvem pressuposições, já que o que é *falado* sempre está relacionado àquilo que é tomado como dado pelo autor, que foi lido, pensado anteriormente. Dessa maneira, como uma das formas de intertextualidade, os textos se conectam independentemente das suas especificidades.

É verdade que as mudanças sociais atuam com maior ou menor protagonismo ao longo do tempo, mas sempre manifestam o desejo de adaptação às necessidades imputadas ao sujeito ao longo da vida e ao exercício livre da sua criatividade, sob risco, indiscutivelmente, de submissão dos povos aos pensamentos mais atrozes e aos pensamentos mais libertadores que o momento e a existência histórica permitiriam ter.

As identidades sociais, as relações, os conhecimentos e as crenças indicam como a prática discursiva é e pode ser estabelecida ou até reinventada. O discurso e o contexto social devem ser considerados do ponto de vista dialético, para que sejam evitados equívocos na determinação social ou na construção do discurso.

Dessa forma, todos os elementos presentes no texto demonstram inevitavelmente as relações cronotópicas e antrópicas constituídas lentamente por elementos identitários das civilizações. Esse pensador ainda afirma que

Os vestígios autênticos, os indícios da história remetem sempre ao humano e à necessidade - é onde o espaço e o tempo estão unidos num vínculo indissolúvel. Na visão completa, totalizadora de Goethe, o espaço terrestre e a história humana são inseparáveis, e isso se transmite à obra, conferindo intensidade e materialidade ao tempo histórico, humanidade impregnada de pensamento ao espaço (BAKHTIN, 1997, p.259).

Portanto, a presença do tempo e a sua contextualização histórica permitem uma maior compreensão não só da obra, mas também dos elementos motivadores à sua existência. Quando

lemos os relatos sobre a importância do ambiente, vemos que é dito que o espaço de ambientação carregado de todas as suas características pode ser mais marcante do que a representação das pessoas. Dentro desse entendimento, vejamos este trecho da obra de Gabriel García Márquez intitulada *Cheiro de Goiaba: conversas com Plínio Apuleyo Mendonza*:

Minha lembrança mais viva e constante não é das pessoas, mas da casa em Aracataca onde morei com meus avós. É um sonho recorrente que ainda persiste. Ainda mais: todos os dias da minha vida acordo com a impressão, falsa ou real, que sonhei que estou naquela casa. Não que a ela tenha voltado, mas que estou lá, sem idade e sem nenhuma razão especial, como se nunca tivesse saído daquela velha e enorme casa (MÁRQUEZ, 2014, p.21).

O espaço, nesse momento, se apresenta para o narrador como parte da sua própria identidade. Aquela criança que a havia habitado, no então momento da narrativa, é como se não tivesse deixado de existir, ou seja, suas raízes outrora desenvolvidas ali naquelas experiências não haviam se distanciado das origens.

Sobre as origens e o tempo, Thiago Moraes menciona como Gilvan Lemos conta na autobiografia, comentando *Noturno sem música*, de que forma a obra de Graciliano Ramos o havia inspirado ao “plágio”:

Em *Vá vendo o caiporismo*, o autor restringe o “plágio” à abertura. O restante, segundo ele, teria vindo da sua experiência de vida. As decepções alimentadas pela saudade de São Bento do Una, pela solidão vivida na pensão e pela decepção por não ver seu sonho de se tornar escritor se concretizar; tudo isso teria servido como fonte de inspiração para criar o enredo do romance *Noturno sem música*. “Teria sentido, interessaria a alguém o sofrimento dum rapazola a morrer de saudade da família? (CORRÊA, 2017, p.90)

Observamos que tanto para Gabriel García Márquez quanto para Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Gilvan Lemos e para muitos outros, o ambiente físico, real, pragmático e o ambiente ficcional, narrativo não são um só, mas se entrelaçam de tal forma que, para ampliarmos uma leitura da obra em que o espaço esteja em destaque, precisamos compreender melhor as circunstâncias do universo real que inspiraram ou formaram as ideias, os discursos e, por conseguinte, as interdiscursividades presentes em cada obra.

No romance *Espaço Terrestre*, os acontecimentos se passam em Sulidade, cidade fictícia, formada no Brasil colonial, resultante da saída de um grupo de retirantes que apresentavam diferentes habilidades técnicas que acabariam por construir um novo povoado.

Mesmo Sulidade sendo o testemunho de consolidação de uma “nova vida” para os seus fundadores, a origem do seu nome não deixa de carregar cansaço e frustração.

Anderson Santos, em seu artigo *Sulidade e Macondo: um estudo comparado das cidade em espaço terrestre e cem anos de solidão* (2018) compara a importância de Sulidade na obra de Gilvan Lemos à de Macondo na obra de Gabriel García Márquez, *Cem anos de Solidão*. Também era Macondo uma cidade fictícia, e assim como Sulidade, ao mesmo tempo que era lugar (afetivo espacial), não estava em lugar algum (localização territorial). Assim como Arataca, Cartagena e Barranquilla estavam para Márquez, também tenham estado São Bento do Una e Recife para Lemos. Macondo é uma cidade fictícia onde se passa toda a história da família Buendía, e Sulidade é uma cidade fictícia onde se passa toda a história de Albano Nuno Varela e de sua família.

Mas é possível que as semelhanças acabem aqui. Macondo, decerto, era menos pacata do que Sulidade. E as contextualizações histórico-sociais romanceadas muito se diferem. A origem de Sulidade pode ser explicada no seguinte trecho da obra de Lemos:

Albano Nuno Varela, que havia ficado sem Dionísia, Mirinda e Dito, pôs-se a trabalhar de fato, sem trégua. Dedicar-se-ia à criação de cabras, tinha experiência, fora pastor de ovelhas, na Terra. Por isso, estabeleceu-se a dois ou três quilômetros da vila. Queria sua casinha no molde da dos pais, onde nascera, de pedra e tijolo, piso, lajes, cobertura de telhas de barro. Levasse o tempo que levasse, construí-la-ia assim. Que tempo iria perder? O da sua existência. Não bastava? E uma tarde, escorchado, exausto, jogou para o lado a enxada, limpou o suor do rosto, ficou a descansar o corpo e o espírito, o olhar posto na linha do horizonte onde o sol se apagava apagando a luz do sol. Apreendendo a mornidão que se apascentava, o vento ralo que preparava a noite, os pássaros que debandavam, o silêncio composto de ruídos esparsos, sem se sentir, exclamou, em sua pronúncia lusa: - Que Sulidade! Inconscientemente, naquele momento batizava o povoado, dava-lhe um nome. (LEMOS, 2018, p.61)

Sulidade foi descrita também assim:

Em anos de dedicação ininterrupta conseguiram que o aglomerado de vinte casinhas dispostas em duas filas paralelas merecesse o nome de Sulidade e, Sulidade, o de vila. Com a colaboração geral, em tarefas distribuídas de modo equânime, construíram a escola e a capela, esta com a torre central, mais ou menos elevada (LEMOS, 2018, p.62).

Observamos que Sulidade era um projeto de recomeço para muitos, mas, ainda assim,

preservavam práticas das quais não queriam se distanciar. Macondo também era uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, mas era diferente de Sulidade por esta ser sertaneja, ao passo que Macondo foi construída à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes, como ovos pré-históricos, como descreve o narrador da obra de Márquez. Além disso, os espaços de Sulidade e os de Macondo igualmente se aproximaram em outros aspectos, como comenta Santos (2018) em seu artigo:

É importante destacar como nessas cidades não existe o princípio do Estado como organizador, pelo contrário, os cidadãos escapam do Estado para viver sob as leis de um contrato social que não é escrito, de uma organização feita pelos próprios civis. Não existe, por exemplo, um imperador ou presidente, muito menos divisão por classes. Talvez os únicos símbolos de autoridade que permaneçam seja o cristão, na figura do padre, e dos militares, na figura dos soldados, estes últimos ainda com ressalvas, visto que quando a comuna de soldados invadiu Sulidade, o movimento que houve foi de integração entre eles e os habitantes (SANTOS, 2018, p.116).

As formas como as cidades se organizam na narrativa podem evidenciar até mesmo a influência da obra de Márquez sobre a de Lemos. Embora os contextos históricos em que estes ambientes urbanos se inserem sejam diferentes, a produção de Lemos é posterior à de Márquez, o que nos leva a sugerir tal influência.

Quanto às relações espaciais no romance gilvaniano, elas poderiam ser definidas como cronotopia, pois Albano Nuno Varela, o primeiro Albano, visa construir sua nova casa reconstruindo sua memória afetiva da aldeia portuguesa onde nasceu. Bemong e Borghart comentam sobre a teoria bakhtiniana do cronotopo literário:

Mas em que exatamente repousa o avanço conceitual oferecido pelo conceito de cronotopos literários? Ao contrário da pura abordagem formalista ou da estruturalista do tempo e do espaço narrativos, segundo Bakhtin, essas duas categorias constituem uma unidade fundamental, exatamente como na percepção humana da realidade cotidiana. Essa “conexão intrínseca das relações temporais e espaciais” conhecida pelo termo cronotopo (FTC³⁷,84) equivale à construção de mundo que está na base de todo texto narrativo, compreendendo uma combinação coerente de indicadores espaciais e temporais (BEMONG, 2015, p.17).

Em *Espaço Terrestre*, a relação espaço e tempo está frequentemente apresentada através

³⁷ FTC corresponde a *Formas de Tempo e de Cronotopo* (BEMONG, 2015, p.20).

da própria linhagem dos Albanos e a dos demais moradores da vila de Sulidade, na vizinhança com o quilombo do Jirau, das próprias variações que a língua começa a assumir no romance, apesar da resistência dos fundadores. O espaço transforma-se, assim, dialogicamente, e quando Sulidade é descoberta, “não há uma semana sem novidades”.

Desse modo, o cronotopo pode ser definido ao longo da narrativa como seu próprio viés estruturador. A cronotopia incorpora organicamente a importância do espaço e do tempo desde o passado colonial até os acontecimentos que envolvem o Brasil da década de 1940, ainda que simbolicamente, em diversas circunstâncias, como a do Cangaço e a da Coluna Prestes.

Em *Espaço Terrestre*, é através das personagens que também vimos a construção da memória, bem como da história e de fenótipos, promovendo uma ligação entre as gerações, vista, sobretudo, entre os Albanos. No romance, os nomes da família são uma espécie dessa cronotopia cujos nomes foram se modificando ao longo do tempo, de acordo com características das personagens. Como podemos observar a seguir:

Com o tempo, os nomes de família em Sulidade foram se modificando, substituindo-se naturalmente. De preferência, adotava-se o do lugar de origem. Álvaro Esteves Veloso, que era de Braga, passou a ser chamado Álvaro Braga; o Cunha, que tinha vindo da cidade de Valença, Valença; o Magalhães, oriundo do Porto, Porto. A profissão também ajudava a que outros sobrenomes fossem sendo criados. Assim, o homem que fazia malas deu início a família Malheiro; o condutor de carros de boi, Carrero; o ferreiro, Ferreira. Por pouco, Albano Nuno Varela, criador de cabras, não perdeu o sobrenome. É que já existia na vila um Cabreira. Havia outros motivos. Pedro d’Azevedo, que andava nu da cintura para cima, constantemente se queixando do calor, transformou-se em Pedro Calô, diferenciando-se do outro apenas por uma letra. O outro, que se acovardava ante as ofensas dum desafeto, ficou conhecido como Pedro Calou. Afonso Cardoso, contumaz amante das mestiças do Jirau, Mulatinho. E, homenageando a região, multiplicavam-se os Carapebas, Paturis, Carrapichos, Carrapateiras, Baraúnas, além dos pejorativos Cheiroso, Bufão, Dos Ovos, Cu-de-Flandres. Quem não era nada disso era Silva. Vicejavam os Silvas (LEMOS, 2018, p.73,).

Chamamos atenção, neste momento, para a presença do nome Valença. Esse sobrenome pertence à família do autor, Gilvan Lemos, embora ele não o carregasse: Therezinha, sua mãe, quando casou, substitui-o pelo Lemos. Essa família teria sido, assim como os Valença de Sulidade, fundadores do atual município de São Bento do Una, terra de origem do escritor.

Segundo Thiago Corrêa, biógrafo do autor, no livro *São Bento do Una: formação histórica*, de Ivete Moraes Cintra, consta que os Valença surgiram pouco antes de 1830, quando o português José Rodrigues da Cunha optou por trocar o sobrenome Cunha por Valença, numa referência à sua cidade natal, localizada no norte de Portugal, já na Fronteira com a Espanha. Em São Bento do Una, os Valença prosperaram e se tornaram uma das principais famílias do município (CORRÊA, 2017, p.38). Veremos a seguir, ainda, que outros fatos narrados muito se assemelham ao espaço de formação original de Gilvan Lemos antes de ele migrar para o Recife.

Entre as características do espaço ficcional está a Seca de 1877, que, na história contada por Dilermando Pereira Neto (2018) sobre a origem da região onde está São Bento do Una, diz que o Brasil ainda era colônia portuguesa quando Antônio Alves Soares e sua família chegaram à região do Vale do Una, em 1777, fugindo de uma grande e terrível seca que assolava inúmeras regiões – principalmente o Nordeste brasileiro – geradora de inúmeros estragos em produtos provenientes da atividade agropastoril (NETO, Dilermando, 2018, p.52). Essa informação exemplifica a questão das Secas nos anos ímpares. Neto cita em sua dissertação:

Com a seca iniciada em 1777, conhecida como a Seca dos três setes, que prolongou-se com estiagens até 1779, a produção da charque no Nordeste se tornou inviável devido à morte dos rebanhos das fazendas produtoras. O que provocou uma crise econômica e social na região (GIRÃO, 1967, p. 121/ NETO 2018).

Mesmo citando a Seca de 1777 como exemplo, sabemos que entre os anos de 1877-79 houve uma das mais castigantes secas do Nordeste, citada dessa forma pelo narrador de *Espaço Terrestre*. Outra informação relevante na narrativa é aquela relacionada à infinidade de serpentes que assombravam a região no processo de formação de São Bento e que fora citada no romance como a causa do óbito do Sr. Ramires na fundação de Sulidade. A presença dessas serpentes em São Bento do Una foi um fato que alterou até o nome da cidade.

Thiago Corrêa ainda nos conta que “a infância do autor foi recheada de fatos que parecem desprezíveis, mas que adquirem relevância por revelarem o período de formação do escritor Gilvan Lemos, ajudando-nos a compreender melhor a sua figura e a sua obra” (CORRÊA, 2017, p.37). Realmente, lendo *Espaço Terrestre*, entendemos que a ampliação da compreensão do espaço ocorrerá mediante a compreensão do espaço geográfico vivenciado pelo autor.

Diante do exposto, não é só no universo narrativo, no caso de *Espaço Terrestre*, que as percepções e registros do espaço da memória afetiva estão presentes. A questão é mais ampla e profunda de acordo com os limites históricos e sociais.

Reforçamos que essa não é uma exclusividade de Lemos. Outros autores como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz poderiam ser alvo dessa reflexão. Por isso, a questão da interdiscursividade nos parece tão relevante, mediante também os recortes temporais-espaciais ou simplesmente cronotópicos.

Não desejamos, com isso, analisar o universo pessoal do autor, mas demonstrar que esse olhar dele como indivíduo pode ofertar uma nova dimensão ao seu trabalho. A sua obra é um exercício prático de sua liberdade. Ele se abre para potencialidades humanas que podem se distanciar enormemente do seu “eu” também. Este é um desafio: no que diz respeito a questões geográficas, o que ampliar, em que medida apontar o que foi além e o que é pessoal do autor, da personagem e do espaço da obra.

A fundação de uma cidade é simbologia para a origem de uma memória dos antepassados que se persistirá pelas próximas gerações das famílias. Através de uma série de tradições e de costumes que se perpetuarão por meio de matrimônios e de nascimentos de novos membros.

Em *Espaço Terrestre*, o cronotopo existe por conta das personagens e do ambiente, constituindo, assim, uma dimensão social da Literatura e sua capacidade de modelar a realidade por meio dos elementos da narrativa. Exemplificando, ao longo do tempo, a memória familiar dos Albanos moldou em Albano Nuno Varela o mesmo sentimento de perda materna. A despeito de essa não ser a história do primeiro e do último Albano, o primeiro, Albano Nuno Varela, ainda assim, deixou a sua família em Portugal e se distanciou da mãe pátria. Para melhor compreender essa abordagem presente no romance gilvaniano, elucidamos o comentário de Bemong acerca do cronotopo:

Na história literária, temos o exemplo dos cronotopos pelos quais diferentes aspectos da experiência humana, tais como a eterna alternância das estações (ciclicidade), em oposição à descrição de verdadeiros eventos históricos (historicidade), assumem forma narrativa. Em suma, “(...) a relação do “cronotopo” como o “espaço e tempo” einsteiniano é algo menos que

identidade, mas mais forte do que mera metáfora ou analogia” (BEMONG, 2015, p.19,)³⁸.

Podemos compreender que, dessa maneira, há, de fato, a relação cronotópica ou espaço-tempo tanto no real como no ficcional, mas é imprescindível a necessidade de uma visão caleidoscópica, visto que, se até a forma de uma palavra poderá ser cronotópica, o que dizer dos elementos presentes no imaginário do autor e na narração.

O tempo não é o limitador, e sim o libertador. Ele permite que a obra se passe em qualquer momento da história; o tempo é o do autor-criador. De acordo com Bakhtin,

O tempo do autor-criador não se limita ao presente, ele se afasta para o futuro ilimitado. Nele o espaço é igualmente ilimitado: ele cria tanto para o imediato quanto para o distante. Pode-se dizer metaforicamente que ele se encontra numa quarta dimensão que abrange três medidas. Nesse sentido, o cronotopo do autor-criador é semelhante ao cronotopo da imaginação e do sonho (BAKHTIN, 2018, p.243).

Esse excerto reforça a ideia de que o tempo do autor-criador, nesse caso, Lemos, é extremamente importante, mas não é o único. O ambiente de imaginação, criatividade, sonho, de qualquer que seja a melhor expressão para identificá-lo ainda é um espaço de manifestação de ideias. “O olho que vê e o que é visto por ele. O próprio olho que vê não se incorpora ao visto por ele nem integra as suas partes. Está fora dele, em outro tempo (BAKHTIN, 2018, p. 243). Ou seja, é parte da pluralidade, já que esse mundo é aberto pelo próprio autor ao perceber que pode ver pelo olhar do outro.

No caso do autor, sabemos que ele está presente, embora não apareça diretamente representado na obra. Mas cabe aqui a discussão sobre a intencionalidade discursiva, pois se sabemos que o sujeito não é neutro, seja ele real ou ficcional, então devemos potencializar suas intencionalidades. Diante desse horizonte, sabemos que nem todas as avaliações serão concretas, pois essas intenções perpassam pela complexidade de elementos de forte subjetividade, como a fala, o gosto, o gesto, a moral, assim por diante.

³⁸ O próprio Bakhtin legitima a introdução desse neologismo nos estudos literários da seguinte maneira: “significado especial que ele tem na teoria da relatividade não é importante para os nossos propósitos; transferimos o conceito para a crítica literária quase como uma metáfora (quase, mas não totalmente). O que importa é o fato de que ela expressa a inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo na quarta dimensão de espaço)” (FTC, 84) (BEMONG, p.19, 2015).

As diferenças sociais, as questões de simbologias e de significações, todos esses aspectos podem trazer diferentes visões sobre a mesma obra. Nessa relação espaço e tempo, é difícil que haja uma homogeneidade de visões; de outro modo, a heterogeneidade é positiva desde que venha acompanhada da alteridade. Bakhtin discute essa questão das intencionalidades mencionando que

Toda manifestação verbal socialmente significativa é capaz de, às vezes por muito tempo, às vezes para um amplo círculo, contagiar com suas intenções os elementos da língua atraídos para a sua aspiração semântica e expressiva, importando-lhes determinadas nuances semânticas e determinados tons axiológicos: assim ela pode criar uma palavra-lema, uma palavra-desaforo, uma palavra-elogio, etc. (BAKHTIN, 2015, p.65).

Logo, em cada momento histórico, para cada povo, para cada geração, estaremos nesse ambiente heterodiscursivo³⁹ e salutar. Por isso, esclarecer a intencionalidade do discurso é uma necessidade em cada texto. Quando Lemos, escreveu *Espaço Terrestre*, olhando para trás, muitos outros autores haviam trazido à tona semelhantes identidades espaciais. O olhar de cada autor sobre o espaço e o contexto dos acontecimentos sempre permitirá a presença de um discurso diverso e rico, e este certamente não será unísono.

Alguns falaram da Seca, uns falaram da saga do homem do Nordeste, outros, de um espaço anecúmeno, mas também falaram de uma população que se esforçava para permanecer nele, como em *Espaço Terrestre*. Curiosamente, Gilvan Lemos produziu uma obra com o discurso inverso, ou seja, não tirou o homem do Nordeste, nem o levou ao litoral; ele o trouxe para integrar-se com o espaço de uma nova terra, de um novo desafio dentro do Nordeste. Lemos produziu um romance sobre o que faz com que muitos desejem ficar ou do que os que não ficam levam consigo seu espaço de origem, assim como ele o fez vivendo no litoral.

As observações de Bakhtin são esclarecedoras:

Por isso, sempre apresentamos o elemento intencional concreto- semântico e expressivo, isto é, o elemento intencional como força que estratifica e diferencia a linguagem literária comum e não aqueles indícios linguísticos (coloridos lexicais, harmônicos, etc.) das linguagens dos gêneros, dos jargões

³⁹ ... mais do que uma pluralidade de vozes, importa ver no conceito bakhtiniano que as vozes se tornam diferentes por oposição a outras. A pluralidade é conquistada em face do outro: o discurso se torna dessemelhante (mas não necessariamente contrário) no contraste com os demais que o cercam (MACIEL, 2018, p. 2).

profissionais, etc., que são, por assim dizer, antecipações esclerosadas do processo intencional, sinais deixados no caminho do trabalho vivo das intenções, da compreensão das formas comuns da língua. Esses sinais externos, observados e fixados por via linguística, não podem por si sós ser compreendidos e estudados sem que se interprete a sua concepção intencional (BAKHTIN, 2015, p.67).

Necessitamos abranger nossas discussões, mas manter o direcionamento, pois, sem esse direcionamento, não seremos capazes de interpretar, estudar e de compreender melhor em que circunstância ou situação as discussões foram realizadas, e assim, não haverá propósito. Mas se tivermos consciência dessas questões referentes ao tempo e ao espaço, o propósito comunicativo será mais facilmente conquistado e ampliado. Por certo, compreender o universo pessoal de Gilvan Lemos permite compreender melhor a força da sua obra e das suas influências.

É necessário entendermos que o processo de mudança discursiva inclui a mudança social e cultural, bem como o seu funcionamento na vida atual. As origens e as motivações e a diversidade de enunciadore e intérpretes trazem riqueza e avanços ao estudo desse processo. Nessa perspectiva, o uso da palavra deve ser realizado no mesmo contexto de responsabilidade sociointeracionista em que é concebida para exprimir visões e/ou versões. Bakhtin é, portanto, um criador de um novo paradigma para as ciências da linguagem, promovendo um olhar único e imensurável do valor do sujeito e do discurso na vida em sociedade.

Quando o sujeito se vê, ele não enxerga a si próprio apenas, mas a todo um contexto social, econômico, cultural, ou seja, de forma interativa com o ambiente vivenciado e toda a sua historicidade. Bakhtin torna, desse modo, nesse contexto, a palavra um elemento de grande complexidade, pois nunca ela está sozinha. Esta traz consigo um imenso arcabouço de identidades e de intencionalidades arquitetadas das mais diferentes formas e em variados contextos.

Dessa maneira, é preciso saber distinguir entre a comunicação recebida e a comunicação assumida. Toda palavra utilizada em uma determinada situação apresenta expressão e valoração, sendo assim, é um enunciado. É preenchida de juízo de valor, posicionamentos ideológicos e culturais. A língua é o elemento promotor da interação social, e o diálogo é o princípio gerador da linguagem.

De acordo com Bakhtin, no gênero romanesco,

a dissonância e o heterodiscurso penetram no romance e nele se constituem num harmonioso sistema literário. (...) A estilística adequada a essa peculiaridade específica do gênero romanesco só pode ser uma estilística sociológica (BAKHTIN, 2015, p.77).

Essa relação dialógica com o espaço é o que fundamenta a sua estrutura. Portanto, a questão do espaço e do tempo para Lemos, em *Sulidade*, foi diversas vezes ressaltada pelo autor. Como visto a seguir:

Dia dos Santos Reis. A recuperação do calendário foi recebida com alegria geral. As festividades, pelo ocorrido, viram a noite. Albano Nuno Varela tentou inutilmente refazê-lo a partir do dia em tinham saído do Recife, data anotada no carroção do Sr. Ramires: 15 de maio de 1826, mas os dados de que dispunha eram factíveis de erro, não ofereciam qualquer base de cálculo. Isso, sem levar em conta que, ao resolverem anotá-lo, recontando-o do dia 15 de maio de 1826 em diante, Jesuína o negligenciara, firme nos seus propósitos secretos, o que Albano ignorava. Agora, o que todos sabiam é que fazia 11 anos, 7 meses e 21 dias que o Sr. Ramires, puxando a caravana, tinha deixado o Recife. Regozijaram-se porque podiam comemorar os dias santificados sem a mínima parcela de dúvida. Cada um encarregou-se de providenciar o calendário, e o dia 6 de janeiro ficou consagrado como o maior da história de *Sulidade* (LEMOS, 2018, p.71).

É possível observar que os fundadores de *Sulidade* viviam um drama, eles haviam se desconectado do tempo, e esse tempo tinha um significado maior do que apenas a data de mais um reencontro com suas origens, seus costumes, sua religiosidade. Tinham vagado do litoral ao sertão e vivido tempos tão difíceis, que o tempo parecia não haver passado. O encontro de *Sulidade* com o tempo marcado no calendário permitiu aos habitantes uma nova organização.

Com a localização, Lemos também se preocupou. Em um diálogo entre o professor Soares e Albano Nuno Varela sobre a educação de Albano Filho, o segundo Albano, é narrado:

- Não tenho mais o que te ensinar. – E ao Pai: - É uma pena o rapaz se perder.

Albano Nuno Varela, surpreso:

- Perder-se? Aqui? E o que ele faria lá?

Lá era a Terra, ou o Brasil. Professor Soares concordou:

- Tens razão.

(...) O aluno aplicado preocupa-se:

- E o que pode acontecer, professor?

- Com o quê? Com a língua portuguesa? Com os novos costumes?

Que aconteceu com as línguas derivadas do latim? Com os povos que emigraram? O tempo dirá.

- Mas não somos portugueses nem brasileiros?

- Somos marinheiros. Até o nome da nossa vila, graças a teu pai, ganhou um nome, eu não diria errado, mas novo. O Brasil é um país de tamanho territorial imenso, dificilmente deixará, no futuro, de ser retalhado em vários países, como aconteceu com as repúblicas sul-americanas colonizadas pelos espanhóis. Tão imenso que há anos vivemos aqui, ao lado dum antigo quilombo, e até agora ninguém veio nos importunar. Só o pobre do Vasconcelos, assim mesmo por acaso. As autoridades do Brasil nem sabem que existimos (LEMOS, 2018, p. 74).

Assim, o narrador, além de localizar Sulidade no romance e no espaço, traz à tona diversas questões, como a dificuldade de continuidade da educação de Albano Filho, visto que o Sr. Soares não era verdadeiramente um professor; era mais um profissional que teria abandonado um trabalho em uma grande firma no Recife e migrado com os Marinheiros para o interior e que, por gostar de ler e ter muitos livros, foi intitulado professor.

Uma segunda questão é a construção de uma nova identidade pelos fundadores de Sulidade; uma terceira questão é a grandiosidade do Brasil, que, sabemos, não foi dividido em outros países como as colônias espanholas, mas foi dividido em regiões, e o Nordeste, onde estaria Sulidade, estaria esquecido na ficção e na realidade; e por último, o isolamento e a falta de perspectiva daquele povo, tal qual o Nordeste de hoje.

Por isso, não há como não apontar toda abordagem em relação ao espaço e ao tempo de Lemos em *Espaço Terrestre*, uma vez que, embora o romance se inicie com elementos que marcaram o Brasil no início do século XX, o narrador situa todo o tempo da obra no passado, deixando evidente que não há presente nem futuro sem o cronotopo.

5. OS ESPAÇOS EM ESPAÇO TERRESTRE

Em sua obra, Gilvan Lemos aborda diversas formas de representação do espaço. As representações espaciais se diferem enormemente quando as abordamos na perspectiva do indivíduo, mas chegamos a alguns denominadores comuns quando avaliamos as memórias coletivas.

Existem muitos espaços em *Espaço Terrestre*. E para melhor visualizarmos essas contribuições da obra em questão, nos propomos a verificar as abordagens e experiências espaciais de acordo com alguns recortes.

O recorte da área de estudo faz parte do princípio da extensão. Esse é o princípio da delimitação usado pela Geografia como ponto de partida a uma proposta de estudo. As contribuições dadas pela leitura espaço-geográfica ampliam as leituras do espaço literário, e este é nosso objetivo. Conforme tal sentido, analisamos que na obra *Espaço Terrestre* podemos enxergar as seguintes formas de observação: as imbricações entre o espaço geográfico e o espaço da narrativa a partir do autor, das personagens e de todo o cenário de ambientação do romance.

Existem duas claras questões, a do espaço e a da ambientação. Osman Lins nos fala sobre essas concepções. Para ele, existe o espaço explícito, denotado, o qual, para ser aferido, solicita de nós a experiência de mundo; e o espaço da ambientação, implícito, conotado, onde transparecem recursos expressivos do autor e impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa (LINS, 1976, p. 77). Observamos, dessa forma, que o espaço, cuja visão apresentada pelo autor é real, mas não necessariamente fidedigna, é comum nos romances realistas.

Muitas vezes, o autor concebe o espaço como real, entretanto existe um alto grau de subjetividade no registro do referido espaço, já que o próprio autor tem focos de observação de diferentes aspectos de uma determinada localidade. Em vez de concebermos a visão do espaço real registrada pelo autor como verdade, devemos compreender melhor o que pode haver inspirado o autor em sua obra do ponto de vista espacial. E também existe o espaço de ambientação, criado para estruturar o enredo. A concepção espacial pode ser imaginária, ficcional, fantástica. O fato é que o espaço da ambientação é conotativo para cada apreciador da obra lida.

Para concretizarmos esse estudo de forma a produzir uma maior compreensão, nos propusemos a dividir o espaço do romance de Gilvan Lemos analisando as seguintes etapas:

1. O espaço da natureza;
2. o espaço da alteridade, da miscigenação e do preconceito;
3. o espaço do luto;
4. o espaço da história;
5. o espaço da infraestrutura e da produção;
6. o espaço para a pesquisa da obra gilvaniana.

O espaço natural, em *Espaço Terrestre*, assume um papel relevante. Esse espaço possibilita compreender como foi construída a ambientação, quais foram as dificuldades, as adaptações e os enfrentamentos das personagens no processo de transferência e de isolamento no ambiente sertanejo. Também é possível observar como esse espaço natural nos permite enxergar como o tempo passou para os habitantes de Sulidade.

5.1 O espaço da natureza

Quanto ao ambiente natural, nas obras que discorrem sobre a ocupação, o povoamento é extremamente valorizado e realístico. Mas essas são propostas de abordagem historiográfica, política, geológica, e não literárias. Com efeito, dentro do processo de ocupação, sempre estiveram presentes as seguintes características:

1. A expansão territorial apenas pela necessidade de consolidação do poder;
2. o domínio dos recursos naturais para sustentação da estrutura produtiva;
3. o ambiente para fins de povoamento e consolidação dos ideais de pátria e de pertencimento.

No primeiro ponto, sobre o processo de ocupação pela necessidade de consolidação de poder, as questões relacionadas com o espaço dizem respeito ao domínio sobre a população nele vivente, como o ambiente de escravização, formação de exércitos, domínio eleitoral, a exemplo do que ocorreu no Coronelismo do Nordeste brasileiro. A terra aparece, assim, como uma reserva de valor, dito que ela é um bem no qual se produz, mas não se reproduz; a terra é ocupada e conservada como reserva de valor, não cumprindo a sua função social.

No segundo ponto, destaca-se o domínio do espaço para obtenção dos recursos

necessários à criação, construção, consolidação e ao desenvolvimento da infraestrutura produtiva. Nesse caso, se explicita o espaço a serviço dos interesses econômicos que potencializaram as práticas bélicas que mudam frequentemente a história do homem e de toda a humanidade, direta ou indiretamente, seja o ambiente e o sujeito reais ou ficcionais.

O terceiro ponto seria a abordagem sobre o espaço natural que mais nos interessa, a ideia de espaço como ambiente para fins de povoamento e consolidação das ideias de pátria e de pertencimento. A pátria é frequentemente descrita como o espaço onde o indivíduo estabelece as relações de afeto com o território, no exercício da cultura, língua, dos costumes, da religião de um povo.

Dando sequência a reflexões acerca de nuances do espaço, Lins aponta que

Conquanto a apreensão simultânea da imagem seja em grande parte ilusória, exigindo o que poderíamos chamar uma leitura (não linear, mas fragmentária ou sinuosa), o certo é que o quadro, a sala, a paisagem apresentam-se aos nossos sentidos como uma totalidade. Atenda-se ainda à circunstância de que toda contemplação é um fenômeno nada simples e infinitamente matizado: diante do quadro, não só a visão é invocada, mas a intensidade da sua leitura a depender do estado de espírito e, principalmente, do nível cultural do contemplador; a temperatura, o silêncio reinante ou ruídos (LINS, 1976, p.77)

Quando falamos de espaço literário, todos os elementos descritos anteriormente por Osman Lins podem estar presentes; no entanto, na leitura de uma obra e na concepção do autor, na maioria das vezes, não são os elementos de maior relevância, mas as perspectivas diante deles. A leitura invoca sentidos que estão além da visão. Lins afirma que “a leitura da paisagem é incompleta se não se nota a ausência ou intensidade do vento, o odor de resina ou de fumaça, o zumbir dos insetos etc. (LINS, 1976, p.77). À vista disso, se admitirmos que o mesmo sujeito não verá a mesma imagem da mesma forma em um mesmo dia, cada leitor terá as mesmas possibilidades de impressões do espaço, seja ele ou não de ambientação.

É relevante que seja dito que quando esse leitor frequenta ou pertence a um espaço que, do ponto de vista da verossimilhança, se aproxima de suas visões de mundo ou de ambientação, ele busque compreender ou esmiuçar aquilo que foi visto pelo autor e por ele mesmo ou o que foi visto pelo autor e não por ele. Daí talvez essa ambição interpretativa tente ultrapassar o ambiente literário e focar equivocadamente no espaço geográfico natural.

Ainda assim, surge uma Geografia que não é pragmática e que enxerga o homem através dele próprio e, dessa maneira, permite uma percepção mais subjetiva do espaço como o que é tratado na obra de Tuan. O espaço da percepção e dos sentidos nos permite de fato um melhor diálogo entre a Geografia e a Literatura. Em vista disso, destacamos estas observações de Tuan:

O cientista e o teórico, por seu lado, tendem a descuidar da diversidade e da subjetividade humanas, porque a tarefa do estabelecer ligações do mundo não humano já é enormemente complexa. Entretanto, numa visão mais ampla, sabemos que atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer paixões humanas em qualquer cálculo ambiental, elas não podem ser excluídas da abordagem teórica porque o homem é, de fato, o dominante ecológico, e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade e não simplesmente mapeado (TUAN, 2015, p.13).

Talvez a Geografia, na sua versão mais pragmática ou aplicada, como dizem alguns geógrafos, tentasse localizar, cientificar a obra literária na tentativa de encontrar pistas, elucidar questões sobre características do espaço não abordadas tão claramente pelos estudiosos do espaço físico, e daí, segundo Antônio Dimas, em seu livro *Espaço e Romance* (1985), essa preocupação leva-o a comentar sobre a Geografia que analisa a fotografia e não o espaço:

Nesse tipo de geografia literária, o que está em pauta não é a visão do mundo transfigurada e remodelada pelo artista, capaz de dotar a realidade histórica de atributos outros que não simplesmente exteriores, mas, antes, a insistência em localizar o modelo que funcionou como ponto de partida. Em certo sentido, quem se propõe uma geografia literária pouco acrescenta ao estudo da literatura, uma vez que incorre numa espécie de reducionismo realista paralela ao do escritor (DIMAS, 1985, p.7).

Por isso, é de suma importância explicar que, no estudo do espaço em *Espaço Terrestre*, observa-se que o ambiente natural assume um significado maior do que o paisagístico. Durante toda a obra, Lemos é minucioso na sua descrição de cheiro, cores, de gostos. De Beja, passando por Lisboa e Recife até Sulidade, diversas características naturais foram abordadas.

É possível inferir que essa questão descritiva da natureza é imprescindível para os romances que abordam os aspectos relacionados à manifestação do fenômeno da Seca. E mesmo avaliando que os argumentos de Dimas são válidos e que devemos também admitir que a percepção do autor ou das personagens no ambiente da narrativa também apresenta fatores que não podem ser descartados sobre os aspectos verossímeis, esses aspectos podem colaborar

para elucidar fatos ligados ao ambiente social ao qual se aplica também o estudo geográfico, como costumes e relações socioeconômicas, culturais e religiosas, em determinados períodos.

A Seca é um fenômeno natural importante no romance gilvaniano, mas vale ressaltar que, embora a obra seja marcada por ela, a narrativa não ocorre apenas nesse contexto. Ou seja, é certo que o Agreste e o Sertão são espaços semiáridos e que apresentam chuvas mal distribuídas e que, por isso, ocorrem períodos mais secos e menos secos. No entanto, não pode ser dito que em todos os anos ocorra a Seca, senão a região Nordeste interiorana seria considerada um deserto (árido), e não uma área de semiaridez.

O espaço seco, e não a Seca, é que tem protagonismo em *Espaço Terrestre*. Dessa forma, avaliamos que o conhecimento do espaço geográfico traz ampliações de compreensão sobre o espaço ficcional. Acreditamos que Gilvan Lemos compreendia realmente esse processo, pois, em diversas ocasiões, ele usou características do ambiente natural para reforçar a importância do espaço na memória de uma personagem na obra. Neste excerto:

Corria o verão, a mata se entristecia com o proverbial canto das juritis, os campos se escaldavam na queimada da terra, contudo, outra seca como a de 77 seria improvável, jamais aconteceria outra igual, esperava-se (LE MOS, 2018, p. 164).

Podemos constatar que, mesmo quando o narrador faz referência a períodos secos, não quer dizer que nesse dado momento esteja ocorrendo o fenômeno da Seca. Yi Fu Tuan, em sua obra *Topofilia*, ressalta que

as atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor. As crianças vivem em um meio ambiente; elas têm apenas um mundo e não uma visão de mundo. A visão de mundo é a experiência conceitualizada (TUAN, 2015, p.15).

Sendo assim, nessa obra de Lemos, encontramos visões de mundo em um mundo ficcional. E essa visão conceitualizada pode ser representada em *Espaço Terrestre* através da memória em relação a Beja, Lisboa e a Recife. Beja era a terra natal de Albano Nuno Varela; era marcadamente um ambiente de características pedregosas, visto que, embora não descrito tão abertamente pelo autor, os tipos de construções que caracterizam o pequeno povoado feitas em pedras amontoadas e o ambiente de estações são bem definidos.

Queria a sua casa no molde dos pais, onde nascera, de pedra e tijolo, piso de lajes, cobertura de telhas de barro. Levasse o tempo que levasse, construiu-a assim. Que tempo iria perder? O da sua existência. Não bastava? Em uma tarde, escorchado, exausto, jogou para o lado a enxada, limpou o suor do rosto, ficou a descansar o corpo e o espírito, o olhar posto na linha do horizonte que se apagava apagando a luz do sol (LEMOS, 2018, p.60).

E ainda,

Via sua aldeia agasalhada na tristeza do inverno, via-a menos tristonha no outono, via-a ressurgindo na primavera, cansando-se na letargia modorrenta do verão (LEMOS, 2018, p.41).

Existem, portanto, no espaço da narrativa um espaço natural explícito e um espaço natural implícito. O espaço natural explícito é aquele que na narrativa está claramente descrito através dos elementos da paisagem; e o implícito, aquele que as narrativas subtendem existir. Na Geografia, dizemos que a vegetação é o espelho do clima, ou seja, não vemos o clima, mas observamos suas características na vegetação, que podem claramente revelá-lo, como as folhas largas em climas úmidos e folhas pequenas em climas mais secos, ou, ainda, folhas que caem no outono preparando a vegetação para o inverno seco e frio. Assim, no excerto anterior, sabemos que o clima é bem definido pelas diferentes alterações de comportamento em Beja a cada estação.

Sobre a chegada ao Recife e a descrição do sítio onde possivelmente atracara a embarcação:

Mas ondas do mar a quebram com violência contra os arrecifes, os fortes do Buraco e do Brum fechando a passagem da barra grande, por onde chegara a barra pequena, está com mais um forte a guarnecê-la, o do Picão, impediam-lhe qualquer projeto de esperança, imprimia-lhe compressivo sentimento de impotência (...) ainda ao alcance de sua visão uma cruz de pedra elevada sobre o istmo que seguia até Olinda. Nem portentosa nem poética: crua, muda, enegrecida. E cruel (LEMOS, 2018, p.14).

A descrição do sítio, ou espaço natural da cidade de Recife e Olinda, sofreu grandes transformações. A narrativa traz consigo importantes informações, por exemplo, não há mais o istmo que ligava as duas áreas mais povoadas do litoral. Hoje o antigo istmo deu espaço para ampliação do porto do Recife. Convidado para visitar uma quinta em Olinda, Albano Nuno Varela descreve:

Navegaram de canoa, margeando o istmo, subindo o Rio Beberibe que, àquela altura, já tinha suas águas tomadas pelo mar, as margens bordadas de manguezais. Ao passarem perto da cruz da pedra, a mesma que Albano avistara da janela do sótão, os negros largaram os remos a fim de se benzerem. (...) Para além dos manguezais, brotavam árvores frondosas, clareiras donde surgiram casebres e uma outra residência de aspecto senhorial (LEMOS, 2018, p.18).

O Rio Beberibe àquela altura já era considerado uma das principais fontes de abastecimento da população litorânea. O mangue, aos poucos, também começara a se consolidar como fonte de alimento e renda dos mais desalentados.

No processo de interiorização dos chamados marinheiros, Lemos retrata algumas características da paisagem regional nesse ambiente de transição entre Mata e Sertão.

Aproveitavam a água límpida dos regatos para lavar a roupa, reabastecer os tonéis, cozinhar. Descansavam após o almoço à sombra das grandes árvores. Uma frondosa, verde a despeito do estio, chamara a atenção de Albano. Ramires a conhecia: - É o imbuzeiro, uma árvore que nunca seca. Cria nas raízes verdadeiros balões de água, que a abastecem. Água boa de beber. Se necessitados tivermos a sorte de encontrar um imbuzeiro, estamos salvos. Veja aí no chão, ó Albano, são seus frutos os imbus. Experimenta. Albano achou-os ácidos, mas saborosos (LEMOS, 2018, p.48).

O umbuzeiro ou imbuzeiro apresentado na obra cumprirá um importante papel; foi à sombra de um “imbuzeiro” que Albano Nuno Varela foi acalentado em sua trajetória mais de tempo do que de espaço, do litoral ao Sertão. Mas também foi lá que ele e seus descendentes acalentaram os corpos cansados dos seus familiares mortos, não só os Albanos – como Albano Filho e Albano José – mas também o corpo do Sr. Ramires, o de Saíra, Mariá, Maria da Saudade e o de Andreza. O imbuzeiro era o túmulo ou o renascimento.

Morreu nos braços de Albano Nuno Varela, a quem recomendou paciência com a irmã:- Tudo que é meu deixo para os dois, - disse, esforçando-se para que todos os ouvissem. Depois, com amarga ironia:
- Morro feito Moisés, às portas do mundo que lhes prometi. Enterraram- no em lugar especialmente escolhido, à sombra dum imbuzeiro, em plano elevado. Padre Feitosa rezou por sua alma, benzeu a cruz que fincaram no alto da catacumba (LEMOS, 2018, p.57).

Nesse aspecto, vimos que o umbuzeiro é uma planta típica do bioma da caatinga que,

por muitas vezes, é a redenção da sede dos habitantes da região, cuja importância é vívida para o autor em pleno domínio do seu ambiente. O umbuzeiro transpõe o tempo, e diversas gerações adubam a sua existência ou resistência, pois é sabido que o umbuzeiro, assim como o sertanejo, resiste. Assim como Lemos persistiu com sua obra diante de todas as adversidades da sua vida. A natureza, dessa forma, amplia a leitura da obra quando, além do autor, o leitor compreende melhor os significados.

Na narrativa gilvaniana, percebemos ainda que o espaço está presente no exercício social dos indivíduos representados, no processo de construção das personagens e no exercício das relações sociais construídas por elas. Percebemos a necessidade trazida pelo autor de discutir as diferenças na composição do povo brasileiro e as dificuldades vivenciadas nesse processo. Por isso, alteridade, miscigenação e preconceito são temas que são propostos no espaço da obra *Espaço Terrestre*, como apresentaremos adiante.

5.2 O espaço da alteridade, da miscigenação e do preconceito

Quando Osman Lins nos fala sobre a ambientação, ele a divide em três tipos: a ambientação reflexa, ambientação franca e a ambientação dissimulada ou oblíqua. A ambientação reflexa mantém o foco na personagem (passiva), evitando uma temática vazia. A ambientação franca reforça a franqueza do processo, o perfil cultural do escritor, e pode ser mediada pela presença de duas ou mais personagens. E a ambientação dissimulada ou oblíqua caracteriza-se pela ambientação que revela a complexidade ou o engenho na medida em que o narrador, recusando a descrição pura, simples, tece ordenadamente o espaço, personagem e ação (ativa) (LINS, 1976, p.82-84).

É importante a relação entre ambientação e aspectos de alteridade, miscigenação e de preconceito presentes na obra, para que o autor distancie as personagens, o contexto e o foco narrativo. As falas e os tipos de narradores são importantes para a contraposição cênica entre o que é uma visão do autor e o que deve ser discutido pelas personagens. Sobre esse aspecto, Levinas nos fala:

A objectividade do objecto e a sua significação vêm da linguagem. A maneira de o objecto ser posto como tema que se oferece implica o facto de significar; não o facto de remeter o pensador que o fixa para aquilo que é significado (e

que faz parte do mesmo sistema), mas o facto de manifestar o significante, o emissor do signo, uma alteridade absoluta que, no entanto, lhe fala e, por isso mesmo, tematiza, isto é, propõe um mundo. O mundo precisamente como proposto, como expressão, tem um sentido, mas nunca é, por essa mesma razão, como o original (LEVINAS, 1980, p.82).

Na narrativa, Gilvan Lemos evidencia temas como a miscigenação e o preconceito. Albano Nuno Varela, personagem inicial do romance, migra para o interior e lá encontra a mãe do seu único filho: Saíra. Ela era neta do chefe do Jirau, que era uma espécie de quilombo/tribo onde os indígenas e negros refugiados teriam se encontrado. Durante o acerto para obter a autorização do Chefe e avô de Saíra, Bilisa, uma mulher misteriosa e amarga da tribo do Jirau, roga uma praga e diz “– Esse branco tem calor no sangue. O fruto dele mata. Calor de sangue! Arrenego!”. Bilisa amaldiçoa o casal, e após algum tempo, logo no primeiro parto, Saíra morre e nasce Albano Nuno Varela Filho. Segundo o narrador,

Albano, após testemunhar a morte da mulher, observa o filho, se bem amorenado na pele, tinha os cabelos claros e olhos azuis. Albano o exibia aos presentes, desnudando-lhe as nádegas: - vejam, examinem, meu filho não tem o jenipapo. – Era a prova indiscutível da pureza racial (LEMOS, 1976, p.66).

A questão racial era importante para Albano Nuno Varela, que, recém-chegado de Portugal, dizia que o povo do Brasil se amava demais e não entendia aquele colorido de gente, nada se assemelhava a Portugal como ele imaginava. Anos depois, o chefe Goma, avô de Saíra, pediu que Albano Nuno Varela levasse o bisneto para conhecê-lo. E passados alguns anos, o Jirau estava bem mudado, inclusive com crianças brancas brincando no terreiro. Albano, no dia seguinte, observando que o filho estava casmurro, falou:

Parece que não gostaste do passeio.
 - Não – resumiu-se.
 - Mas é a parte da tua gente, filho.
 - Não – repetiu.
 - Chefe Goma é teu bisavô.
 Aquele porco preto? Deus me livre! – Depois, pausando: - Não quero que o senhor diga a ninguém que ele é meu bisavô (LEMOS, 1976, p. 70).

Vimos, assim, que a miscigenação, desde o início, está presente em *Espaço Terrestre*, bem como os elementos relacionados ao preconceito. Sobre o preconceito, Tuan, em *Topofilia*,

comenta que a vida simples, proposta distante de tudo, evidencia uma espécie de fuga do preconceito. Mas ele defende que não é o ambiente ou tão somente o contexto, mas a dificuldade do indivíduo em reconhecer o outro. Logo, um deserto poderia ser uma benção, afinal, na solidão, o outro não se faz fisicamente tão presente (TUAN, 2015). Albano Filho, José Albano, Albano José e Albano Neto conservavam os mesmos fenótipos, e o primeiro Albano a carregar a marca do jenipapo, finalmente, após cinco gerações na terra, nascera. E Saí disse a José Albano, bisavô da criança:

- Nasceu com esse sinalzinho na bunda.

José Albano sorriu:

- É o jenipapo – mas dispensou-se de prestar-lhe maiores explicações. Saí não entenderia, ele tão pouco dava importância ao estigma preconceituoso cobrado pelos antigos Marinheiros. Os costumes tinham mudado, a maldição findara.

- Neto não ia gostar de ver o filho dele, Nhô José Albano, acho que não.

- Por que, menina?

- Porque ele é de cabelo e sangue negro.

- Ah, menina, que besteira. Minha avó era mestiça de negro e índio. E do Jirau também. – Entregou-o cuidadoso, pediu: - Bote-lhe o nome de Albano Nuno Varela, se lhe mereço alguma consideração.

- Como o senhor quiser, Nhô José Albano.

E José Albano pensava: Agora posso morrer, embora a isso não estivesse nem de leve disposto (LEMOS, 1976, p. 222).

O tempo se faz presente entre os Albanos de tal forma que, diante dos aspectos geracionais, Lemos faz questão de exaltar a mudança de pensamento entre Albano Filho (o segundo Albano) e José Albano (terceiro), ainda que o último em idade avançada. A miscigenação está presente até na escolha do nome das personagens. Albano significa albino, mostra a ideia presente nos primeiros colonos de que a preservação dos traços étnicos era um elemento de superioridade.

Os Albanos enalteciam o fato de o fenótipo preservar características como os cabelos claros e olhos azuis. Talvez José Albano tenha pensado diferente de Albano Filho, que renegava a família materna, por haver saído durante nove anos de Sulidade, após a morte do pai, e ter trazido para Sulidade, na garupa, Maria da Saudade, que chegou com os cabelos loiros de procedência “tão suspeita” e logo foram amorenando-se. Maria da Saudade explicava:

Quanto à cor dos seus cabelos:

- É natural, minha mãe era espanhola, meu pai, holandês. – Se lhe estranhavam o sobrenome d’Oliveira, ela, imperturbável: - Foi uma escolha que eu fiz.

(...) A primeira tristeza marcante de Maria da Saudade, em sua nova vivência,

revelou-se nitidamente no alto da cabeça. Uma manhã, José Albano estava na vila, ela, aproveitando a ausência dele como de costume, trancou-se no quarto a fim de refazer-se. Cobriu o rosto de cremes, pomadas, líquidos perfumantes, e em seguimento às lides da restauração ao examinar a cabeça – que dor no peito, na alma, nos sentidos: bem no risco que a repartia, contrastando com a brancura do couro, de lado a lado, via-se uma faixa negra indisfarçável, que avançava, espalhava-se, vinha descendo (LEMOS, 2018, p.110).

Vemos aqui importantes aspectos sobre Maria da Saudade. Ela demonstra a necessidade de se encaixar-se no ambiente através de características europeias que, naquele momento, para aquela sociedade, já eram tidas como padrão de beleza de tal forma, que Maria da Saudade era admirada e invejada pelas mulheres da vila de Sulidade.

Outro importante aspecto, sutilmente levantado pelo autor, é o fato da necessidade de inclusão não ser apenas de fenótipo, mas religiosa, afinal, era possível na época que fossem encontrados os chamados “Cristãos Novos”, termo designado para pessoas que mudavam de sobrenome para fugir de um processo de perseguições e rejeições sofridas pela comunidade judaica, no Brasil e no mundo. Mas vale salientar que esse nome não é associado apenas a esse tipo de origem. Muitos estudiosos de genealogia o atribuem à região de Braga, Portugal, e a outras regiões da Europa.

Decerto que a influência judaica era muito representativa no Brasil; Recife chegou a ter uma das maiores comunidades desse grupo, além de ser a cidade em que foi construída a mais antiga Sinagoga das Américas. Muitos Judeus acabaram saindo do Brasil. A chegada dos Judeus ao Recife antecede a chegada dos próprios holandeses; diversos deles eram oriundos da Holanda, onde o culto judaico era permitido; inúmeros deles trabalhavam ou tinham negócios relacionados com a Companhia das Índias. Muitos tinham vindo para o Brasil fugidos da Inquisição espanhola. Após longa permanência no Recife, foram expulsos pelos portugueses, situação que funciona como um marco da saída dos últimos holandeses da região. Os judeus saídos do Recife se alojaram em Nova Amsterdã, hoje Nova Iorque, que se tornou a cidade mais importante do mundo.

Maria da Saudade achou até que José Albano a rejeitaria, mas isso não ocorreu. Ele reagiu assim: “- Ficaste mais bonita ainda. Nunca pensei que tivesse felicidade de amar duas mulheres mais lindas no mundo, sendo elas uma só” (LEMOS, 1976, p.111). E embora ele não quisesse que

ela engravidasse para não mudar seu corpo e tampouco submetê-la à praga de Bilisa, Saudade engravidou e deixou para José Albano um filho, Albano José. Na idade adulta, José Albano viu o seu filho Albano José, pai de Neto, passar meses em coma. Entre os Albanos havia a ideia de que um filho só morria depois do pai. Por isso, Albano José, para libertar o filho do sofrimento, decidiu enganar a morte. Afastou-se do filho, despediu-se de Neto e foi para a sombra do umbuzeiro. Quando pareceu que José Albano havia morrido, finalmente Albano José faleceu. Quando Neto procurou o avô achando que ele de fato havia morrido, José Albano estava vivo e disse ao neto haver enganado a morte para que Albano José descansasse.

Aos poucos, vimos nas mortes, matrimônios e nos nascimentos dos Albanos um fio condutor das transformações. A morte de antigas ideias, a possibilidade de transformação e a renovação seriam representadas por esses signos. A necessidade de autorreconhecimento da superioridade dos Marinheiros sobre os filhos da miscigenação era significativa, mas esse fato narrado não poderia imputar ao autor a ideia de racismo. Analisemos a seguinte cena em que, levando o filho ao Jirau, Albano Nuno se encontra com um Marinheiro conhecido que andava sumido – o Sr. Manuel Jacinto. Ao encontrar Albano Nuno, Manuel explica que agora era professor no Jirau e lhe diz:

Chefe Goma queria todo mundo sabendo ler e escrever, como em Sulidade.
 - Ele também assiste às aulas. O negrão é duma inteligência rara. Engraçado, de algum modo, ele lembra meu avô. Não é estranho que um negro tenha os mesmos modos patriarcais dum branco?
 - Albano disse-lhe que não, não achava isso estranho.
 (...) – parece que não te dão muita atenção, ó Manuel Jacinto – observou Albano.
 - Nem eu a eles – contrapôs o Manuel. E vingativo: - Pra falar a verdade, ensinou-lhes tudo errado. Que faltava! Não quero aqui ninguém mais sabido do que eu (LE MOS, 2018, p.69).

O racismo é um importante aspecto que Gilvan Lemos não se furta de discutir e que não deixa mal resolvido, uma vez que propõe a revisão desse pensamento egocêntrico ou etnocêntrico dos colonizadores. Sobre esse aspecto social, Tuan disserta:

Os seres humanos, individualmente ou em grupos, tendem a perceber o mundo com o “self”, como o centro. O egocentrismo e o etnocentrismo parecem ser traços humanos universais, embora suas intensidades variem grandemente entre os indivíduos e os grupos sociais. Como a consciência fica no indivíduo, é inevitável uma estruturação egocêntrica do mundo; e o fato de que a autoconsciência permite a pessoa ver-se como um objeto entre os objetos, não

invalida a base fundamental dessa visão em um indivíduo. O egocentrismo é o hábito de ordenar o mundo de modo que os seus componentes diminuam rapidamente de valor longe do “self”. Embora o egocentrismo seja um forte viés (bias) da natureza humana, só em raras ocasiões pode ser plenamente alcançado. Isso resulta do fato de que uma pessoa é claramente dependente de outras para a sobrevivência biológica e para o conforto psicológico; e também porque o “self” é enviesado direcionalmente: o que se situa “na frente” não é equivalente ao que se situa “atrás”. O egocentrismo é uma fantasia que consegue sobreviver aos desafios da experiência diária (TUAN, 2015, p.44).

Essa ideia nos leva a refletir sobre esse aspecto de superioridade sem autossuficiência de pensamento. Afinal, em muitas comunidades no mundo, ao longo da história, o espaço era concebido sobre a ideia de um mundo infinitamente menor do que o atual. Essas comunidades viviam dentro da expectativa de superioridade sobre o domínio da técnica e da cultura que ali se desenvolviam, e todos os que pensassem diferente ou viessem de lugares distantes não seriam completos, seriam inferiores.

É importante que o autor aborde a questão do racismo para consolidar a ideia do quanto essa questão é vergonhosamente antiga no Brasil e de como esteve sempre estruturada e enraizada na nossa história. Sulidade era uma representação desse fato. Através de José Albano, vimos que, aos poucos, a miscigenação assumiu um novo significado, mas não quer dizer que o preconceito fora superado, como representado na fala de José Albano ao conhecer Albano Nuno Varela Neto (o do jenipapo).

O jenipapo é uma fruta, cujo suco em contato com o ar oxida e fica escuro. O termo é originário do tupi. De acordo com Veruska Cruz da Silva, pesquisadora da Embrapa, “em sua denominação científica, Genipa vem do tupi-guarani “iá-nipaba” ou “yani’pawa”, e significa fruto de esfregar ou fruto que serve para pintar; e americana por ser próprio das Américas” (Braga, 1960/ in SILVA, 2020, p. 15). O próprio uso do termo “jenipapo” evidencia a visão do preconceito.

A proposta de discussão da alteridade, então, surge no reconhecimento do espaço presente em cada indivíduo, e neste, um universo de elementos que o identificam como único, mesmo quando pertencente a algum grupo. Enfim, um sujeito só existe se existir diante de outro que o reconheça, ou seja, através da consciência do outro. Sobre a questão do discurso e do seu destinatário, Bakhtin defende que

A concepção do destinatário do discurso (como o sente e imagina o falante ou quem escreve) é uma questão de enorme importância na História e na Literatura. Cada época, cada corrente literária e estilo ficcional, cada gênero literário no âmbito de uma época e cada corrente têm como característica suas concepções específicas de destinatário da obra literária, a sensação especial e a compreensão do seu leitor, ouvinte, público, povo. O estudo histórico das mudanças dessas concepções é uma tarefa interessante e importante (BAKHTIN, 2016, p.67).

A obra de Lemos nos permite avaliar que as mudanças sociais ao longo do tempo possibilitam também a própria evolução do discurso, à medida que o indivíduo se apropria do seu espaço e das necessárias e salutares relações de convivência, sair de si e enxergar o outro.

Quando falamos do primeiro Albano, ele ainda é um reflexo de vários elementos sócio-históricos presentes na visão colonialista; quando falamos do preconceito explicitado por Albano Filho, falamos sobre o processo de isolamento dos Albanos no espaço rural, pois estes não viviam em Sulidade, mas próximos a ela, na zona rural; e quando falamos de José Albano, evidenciamos a sua experiência de vida fora dos limites de Sulidade e do Jirau. Com o propósito de explicar a alteridade e a transcendência, Levinas destaca:

O eu não é um ser que se mantém sempre o mesmo, mas o ser cujo existir consiste em identificar-se, em reencontrar a sua identidade através de tudo o que lhe acontece. É a identidade por excelência, a obra original da identificação (LEVINAS, 1980, p.24).

O olhar para fora permitiu a ampliação da visão de José sobre a miscigenação. O importante para ele era o fruto, e não o fato tal qual ocorreu, ou seja, o neto, e não o processo de miscigenação que marca a sua origem.

Em *Espaço Terrestre*, além dos aspectos aqui apresentados, o luto também é um importante tema a ser apresentado. Em diversos momentos, o luto nos traz a dimensão do tempo na obra. Gilvan ressalta a importância das personagens femininas na dor e no renascimento do enredo bem como nas relações filiais entre pais e filhos. Passou a ser comum na narrativa a perda das mulheres dos Albanos apresentadas como reforço das relações entre os homens da família. Da mesma forma, essas relações trouxeram à tona questões geracionais e as certezas

de, na maioria das vezes, os avós terem sido melhores e sensíveis pais para os seus netos, dando-lhes a vida ou o enredo novas oportunidades. Apresentaremos, portanto, a importância do luto nessa narrativa no tópico seguinte.

5.3 O espaço do luto

“Precisamos, pois, de apontar um plano que ao mesmo tempo suponha e transcenda a epifania de outrem no rosto; plano em que o eu se estende para além da morte e se desliga também do seu retorno a si. Semelhante plano é o do amor e da fecundidade, em que a subjectividade se põe em função desses movimentos”
(LEVINAS, 1980).

O texto de Lemos permite um alto grau de identificação de signos, e para o significado, exige um leitor atento, “são pensamentos sobre pensamentos, vivências sobre vivência, palavras sobre palavras, textos sobre textos” (BAKHTIN, 2016, p.72). Esses signos podem se aproximar ou se distanciar do autor, definindo sutilmente a dimensão de cada espaço. Cada mãe dos Albanos teve, por exemplo, um espaço maior na vida do seu companheiro do que na vida de seu filho. Assim, existiu em cada uma delas uma dimensão de espaço e de tempo.

Vemos que cada luto na obra associado à personagem feminina instala no enredo uma imensa apresentação dos recortes espaciais e temporais das gerações dos Albanos. As diferentes personalidades desse universo feminino mais próximo dos Albanos nos permitem verificar uma quebra da resistência ao processo de adaptação promovido pelo encantamento por essas personalidades femininas. Saíra era alegre, afoita, impulsiva e até instituiu em Sulidade o hábito do banho diário, mas também precisou cobrir-se e se adaptar às convenções sobre as quais Albano a alertara.

Saíra se tornara um marco na obra, pois fora a primeira a parir um Albano no Brasil. Ela teria quebrado a resistência de Albano Nuno Varela, que, além das questões de miscigenação, havia de vencer a tristeza e o isolamento. A personalidade de Saíra o encantara. Saíra e Albano Nuno Varela formam o primeiro casal da família em Sulidade. Poderíamos associar o nome de Saíra ao termo ‘saída’, ou seja, ela teria significado a saída de Albano Nuno Varela da solidão em que se encontrava. Mas Saíra não foi a primeira perda de Albano Nuno Varela. Ele perdera

o pai antes de vir ao Brasil, recebeu tempos depois a informação da morte da sua mãe em Portugal, e por isso, logo compreendeu que, se não havia incorporado o Brasil como Terra, também Portugal já não o era. Depois, perdeu o Sr. Ramires e a irmã dele, que era sua noiva, mesmo que não lhe tivesse apego, e nesse momento de tantas perdas e solidão, conhece a alegria de Saíra e a perde após o parto do primeiro filho.

Albano Nuno disse que jamais tivera felicidade completa. Gilvan Lemos narra a morte de Saíra ou momento em que ela deixa a vida de Albano Nuno.

No tempo determinado pela natureza, Albano Nuno Varela assistiu ao nascimento do filho. E à morte de Saíra. Não houve quem pudesse deter o sangue do derrame interno que a acometera. Saíra esvaía-se, pegada na mão de Albano, amortecendo o olhar à medida em que o ia deixando e ao filho que mal pudera ver. Albano apertava-lhe a mão, beijava-a (LEMOS, 2018, p.65).

Albano Nuno Varela dedicou-se a criar o filho Albano Filho, mas a morte de Saíra o acompanhou menos do que suas lembranças felizes dela. Essas lembranças faziam Albano Nuno sonhar. Sonhava com os banhos de rio e a espuma feita pela casca do juazeiro, bem como com a pele azeitonada de Saíra, mas o filho o acordava sempre.

Albano Filho, tempos depois, casou-se com Mariá. Ela era uma órfã agregada à casa de um casal antigo de Sulidade, ainda daqueles que teriam acompanhado o Sr. Ramires. Mortos os protetores, Mariá permaneceu sozinha, e Albano Filho apaixonou-se por ela; ficaram no chalezinho da cidade, deixado por Vilegas. Albano Filho passava o dia no sítio, e ao pôr do sol, voltava para Mariá.

Dali a nove meses, nasceu o primeiro e único filho. Da mesma forma que Saíra, Mariá morreu no parto, deu à luz a um menino que foi chamado de José Albano. Albano Nuno Varela observou as nádegas e nelas não havia jenipapo. A tristeza de Albano Filho foi imensa, e a vida do filho era um alento.

José Albano fora criado no sítio com o pai e o avô; para o avô, ele era madraceiro, e para o pai, bandoleiro. Em 1880, morreu Albano Filho, e então Albano José desapareceu e reapareceu nove anos depois em Sulidade acompanhado de Maria da Saudade. No dia de Reis de 1890, nasceu Albano José, e Maria da Saudade não chegou a vê-lo.

José Albano a enterrou debaixo de um dos umbuzeiros onde merendavam após o trabalho do campo e se comiam depois com voracidade. Enterrou-a ouvindo os rumores festivos que se desdobravam na vila, o eco de alegria, o estouro dos foguetes, que se encadeavam, correntes, até esbarrar na aba da montanha. A vontade de José Albano era largar o sítio, a vila de Sulidade, tudo, como fizera da outra vez, havia dez anos. Seria uma forma pessoal de vingança (LEMOS, 2018, p.118-119).

Albano José fora criado como os outros Albanos, pelo pai e pelo avô. Quando Albano José ainda era menino, seu avô encontrou Andreza. Ela era uma menina, filha de retirantes, que seria abandonada a mando do pai em uma caminhada pelo sertão em direção à Bahia, em busca do santo homem que se encontrava em Monte Santo. A referência, aqui, é ao período de Canudos. Para salvar Andreza do abandono dos pais, José Albano pediu para criar a menina, e Andreza foi criada com Albano José, de quem se tornou companheira.

No dia da queda do aerólito nas proximidades de Sulidade, Andreza estava só na casa e eles, no campo. Diante do estrondo, Andreza caiu e abortou. Chegando a casa, Albano José observa a cena e pergunta “– Você estava grávida? E ela responde “– Estava. Era um menino, Albano José”. Naquele momento, eles não sabiam, mas Andreza tinha ganhado mais tempo de vida. O intervalo da discrição ou da morte é uma noção terceira entre o ser e o nada (LEVINAS,1980). Andreza não fazia ideia de que, vivendo com Albano José, ainda caminhava para a morte; mas não tinha como fugir disso, não tinha ciência do tempo e dos riscos.

Certo dia, José Albano e Albano José estavam voltando para casa quando viram um incrível relâmpago, e após este, reservaram os pensamentos e as palavras. No momento em que chegaram a casa, Andreza não os esperava e foi encontrada por Albano José ainda com o filho nos braços. José Albano então disse:

- Conformate, filho. Comigo aconteceu a mesma coisa. E com teu avô também, com teu bisavô. É um fardo que carregamos.

- Por que o senhor não me disse?

- Não sei. Devia ter dito? Teria adiantado? Não podemos ir de encontro aos fardos, meu filho.

Sem saber, José Albano repetia o primeiro Albano, Albano Nuno Varela, que assim consolara Albano Nuno Varela Filho, quando este perdera a esposa nas mesmas circunstâncias em que ele havia perdido a sua.

(...) – Quero que ele tenha o meu nome, vamos chamá-lo de José Albano Neto. (LEMOS, 2018, p.169)

Neto, também fora criado como o pai e o avô. Após ajudar o avô a enganar a morte para libertar o pai da prisão do coma, Albano José Neto encontrou Saí, que descobriu que era filha de uma filha do seu avô, José Albano, com uma moça do Jirau com quem tomava banho de rio e que no parto descobriu que ela havia morrido. Com receio de passar pela mesma desgraça que os antepassados, Neto decidiu deixar Sulidade, mas era tarde, Saí teve um filho. E assim como Bilisa tinha dito a José Albano, depois dele, mais um, e estava livre da maldição que, embora arrependida, não podia reverter.

Saí então sobreviveu ao parto, dando origem a uma nova geração de Albanos que teriam mãe. Saí se tornara mãe de Albano Nuno Varela Neto, o único com a marca da miscigenação, o mais brasileiro dos Albanos e aceito pela família, cujas perdas também os havia transformado.

Constatamos que o espaço da narrativa é marcado pelas transformações dos indivíduos, nas suas relações com a natureza e nos importantes aspectos de construção das identidades, dificuldades e perdas, mas é importante ressaltar que os acontecimentos históricos nos ajudam a compreender melhor as circunstâncias sócio- históricas que constroem a narrativa. Dessa maneira, acreditamos que pontuar esses fatos possibilita evidenciar a preocupação de Lemos com a contextualização da sua obra, para que fiquem claras para o leitor a voz das personagens, e não só a do autor.

5.4 O espaço e história

Diversos eventos históricos estão presentes na narrativa de *Espaço Terrestre*. As interferências desses acontecimentos na obra funcionam como uma das marcações do tempo. A seguir, discorreremos sobre as diversas circunstâncias da obra em que o autor fundamenta os acontecimentos nos fatos históricos. Seguiremos uma ordem cronológica de acontecimentos que marcam da migração no início do século XIX até a primeira metade do século XX.

A questão do tempo e as transformações sofridas no espaço são essenciais para a obra em questão. Dessa forma, Gilvan Lemos pode explicar o discurso do narrador e das personagens, além de relacionar esses acontecimentos ao seu próprio e rico processo de

compreensão do espaço da terra onde nasceu e cresceu. Lemos é, então, autor e leitor. Autor, porque enuncia o romance, e leitor, pois foram as suas complexas visões e interpretações dos espaços que enriqueceram *Espaço Terrestre*.

Já no início do século XIX, o romance narra sobre a chegada de Albano Nuno Varela ao Brasil. Nesse momento, compreendemos que a vinda desse Albano de Portugal significava a esperança de uma vida melhor do que a dos seus progenitores. Estes viviam numa pequena aldeia chamada Beja. A aldeia é retratada como um local simples e bucólico, algo que, do nosso ponto de vista, evidencia uma característica bem própria de um romance realista. Mas ao chegar ao Brasil, Albano Nuno encontra uma realidade diferente daquela idealizada. Saindo de Beja, passou por Lisboa e disse: “Em Lisboa, foi só chegar, tomar o navio e vir desiludir-se”. Ao chegar ao Recife, mal podia andar. Se não fossem alguns marinheiros, como ele, a carregá-lo, teria ficado no porto. A visão da nova terra não era tão diferente de Lisboa, embora não a tivesse conhecido em profundidade.

Por Lisboa, aglomeravam-se tanoeiros, marceneiros, entalhadores, relojoeiros, sapateiros que, em seus ofícios, eram geralmente orientados por indivíduos que os exerceram anteriormente e que, tendo através deles algum rendimento, os transferiam para a execução dos escravos. Para os brancos, na maioria portugueses, e para brasileiros que lhes imitavam os costumes, era vergonhoso executar trabalhos manuais, artesanais, peculiares às classes baixas, senão aos escravos (LEMOS, 2018, p.15).

E ainda:

No mercado e no pátio da igreja, vendiam-se frutas, raízes e cascas de pau. Negras quase nuas preparavam comedorias, carnes e peixes em molhos de cores vivas. A mexer com colheres de pau os panelões reluzentes de gordura e fuligem (...) Negros recém-chegados d'África, uns na força da idade, machos e fêmeas, crianças e até velhos, agrupavam-se em frente aos armazéns, à espera de compradores encurralados, submissos, sem aparentar nenhuma vontade consciente de fuga ou de revolta, tal estado em que se encontravam (LEMOS, 2018, p.16).

Via em Recife

Os desafortunados – saloios, labregos, pobres aldeões – areavam-se no mormaço do trapiche, encadeados pela luz forte do sol, aquele sol estrangeiro, incertos do que iriam fazer. Depois da longa travessia, já conhecida de Albano, davam-se ao novo mundo tão miseráveis quanto escravos, diferenciando-se deles apenas pela cor da pele e o traje campônio

européu. Um amontoado de símios brancos sufocados em sua roupa de beata, pasmados com o trânsito daquela gente escura, sua oponente, meio nua, que lhes oferecia em tabuleiros comidas de sabor duvidoso, frutas exóticas, bugigangas esquisitas (LEMOS, 2018, p.21).

Todas essas descrições históricas demonstram a preocupação de Lemos em nos transpor como leitores para o que de fato Albano Nuno Varela também encontraria em Recife. Independentemente dos elementos históricos, sabemos que nada é tão diferente nas áreas próximas às regiões portuárias. Decerto que não estamos nos referindo à escravização dos negros, pois dizem que essa foi abolida; no entanto, na nossa percepção, foi abolida a escravização, mas não foi tornado livre o cativo.

Se os cativos tivessem sido livres, não seriam possivelmente seus descendentes os carregadores atuais dessa lesão histórica. Estes hoje são a maioria dos analfabetos, das vítimas da violência, da baixa remuneração, da execução dos chamados “serviços menores” que são menores também em remuneração. Não só Albano viu no Recife separado de Portugal pelo Atlântico as mesmas questões sociais dos pobres como elemento ainda vigente, mas também seus descendentes .

A escravização e a pobreza são importantes contextos sociais que reforçam o espaço das personagens. Portanto, eficientemente, os elementos socioespaciais são necessários para a melhor compreensão da obra, para que não sejam confundidas as vozes do autor e a das personagens na luta por igualdade e justiça social de hoje. De certa forma, Lemos nos reconecta com o passado, não apenas com o propósito de trazer ao leitor a atmosfera da obra, mas também para provocá-lo sobre o olhar da verossimilhança, o que de fato passou. Esse passado colonial aponta quem somos no Brasil de hoje.

Um momento de muita relevância que irá corroborar o que foi anteriormente exposto são os fatos marcantes na história do povo de Pernambuco. É interessante observar que, em algumas situações, o autor nos faz refletir sobre o fato de que o pernambucano é considerado tão revolucionário pelos portugueses, a ponto de muitas personagens relatarem em suas falas significativos eventos da história de Pernambuco, bem como as personalidades envolvidas nas revoluções. Em diversas falas, a referência aos pernambucanos serve para diferenciá-los dos brasileiros e dos Marinheiros, como se nada disso eles fossem. Pernambucano era

pernambucano e só. Lemos nos introduz essas questões com tal abordagem:

Os pernambucanos, que se intitulavam nativistas, lamentavam que o Recife estivesse nas mãos dos portugueses. Se tivessem permanecido em poder dos holandeses, a situação seria outra, haveria mais progresso e bem-estar para todos. Tudo o que havia de sólido, belo, proveitoso no Recife tinha sido construído pelos holandeses. Esqueciam-se de que eles próprios, há quase dois séculos, os haviam expulsado, feito do qual se orgulhavam a todo e sob qualquer pretexto. Contudo, para Albano, em sua ignorância, se os holandeses fossem tão poderosos não teriam sido derrotados por forças inferiores em armamento e número de combatentes. Os nativistas de agora confundiam os feitos do passado, Albano não os entendia (LEMOS, 2018, p. 23).

Do nosso ponto de vista, Gilvan Lemos provoca nessa fala um elemento de contradição entre heranças de crença e cultura. Primeiro, a supervalorização da ocupação holandesa como se essa não fosse promotora de graves problemas em outras áreas coloniais onde foi mais eficiente. As possíveis melhorias infraestruturais devem ser vistas com o propósito de garantir um eficiente escoamento de produção e organização mínima de um espaço desconhecido, para que este se tornasse melhor articulado aos seus propósitos.

Outra questão pertinente é a de que talvez não tenha sido a força dos pernambucanos, mas a fragilidade e o desabastecimento dos holandeses que teriam produzido o histórico e grandioso mérito aos pernambucanos. E mais, se eles tivessem aqui permanecido, seria Pernambuco diferente das Antilhas? Posto que não. Hoje, nas antigas Antilhas, onde teriam se refugiado os holandeses saídos ou expulsos do Brasil, a situação socioeconômica é semelhante à do nosso passado colonial, com um agravante, um território infinitamente menor e proporcionalmente ainda mais pobre.

O romance narra as impressões de Albano Nuno Varela sobre os pernambucanos nativistas diante da chegada, cada vez maior, dos reinóis protegidos pela corte que chegavam ao Brasil. Estes eram vistos pelos nativos como parasitas que, para manterem seus luxos, elevavam os impostos,

indignados, a revolta a ferver-lhes em seu temperamento instável, os nativistas pernambucanos protestavam, organizavam-se em sociedades secretas, ativavam a maçonaria. Afinal, com reis ou sem reis, Albano era mais um marginalizado (LEMOS, 2018, p. 23).

Percebemos que o discurso nacionalista era muito presente entre os pernambucanos. Em 1817, tem início a Revolução que viria a ser o último movimento separatista em Pernambuco. Um francês, de quem Albano percebeu tardiamente que não lhe conhecia o nome, disse:

Haverá uma revolução, sim, afinal os pernambucanos não podem viver sem revoluções. Mas esta será como as outras, será logo abafada. O brasileiro esbraveja, esbraveja, mas termina se acomodando. *Je pense que le Brésil ne sera jamais un pays sérieux.* (LEMOS, 2012, p. 30)

Mas em dois dias, os pernambucanos revoltosos estabeleceram um novo governo o qual, no dia 25 de maio, findaria, após dois meses e meio. E o amigo francês discorria:

Os pobres não ganham revoluções nem se beneficiam delas, *cher mi*. Raro as iniciam, mas logo perdem o seu controle. Foi assim em 1789, em França; quando os *sans-culottes* passaram a usar *les-culottes, tout simplement* (LEMOS, 2018, p. 28).

Nesse caso, não podemos relevar as impressões do autor. Lemos aqui expõe sutilmente o pensamento de que os não brasileiros poderiam compreender e projetar mais sobre o que era o Brasil, pois, por diversos aspectos, percebemos uma diferença educacional entre os nativos, os trabalhadores migrantes e uma elite intelectual que aqui aparecia na figura do Francês. Outro aspecto pode também ser levantado sobre a prioridade de Gilvan Lemos acerca de temas históricos de grande complexidade e dessa prioridade explicitada de forma analógica entre a Revolução Francesa e a Portuguesa.

Por último, mas não menos importante, ele aborda o fato de muitas das obras nacionais não assumirem o protagonismo correspondente à sua qualidade, pois não eram traduzidas para outras línguas com grande frequência, fazendo com que essas obras não fossem ampliadas.

Talvez seja esse um devaneio nosso, mas Lemos pode ter tentado mostrar que era capaz de publicar em outra língua, fato que ocorreu com as obras de outros autores que, por isso, obtiveram maior amplitude. A relação espaço-tempo em Espaço Terrestre, de fato, externa outros tantos espaços através de uma narrativa sócio histórica.

O atentado ao governador Luís do Rêgo, a Convenção de Beberibe, que tornou Pernambuco livre de Portugal, onze meses antes que o Brasil inteiro, a Confederação do

Equador, a morte de Frei Caneca. Todos esses fatos explicam a tristeza do Sr. Ramires com o Recife e também mostram o seu anseio por uma nova terra. Por isso, em 15 de maio de 1826, saíram do Recife para o interior onde o “imbuzeiro” passava a ser o símbolo das novas e profundas raízes na nova comunidade.

A seca de 1877 não foi esquecida pelo autor. Essa experiência com o ambiente mostra o sofrimento de uma forma íntima e externa das personagens. No íntimo, uma vida seca, sem grandes perspectivas e aspirações, sempre à espera de algo que venha de fora de Sulidade; e de forma externa, a evidência de um espaço de baixa umidade que, para nele subsistir o sujeito, tinha que ser engenhoso (criativo) em um ambiente inóspito e de resistência.

Grande parte dos acontecimentos históricos na narrativa aqui descritos antecederam a vida em Sulidade. Possivelmente, esses acontecimentos históricos posteriores à fundação de Sulidade prestam outro papel. Em Sulidade, o que contava o tempo era o cansaço, e não os grandes acontecimentos. Era como se a vila só existisse para os seus habitantes. Se não fossem os passantes da história, ninguém saberia há quanto tempo estava ali.

Se não fosse, por exemplo, Hermes de Vasconcelos, que só chegou a Sulidade porque se perdeu, o povo não saberia que já era 06 de janeiro de 1838 e que haviam se passado 11 anos, sete meses e 21 dias desde que saíram do Recife, não saberiam que Pedro II governara o Brasil.

Se não fossem os passantes, não saberiam do fim da Monarquia e de um Conselheiro no interior da Bahia, que, além de ‘prometer restituir a Monarquia’, disse que iria criar um céu na terá para os pobres, “não tem seca, não tem fome, cada um tem seu roçado mode plantar nele o que quiser, a água do rio se vira em leite, as barreiras em cuscuz”, disse um romeiro a José Albano, ao passar por Sulidade. José Albano questiona:

- Vocês pretendem o reino do céu ou o da terra?
 - O da terra e o do céu. Tendo o da terra tem o do céu. De barriga cheia, a gente não peca, não pecando, vai pro céu.
 - De modo que o que eles querem é somente comer, concluiu em pensamento José Albano, que fez menção de pôr o cavalo em marcha. A engelhada, o rosto de mártir queimado de sol, abriu-se ainda em bem-aventuranças:
 - Não quer acompanhar a gente?
 - Obrigado, dona, não aprecio cuscuz com leite.
- José Albano deu as rédeas no cavalo, voltou a passos, deixando-os para o esquecimento. (LE MOS, 2018, p.125)

Essa passagem consolida a ideia anteriormente exposta de que existem duas perspectivas espaciais muito evidente em cada personagem: a interna, marcada pelo cansaço e pela esperança, e a externa, contextualizada pela semiaridez e pelas penúrias da fome. Fome é ausência de alimento. Hoje é sabido que não existe ausência de comida; logo, a fome existente é causada pela má distribuição de renda para a aquisição do alimento, e não pela falta dele.

O espaço que a fome ocupa em *Espaço Terrestre* é semelhante ao de outras obras que apresentam semelhante enredo. Quando a romeira afirma que se não existisse fome não haveria pecado e assim estaria no céu, José Albano responde que não gosta de cuscuz com leite, ou seja, José Albano possivelmente entendeu que o espaço ocupado pela fome no sujeito é importante, mas não determinante, além do que deixa implícito que não acredita nas promessas de Conselheiro nem no céu relatado pela romeira.

Nesse momento, que se refere a Canudos, é contada a história de Andreza menina ainda. Foi no mesmo dia em que passaram os romeiros; ela foi salva por José Albano, já que seria abandonada aos urubus pelos pais. José Albano pediu e eles lhe deram Andreza para criar. No tocante a esse tema, Lemos resgata algo que era muito comum na região naquele período, os desesperados da fome abriam mão dos seus filhos para outras famílias ou pediam apadrinhamento aos mais abastados para os refugiar, se preciso fosse, diante do sofrimento.

Entre as muitas verossimilhanças presentes no enredo, a Coluna e o Cangaço não foram esquecidos por Lemos. Esses acontecimentos marcadamente localizam o romance no século XX. Esses acontecimentos também colocam Sulidade no Mapa. Aos membros da Coluna, professor Sarinho encarregou-se de contar sobre a origem de Sulidade.

Espantados com a aparência daquele povo estranho que vestia roupas desusadas, falava fortemente, com sotaque português. Um dos oficiais descrente do que via falou:

- Incrível! – Exclamou o mediano.
- E por mais de cem anos tinham vivido isolados do resto do país? Tinham. Ignoravam o que acontecera e acontecia no Brasil desde a chegada dos avós ali? Ignoravam.
- (...) O barbudo fez então um sucinto resumo do que acontecia no Brasil, confessou que eram revolucionários. Com as histórias do avô na memória, José Albano interrompeu:
- Pernambucanos?
- Há pernambucanos conosco.

- Meu avô dizia que era o povo mais revolucionário do mundo, o pernambucano.
- Não há dúvida. O cearense também. Eu sou cearense – disse o alto arruivado, rindo (LEMOS, 2018, p. 156).

A Coluna literalmente havia assumido o papel de colocar Sulidade no mundo, mas esse contato trouxe diversas mudanças para Sulidade, e pode-se dizer que não foram as melhores.

Anos após a passagem da Coluna, chegaram a Sulidade os cangaceiros. Estes entraram na vila sem o menor resguardo. Se não fosse José Albano, teriam sido pegos de surpresa; mas, graças ao aviso, expulsaram os cangaceiros com as armas negociadas com a Coluna, em troca de mantimentos. “Daí então não se passavam ano, mês, semana ou dias sem que aparecesse novidade no povoado. Sulidade, ausente dos mapas, ganhava notoriedade através dos comentários e informações de gente que estivera lá.” (LEMOS, 2018, p.252). Uma estrada os ligara ao Brasil.

Assim, uma vez apresentados os importantes e verossímeis acontecimentos que marcam o enredo de *Espaço Terrestre*, não podemos deixar de lado a relevância que as transformações socioespaciais ou sociointeracionistas têm para o autor e para a obra, bem como o domínio dessas informações, que podem potencializar enormemente a compreensão do leitor. Seja dito de passagem que não é sobre a história, mas como ela foi vivida, experimentada. As impressões construídas pelo enredo podem servir de suporte educativo. De acordo com Volóchinov,

O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu auditório social estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc. Quanto mais culto for o indivíduo, tanto mais o seu auditório se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas, em todo caso, o interlocutor ideal não é capaz de ultrapassar os limites de uma determinada classe e época (VOLÓCHINOV, 2018, p.205).

O mundo, seja ele o interior ou o exterior, de acordo com Volóchinov, é visto pelo prisma do ambiente social ou de forma estereoscópica. Talvez o ponto de maior equilíbrio dessa visão seja o daqueles que compartilham os mesmos contextos temporais, morais, literários, ou seja, uma questão geracional. Contudo, ainda que exista esse ponto de equilíbrio, não significa que as visões são homogêneas. A individualidade e a alteridade são, de fato, os aspectos que produzem os resultados mais surpreendentes ou até mais esperados de significação.

No entanto, mesmo o indivíduo com diferentes experiências, ele pode ter um espaço constitutivo de ambiências não formadas por ele, mas pelas vozes que o antecedem. Nessa ordem, a Geografia e a sua proposta de análise dos aspectos sócio-históricos e interacionistas permitem tanto ao leitor quanto ao autor e suas personagens um vasto espaço de construção e fundamentação de ideias, ideais e de identidades.

No processo de análise do espaço experiencializado, as transformações da técnica também evidenciam a relação espaço e tempo. As alterações nos serviços, as relações de trabalho, as construções, o acesso aos sistemas de transporte e de comunicação fortalecem a importância da evolução social, cultural e econômica presentes na narrativa, sobretudo, no ambiente de Sulidade no Jirau. Esses aspectos serão apresentados subsequentemente.

5.5 O espaço da infraestrutura e produção

No estudo do espaço em *Espaço Terrestre*, analisamos que, embora em menor escala, Gilvan Lemos apresentou a preocupação com as diversas formas de ambientação que pudessem explicar ao leitor e ao mesmo tempo atribuir funções socioeconômicas às suas personagens.

Como já foi expresso, o enredo tem início no Brasil do século XIX, quando o trabalho escravizado ainda era vigente. Nesse momento, nesse território, o contexto socioeconômico não era o açucareiro, mas sim o minerador.

O Brasil havia sido impedido de praticar atividades industriais que pudessem ser mais promissoras do que as da Metrópole, ficando limitado à produção de tecidos simples para cobrir as “vergonhas” dos escravizados, fundição de minerais e a moagem da cana-de-açúcar.

A chegada da Família Real ao Brasil tinha promovido o fim do pacto colonial e a abertura dos portos, e a partir daí, o Brasil produtivamente não seria mais o mesmo. É claro que todas as dificuldades impostas ao segmento produtivo de transformação, indústria, foram maximizados com a abertura dos portos, pois o país não tinha capacidade de competir com a Inglaterra.

Nesse momento no Recife, as atividades mais prósperas eram as comerciais; as

atividades agrícolas, ainda que sem o mesmo protagonismo de antes, e as atividades pecuárias, que haviam iniciado o seu desenvolvimento. O sucesso das atividades comerciais teria garantido ao Recife o título de capital da província, que antes pertencia a Olinda.

Diante do exposto, talvez seja questionada a relevância de tais informações para a compreensão da obra, e a resposta seria a seguinte: tudo começou com o sonho do pai de Albano Nuno Varela de ver o filho fazer fortuna no Brasil. Chegava a Portugal a notícia de que alguns patrícios haviam tido sucesso por aqui. Mas, na verdade, o que não era dito é que o momento em Portugal era muito mais repulsivo do que atrativo, já que o Rei não se posicionara fortemente em relação à expansão napoleônica na Europa. Por isso, dizemos que Albano Nuno Varela inicialmente não teria visto grandes avanços na chegada ao Brasil.

O ambiente urbano mais do que o rural assume um maior protagonismo no enredo, embora os Albanos tenham preferido firmar moradia no campo, onde Albano Nuno dava continuidade às atividades de pastoreio que já exercia desde a terra natal. Parecia que não queria se projetar, e sim se proteger no espaço, de toda forma. Sulidade, assim como Beja, Lisboa e Recife, passou a exercer um maior protagonismo. Em Sulidade, na pequena vila onde inicialmente constavam vinte casinhas em alvenaria, foi onde as transformações socioeconômicas se tornaram mais visíveis. Começando por Recife, Albano descrevia o espaço urbano assim:

O bairro portuário era o mais densamente povoado, com sobrados de quatro, cinco, e não raro seis andares, que abrigavam no térreo grandes casas comerciais, armazéns de fios, cordas, artefatos de couro, móveis e utensílios, vasilhames de cobre, instrumentos de ferro, colchoarias, teares. Em certos aspectos, lembrava Lisboa (LEMOS, 2018, p.15).

Albano também acompanhara a evolução do Recife

Deixando o bairro portuário (...), uma ponte dava acesso à Ilha de Santo Antônio, que prosperava, com igreja frontal, ruas novas, edifícios em construção, o erário público situado no que restava de um dos palácios construídos por Maurício de Nassau, a cadeia, casa de espetáculos. Mais além havia outra ponte, esta ligando Santo Antônio ao bairro da Boa vista, que se formava sobre os mangues aterrados. Restaurada, com bancos para sentar enfileirados no passeio, a Ponte da Boa Vista atraía senhores bem situados no comércio, cachopas e gamenhos (LEMOS, 2018, p.18).

Indiscutivelmente, com o fim da fase áurea açucareira, as atividades comerciais se

fortaleciam e possibilitavam a expansão urbana, que, desde os primórdios, evidenciava a falta de planejamento.

Ao fundar Sulidade, Albano passou a dedicar-se à criação de cabras, pois tinha experiência, tinha sido pastor de ovelhas. Já na fundação da cidade, o Sr. Ramires havia proposto uma divisão de terras, e cada um escolheu sua gleba. Construíram duas fileiras de casas, e assim nascia o povoado. Foram construídas a escola e a capela. Com o passar do tempo, as atividades econômicas também nomeavam as famílias de Sulidade. Os pequenos negócios eram baseados em escambo; como não usavam dinheiro, enterravam as botijas, mas não demorou para a circulação de dinheiro e também para a divisão de classes.

Após a passagem da Coluna, as transformações em Sulidade foram visíveis; passou a contar com prefeito e administrador. Tiveram também início os bailes de carnaval, folguedos de São João, encenações adaptadas de Gil Vicente no Ponto Chic. O narrador nos conta que

De qualquer forma, a vila aumentava a população, o número dos que entravam era bem maior do que os que saíam. E os que chegavam, que vinham buscar? Sulidade não se notabilizava por vantagens contadas por desbravadores, nela, não se haviam descoberto veios de ouro, nenhuma mina de prata ou de pedras preciosas (LEMOS, 2018, p.189).

Assim, aos poucos, a sociedade de Sulidade foi saindo do exílio que lhe havia sido imputado desde a sua fundação. Um dos maiores eventos em Sulidade foi o circo; o rádio foi decepcionante, pois só havia energia à noite, o cinema veio depois. E não demorou chegou o T.R.E para inscrever os eleitores bem como os demais serviços públicos. Além disso:

Sulidade passava por verdadeira febre de construções, Atavam-se de uma vez os prédios da Prefeitura, da Delegacia de Polícia e Cadeia Pública, do Fórum, dos Correios e do posto de saúde. Na verdade, o prefeito nem recebera verba oficial alguma, em espécie, a omissão do governo, nesse sentido, fazia de acordo sob o qual Capitão obtivera outras vantagens (LEMOS,2018, p.196)

Assim como disse o autor, “Sulidade já é Brasil”, e por isso passa a ser diretamente envolvida com todos os aspectos burocráticos que envolvem o exercício da cidadania, mas também as questões de identidade, situacionalidade e transformações infraestruturais urbanas, que, na maioria das vezes, acabam por produzir áreas espoliadas, e no seu processo de expansão, produzem a gentrificação.

Os aspectos relacionados com as transformações do espaço são tratados por Milton Santos e por Henri Lefebvre. E podem ampliar consideravelmente alguns elementos que são propostos para a discussão acerca do romance gilvaniano. Percebemos que Gilvan Lemos, aos poucos, coloca o espaço rural em segundo plano e o espaço urbano em primeiro. Em alguns momentos da obra, o espaço rural se fortalece pelo processo de ocupação dos Albanos nas proximidades de Sulidade, mas é no Recife e em Sulidade que os maiores eventos da obra ocorrem. Sobre essa importância assumida pela cidade, Lefebvre, em a *Revolução Urbana*, afirma que

A problemática urbana prevalecerá decisivamente, em que a busca das soluções e das modalidades próprias à sociedade urbana passará ao primeiro plano. Entre as transformações, algumas serão bruscas. Outras graduais, previstas, concertadas (LEFEBVRE, 2019, p.21).

A passagem das atividades rurais para as atividades urbanas também indica a relação espaço e tempo presente na obra. As atividades rurais eram praticadas independentemente dos processos de transformações produtivas urbanas. Por exemplo, não há referência à modernização do espaço produtivo rural; no entanto, é inquestionável que grandes eventos históricos vivenciados na cidade acabaram por alterar as condições de demanda. Ou seja, em Sulidade, a população crescia; ademais, o contato com o mundo havia provocado a necessidade de incorporação de moeda, algo que não ocorria há anos em Sulidade, desde sua formação. Aos poucos, as necessidades da população urbana foram crescendo, o que acabou submetendo o campo à cidade.

Em sua reconhecida obra *A natureza do espaço*, Milton Santos (2020) se ocupa de algumas questões bem pertinentes ao nosso esforço de ampliar a leitura da obra gilvaniana através de uma visão geográfica. A primeira preocupação de Santos seria a de evidenciar que o estudo do espaço não é apenas um processo de localização, e sim, também, um processo de identificação.

A segunda questão seria a importância da diferenciação do que é espaço e do que é paisagem. Outra questão é de como a compreensão e os domínios sobre as técnicas podem ampliar nossas expectativas de relações temporais e, por fim, evidenciar como a compreensão de espaço tanto para a Geografia como para outras ciências mostra-se ainda amplamente

composta de diversos objetos que, isolados, não têm nenhum sentido e devem ser avaliados de acordo com os fixos e os fluxos. E para tal compreensão, pode ocorrer um olhar interno, externo, local, regional, mundial, isto é, de acordo com as escalas de representatividade.

Nesse aspecto, há menos a influência de Tuan e mais a presença do pensamento de Santos. Localizar o espaço no ambiente terrestre não significa explicar todas as potenciais experiências e objetos presentes nele. Por isso, localizar a obra em parâmetros cartográficos não foi nosso objetivo, mas explicar que a localização pode permitir uma maior compreensão do contexto em que a delimitação se insere, colaborando, assim, também, para uma melhor definição temporal de ambientação.

Quando nos preocupamos, a partir de Milton Santos, com a explicação de que espaço e paisagem são conceitos diferentes, partimos do pressuposto de que essas diferenciações há muito foram adiadas ou mal explicadas entre a Geografia e as demais ciências humanas. Salientamos que essa confusão não ocorreu à toa, já que a própria Geografia promoveu tais concepções, muito embora numa fase pragmática, naturalista, expansionista imperialista e pouco humanizada. Para Milton Santos,

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. (...) O espaço são essas formas mais a vida que as anima. A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido, a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. (...) O espaço é a sociedade, e a paisagem também o é. No entanto, entre espaço e paisagem, o acordo não é total, e a busca desse acordo é permanente; essa busca nunca chega a um fim (SANTOS, 2006, p. 66).

A paisagem seria, em suma, a observação de elementos concretos do espaço que podem ser naturais ou artificiais. Quanto ao espaço, ele é um objeto ainda maior do que a própria paisagem, pois a partir dele se explicam, além de identificar, expansões e transformações temporais. O espaço é maior do que a paisagem. As expressões humanas e suas impressões são analisadas a começar pelo espaço.

Outro elemento que ressaltamos anteriormente é a questão do domínio sobre as técnicas como mecanismo importante da análise temporal do espaço e de suas transformações. Em

Espaço Terrestre, Lemos demonstra um apanhado de importantes acontecimentos sócio históricos que visam explicar ao leitor como o próprio cronotopo era importante na construção da personagem. Sobre essas relações, Santos afirma que

As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Essa forma de ver a técnica não é, todavia, completamente explorada (SANTOS, 2006, p.16).

Nessa perspectiva, compreendemos que a percepção miltoniana sugere que uma das formas mais eficientes de compreensão da evolução do espaço, bem como da sua constituição reside na preocupação com a qual os processos se desenrolaram, de acordo com as necessidades e interesses humanos. Mas ele também nos explica que essa evolução e essas manifestações da técnica no espaço não se dão de forma homogênea, mesmo em um determinado contexto histórico, como, por exemplo, entre metrópoles e colônias, como na ambiência de *Espaço Terrestre*. Santos ressalta que

em nenhum caso a difusão dos objetos técnicos se dá uniformemente ou de modo homogêneo. Essa heterogeneidade vem da maneira como eles se inserem desigualmente na história e no território, no tempo e no espaço (SANTOS, 2006, p. 22).

Assim, reiteramos que as preocupações de Lemos em sua obra com os processos históricos reforçam ainda mais a complexidade do seu enredo, pois trazem consigo as questões que envolvem todo o processo de incentivo ao processo migratório motivador da saída de Albano Nuno Varela da metrópole portuguesa para o Brasil e, posteriormente, para Sulidade. Ainda de acordo com Santos,

Sem dúvida, o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura a continuidade (...) De um ponto de vista propriamente geográfico, a questão se coloca de forma diferente. Devemos partir do fato de que esses diferentes sistemas técnicos formam uma situação e são uma existência num lugar dado, para tratar de entender como, a partir desse substrato, as ações humanas se realizam (...) A questão que aqui se coloca é a de saber, de um lado, em que medida a noção de espaço pode contribuir à interpretação do fenômeno técnico, e, de outro lado, verificar, sistematicamente, o papel do

fenômeno técnico na produção e nas transformações do espaço geográfico (SANTOS, 2006, p. 23).

Vimos como as ideias miltonianas se encaixam na preocupação de Gilvan Lemos em abordar temas muitos caros à compreensão espacial da sua obra, não apenas no que diz respeito aos elementos ficcionais, mas na sua própria leitura subjetivada de mundo ou do que lhe foi dito também. Existe na obra assim como no espaço fora dela o que podemos denominar como sendo os fixos e os fluxos. Os fixos são os elementos “fixados em cada lugar”, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar (SANTOS, 2006, p.38). Para o autor, os fluxos são “ um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos” (SANTOS, 2006, p.38).

Portanto, essa interação evidencia uma realidade possível do estudo do espaço para a Geografia. E é dessa forma que observamos que esse espaço também se constrói na obra de Gilvan Lemos, visto que existem elementos fixos e fluxos em todo o processo de desenvolvimento da trama que extrapolam a questão sócio histórica, mas trazem as relações de construções de novas ideias e perspectivas sobre um mesmo ambiente abordado por outros tantos autores.

Isto posto, avaliamos que seja justo apresentarmos a ideia de que, diante de todas as abordagens espaciais propostas e estudadas, a produção científica sobre a obra do autor Gilvan Lemos seja validada como um ambiente de absoluta relevância para a Literatura.

5.6 O espaço para a pesquisa da obra gilvaniana

O espaço gilvaniano é composto de forma complexa, criação que exige uma leitura atenta, a fim de que tenhamos um maior envolvimento com a obra e o reconhecimento da construção literária de Gilvan Lemos. A complexidade do espaço desse autor pernambucano é marcada por uma construção histórica de grande bagagem sociointeracionista. Por isso, compreendemos que as leituras acerca da sua obra ainda necessitam de ampliação.

São diversos os elementos de constituição histórica, étnica, religiosa, cultural que

constituem o universo gilvaniano. Em *Espaço Terrestre*, esse espaço é muito maior do que, de fato, parece. Percebemos que as questões concernentes ao autor são importantes para determinada análise de sua obra. Isso nos levou a conhecer um pouco mais sobre suas origens e experiências, narradas por ele mesmo e por terceiros, a respeito da sua vida e de sua bagagem cultural. Isso mesmo, a bagagem cultural de Lemos era grande, coerente, correta e assertiva quando falamos de questões sócio históricas e geográficas, o que, evidentemente, não o torna perfeito, mas o torna daqueles autores que desafiam o leitor, dando a este a satisfação de haver “navegado por mares nunca dantes navegados⁴⁰”. Quem conhecer melhor Gilvan conhecerá melhor sua obra. Por isso, o espaço geográfico como recurso técnico para a ampliação dessa leitura se tornou tão pertinente.

A leitura e a análise crítica de sua obra mostram como o espaço gilvaniano tem sido ampliado. Tal amplitude pode ser sobre o aspecto ficcional romanescos ou sobre o realismo mágico; o mais importante é que a produção literária gilvaniana esteja sendo abordada. Dos poucos estudos que encontramos, destacamos o de Ivanda Martins, com a tese de doutorado *Interação texto-leitor na escola: dialogando com Gilvan Lemos* (2003); o de Samuel Oliveira, com a dissertação de mestrado *Uma análise dialógica sobre o romance O anjo do quarto dia, de Gilvan Lemos, em relação a textos bíblicos* (2011), e, ainda, o de Anderson Santos, com a dissertação de mestrado *Memória genealógica e familiar no romance Espaço Terrestre, de Gilvan Lemos* (2019).

Quanto mais lemos a obra de Lemos, mais encontramos um autor preocupado com a qualidade dos seus trabalhos e com a liberdade interpretativa do leitor. Nesse sentido, Ivanda Martins, ao investigar a “fortuna crítica” de Gilvan Lemos, informa haver encontrado um ensaio publicado pela Luso-Brazilian Review, no qual Caliles (1981) estuda a obra *Emissários do Diabo* do ponto de vista da questão temporal. Martins ressalta que mesmo havendo sido iniciada a discussão da obra de Gilvan nesse parâmetro, muito dessa produção literária “ainda precisa ser conhecido e divulgado, tanto nacional quanto internacionalmente” (MARTINS, 2003, p.94). Em sua pesquisa, Martins registra uma entrevista cedida pelo autor:

"Entrevistador - Para o senhor, a literatura desempenharia alguma função social?

Gilvan Lemos - Ela não deixa de participar. Mas, o autor não deve ser engajado, no sentido de defender uma causa, ou ter participação direta. De

⁴⁰ Essa dimensão metafórica está contida em *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões.

qualquer forma, desde que o autor focalize um ambiente que, parcialmente, conte tanto do rico quanto do pobre, de certa forma ele está participando, porque o leitor tira suas conclusões. O autor não diz: "Fulano era um homem ruim, fazia isso, fazia aquilo".

Não. Ele conta as atitudes dele. Daí vem a conclusão que o leitor pode tirar. Desse modo, a influência da literatura é enorme. Embora eu ache que o escritor tenha o dever não de esclarecer, mas de revelar as coisas de seu mundo, isso pode causar influência" (MARTINS, 2003, p. 96).

Assim, podemos ressaltar que, de fato, as palavras de Lemos aqui apresentadas por Ivanda Martins reforçam uma autoria que tenta se afastar de questões maniqueístas e tautológicas, mas não pode deixar de lado a preocupação com o contexto em que deve ser discutida a narrativa e que este, claro, pode se diferenciar do contexto da análise da obra.

No trabalho de Anderson Santos, há a defesa de que “é através da relação entre história e memória, por exemplo, que as personagens de *Espaço Terrestre* podem acessar o mundo exterior, uma vez que estão exilados em Sulidade.” Aqui vemos uma proposta de abordagem da obra de Lemos diferente da de Martins. No trabalho, Santos considerou que

As memórias genealógica e familiar são elementos fundamentais na construção do enredo de *Espaço Terrestre*, pois este não existiria se não houvesse a transmissão mnemônica geracional, uma vez que é a memória que perpetua as características das personagens principais, funcionando como um elo que faça todo Albano o mesmo Albano. Também foi possível verificar que o imbricamento entre memória e história é significativo para compreensão da obra (SANTOS, 2019, p. 69).

A proposta desse trabalho de Santos, além de se diferenciar da de Martins, nos distancia também, pois o autor fala das questões históricas como importantes para obra *Espaço Terrestre* e deixa claro ter conduzido seu estudo “articulando os conceitos e a produção ficcional, considerando sempre a posição de destaque e independência da obra literária frente aos marcos teóricos”. Essa colocação mostra que o maior foco não são as articulações com outras áreas do conhecimento, pois, embora a historicidade esteja muito presente, Santos não a defende como algo tão determinante para a construção do universo ficcional. A História por ele aclamada é pautada, sim, no contexto do enredo, entretanto é conduzida pela memória.

Já Samuel Oliveira foca a intertextualidade e a polifonia na obra de Gilvan Lemos, com base em *O anjo do quarto dia* (1981). Oliveira faz um significativo resgate histórico da vida e

da obra de Gilvan Lemos, valida a ideia de valorização de toda essa obra e conclui:

O propósito consistiu em contribuir para a formação de leitores críticos da obra do escritor pernambucano Gilvan Lemos e a intertextualidade e dialogicidade em sua obra. Concluiu-se que o livro *O Anjo do Quarto Dia* está repleto de intertextualidade, polifonia e dialogicidade bíblica. Seria por uma grande pretensiosidade considerar esta investigação como um construto acabado, pois sempre emergem novas perspectivas a serem analisadas e observadas. A ciência constrói-se a partir de questionamentos e dúvidas que impulsionam e fomentam os debates acadêmicos (OLIVEIRA, 2011, p.121).

Do ponto de vista da abordagem proposta por Samuel Oliveira, a urgência do resgate do Gilvan autor é um elemento importante para a compreensão de sua obra; por isso, o trabalho de Thiago Corrêa na biografia *Gilvan Lemos o Último Capítulo* nos traz fôlego para fortalecermos a voz desse artista pernambucano. De acordo com Gilvan, em um ensaio publicado pelo Suplemento Pernambuco, cujo título é: *Vá vendo o caiporismo* (LEMOS, 2015, p.19), ele construiu uma espécie de autobiografia na qual comenta questões da sua formação e das desventuras como escritor.

Na mocidade, eu tinha grande interesse pelas biografias e, principalmente, autobiografias. Era, talvez, uma maneira de me inspirar, porque, sem dúvida, eu pretendia ser um Grande Homem. Com o tempo, a realidade entrando-me pelos olhos (para não dizer por outras vias), fui perdendo o interesse pelo gênero, passei a dar razão à minha irmã Malude, que julgava pretensiosos, vaidosos, os indivíduos que se dedicavam a falar da própria vida, como se fosse imprescindível que outros a conhecessem. Hoje, além de vaidosos e pretensiosos, acrescento: egoístas, hipócritas e, em certos casos, mentirosos. Afinal, esses caras só contam grandeza, altruísmo, heroísmo etc. Cadê que revelam fraqueza? Uma ova, que revelam... Há sinceridade nisso? Poderia parecer que eu mesmo, com essa história de “formação de escritor”, estivesse me predispondo a relatar minhas próprias vitórias. Claro que eu jamais cairia nessa esparrela. Primeiro, porque reconheço que sou escritor apenas porque escrevo livros (quem faz sapatos é sapateiro, quem faz pão é padeiro, quem costura roupa é costureiro... Portanto, quem escreve livros é escritor, não é mesmo?); segundo, porque, em seguimento a este relato, me ocuparei, principalmente, dos fracassos. Não para me lastimar, granjear simpatia, obter caridoso perdão, cristianíssima remissão, e sim para me vingar do que bestamente chamamos de destino, revidar com autoridade suas provocações, mostrar-lhe que não as aceitei, aceito, passivamente. O título, por que o título? Lembro-me de um conto de Machado de Assis, no qual são relatados os azares de certo personagem, sempre entremeados com a observação do autor: “Vá vendo o caiporismo”. É o que, a partir de agora, parafraseando o genial Machado de Assis, passo a referir: VÁ VENDENDO O CAIPORISMO (LEMOS, 2015).

Gilvan atribuía ironicamente ao azar as dificuldades que enfrentara na vida como escritor; e sobre essas dificuldades, ainda afirmava que sua timidez e seu isolamento certamente o teriam atrapalhado muito ao longo de sua trajetória produtiva. É relevante destacar que todo o cenário de publicação de obras importantes como a de Gilvan Lemos durante todo o século XX foi por demais castigado, em virtude de fatores políticos e ideológicos que ocupavam enormemente o Brasil. Esse fato teria comprometido até mesmo a publicação de sua obra em francês, sob a justificativa, dada pela editora internacional, de que o momento político do Brasil não era favorável à publicação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Aqui é o ponto de vista que cria o objeto”.

(SAUSSURE, 2006)

A interdisciplinaridade permite uma abordagem mais rica da obra e de suas possibilidades de compreensão pela perspectiva do autor, do leitor e das personagens. Essa imbricação Geografia e Literatura é possibilitada por ambas as áreas do conhecimento. O fazer geográfico e o literário se aproximam enquanto facilitadores das demonstrações objetivas e subjetivas que validam a existência humana e narram trajetórias evolutivas.

As leituras do espaço se modificam na Geografia e na Literatura, e nesse processo de modificações, os saltos paradigmáticos têm sido significativos. Entretanto, talvez não tenham sido suficientes, tendo em vista que, diante das transformações ocorridas na natureza, no homem e até mesmo naquelas impostas por este ao espaço, não há ainda a possibilidade de falarmos em esgotamento, mas da incorporação de novos fluxos.

Observamos que, em diversas ocasiões, foram feitas tentativas de aproximar a Geografia e a Teoria Literária, mas as perspectivas de abordagem não atenderam às expectativas de um dos lados. Isso ocorreu porque as próprias ciências estavam em processo de construção, consolidação e de aprofundamento. A Geografia, como vimos, sofreu diversas modificações em relação à sua abordagem. Inicialmente, nas tentativas de aproximação com a Literatura, buscou-se uma abordagem cartográfica, localizadora, topográfica. No entanto, a partir do surgimento de uma Geografia humanista, ampliaram-se as possibilidades de interdisciplinaridade da Geografia com as demais ciências humanas, e não apenas com as ciências naturais.

Nosso objetivo não foi o de conceituar o espaço geográfico e o espaço literário, mas é verdade que se melhor entendermos esses conceitos, poderemos avaliar o quanto eles se aproximam e se distanciam. O objetivo foi gerar das perspectivas espaciais geográficas novas formas de leitura da categoria espaço em narrativas literárias, sobretudo na obra de um autor em que a referida categoria se apresenta com uma dimensão determinante para o enredo e para as personagens, situação presente em *Espaço Terrestre* e em Gilvan Lemos.

Não desejamos encontrar, mapear ou identificar a Geografia na obra, mas ansiamos compreender que em todas as vozes presentes nela existe um pensamento sócio histórico e cultural que reflete o processo de construção de um espaço geográfico, pois este é constituído pelo homem e pelo meio.

Nessa perspectiva, destacamos que da mesma forma que esses elementos compõem a Geografia, eles estão presentes na Literatura. Logo, respondemos a nossa questão inicial: em que pontos os conhecimentos geográficos espaciais contribuem para uma melhor compreensão da categoria espaço na narrativa *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos? A interação Geografia e Literatura permite a maior compreensão do espaço como objeto de construção da narrativa através do entendimento das percepções espaciais do autor como indivíduo, do autor-narrador, da construção e do desdobramento da ambientação e das personagens bem como para a ampliação das perspectivas do leitor. E reforçamos a ideia de que o conhecimento do conceito de espaço geográfico pode potencializar a compreensão da narrativa *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos.

Para tanto, afirmamos que, as perspectivas espaciais de Yi Fu Tuan permitiram a construção de uma abordagem geográfica mais próxima da Literatura. Tuan aborda um espaço mais próximo da perspectiva da experiência, atribuindo aos objetos presentes no espaço ou ao sistema de objetos, como afirma Santos (SANTOS, 2020), a ideia de valor. De acordo com Tuan, “as sociedades, como os indivíduos, têm atitudes diferentes em relação a tempo e lugar” (TUAN, 2013, p.230). Cada sociedade apresenta elementos (objetos) que se apresentam com diferentes formas e funções; e embora essas formas e funções possam ser replicadas entre essas sociedades, ainda assim, podem assumir diferentes significados. Tuan destaca que

Como seres sociais e cientistas, cada um de nós apresenta imagens truncadas de pessoas de seu mundo; as experiências são negligenciadas ou ignoradas porque faltam os meios para articulá-las ou destacá-las. A falta não se deve a nenhuma deficiência inerente à linguagem. Se algo é suficientemente importante para nós, geralmente encontramos os meios para torná-lo visível. (...) A literatura, por exemplo, está repleta de descrições precisas de como vivem as pessoas. As próprias disciplinas acadêmicas fornecem abundantes dados empíricos que merecem nossa atenção cuidadosa (TUAN, 2013, p.245-246).

O espaço apresenta-se como um ambiente constitutivo, carregado de significados, e a

Literatura pode ser reconhecida como sistema de instrumentalização desses significados expostos pela palavra. A Geografia, aos poucos, também vai promovendo uma ação responsiva sobre as novas propostas de leituras espaciais. Para Tuan, “a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é constituída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo” (TUAN, 2015, p.98). Por isso, afirmamos que as diversas leituras espaciais, mesmo que presentes no universo ficcional, trazem consigo alguma forma de representatividade do espaço geográfico, aquele de vivência, seja esse do autor, da personagem ou do leitor.

Como afirma o próprio Bakhtin, “não pode haver discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que os vinculam” (BAKHTIN, 2019, p.44). O conhecimento sobre as coisas, fatos e sujeitos enriquece o discurso e a sua compreensão. Bakhtin, em *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (2019, p.59) destaca que “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante”, assim observamos que tanto a Literatura como a Geografia de hoje favorecem, através da interdisciplinaridade, a ampliação e o aprofundamento de elementos que são importantes não só para elas, mas para as demais ciências, especialmente as humanas.

Afinal, a leitura da obra literária, assim como na narrativa de *Espaço Terrestre*, nos permitiu promover a “conversão da imagem em símbolo, o que a reveste de profundidade semântica” (BAKHTIN, 2019, p. 63) e concordar com Bakhtin, quando este destaca que “a imagem deve ser compreendida como o que ela é e como o que significa” (BAKHTIN, 2019, p.63). Nesse sentido, a leitura do geógrafo sobre o espaço pode, de fato, ampliar a leitura do espaço presente na obra. Vimos, de acordo com Osman Lins, que “deve-se ter presente, no estudo do espaço, que o seu horizonte, no texto, quase nunca se reduz ao denotado” (LINS, 1976, p. 72) e que:

O espaço, no romance, tem sido - ou assim pode entender-se - tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero. Difere, portanto, nossa compreensão do espaço (LINS, 1976, p. 72).

Não se trata apenas do espaço narrado, mas das interpretações possibilitadas para ele, “interpretar é dialogar (...) só aos olhos da cultura do intérprete, a cultura do outro (interpretado)

se revela com plenitude e profundidade” (BAKHTIN, 2019, p.95-96). Dessa forma, a ampliação das perspectivas espaciais do leitor contribui para um melhor diálogo com a obra.

Observamos que a leitura do espaço geográfico permitiu uma maior ampliação não só da importância do espaço, mas também do tempo na obra de Lemos. Os próprios Albanos são a representação do espaço-tempo através das suas origens e vivências sócio históricas, bem como os demais habitantes de Sulidade, desde a fundação. Por isso, a questão cronotópica assumiu absoluta relevância neste estudo.

Compreender como as transformações sofridas pelas personagens e em Sulidade ao longo dos anos nos permitiu enxergar o meio técnico-científico e informacional evoluiu nos diferentes contextos apresentados pelo autor em sua obra. Nesse sentido, Milton Santos e Henri Lefebvre apresentaram grandes contribuições para a referida compreensão, além de ressaltarem ainda mais a indissociabilidade espaço tempo e evidenciarem diferenças sócio históricas como importantes de serem analisadas e compreendidas pela sociedade.

Portanto, com este trabalho, investigamos as imbricações dos aspectos geográficos espaciais e da categoria espaço na narrativa, analisamos a composição, tanto física quanto idiossincrática, de personagens a partir da categoria espaço, averiguamos as interferências do espaço geográfico na construção de mudanças no comportamento social. E concluímos que seja a Geografia ou outra área de conhecimento, o fato é que a diversidade de perspectivas espaciais enriquece as interpretações da produção literária, ampliando e reforçando os diálogos do homem com o meio, consigo e com o próximo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kárita., ANSELMO Rita. *1915: a seca e o sertão sob o olhar de Raquel de Queiroz* Estudos Históricos – CDHRP- Diciembre 2009 - Nº 3 – ISSN: 1688 – 5317.

ASSMANN, Jan. *Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro in* <http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>

BAKHTIN, Mikhail 1895-1975. *Estética da criação verbal / Mikhail Bakhtin* [tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzeller l. 2ª ed. São Paulo Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. P. Bezerra. 1ª edição. Editora 34; São Paulo, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. /VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, [1929], 2006.

BAKHTIN, Mikhail. (Voločínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciência humanas/ Mikhail Bakhtin; tradução, posfácio, notas e glossário Paulo Bezerra; organização da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov.*São Paulo: Editora 34, 2017 (1ªedição).104 p.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 2002

BAKHTIN, Mikhail. *Speech genres and other late essays*. Emerson, L- Holquist, M. (eds.). Trad. V. W. McGee. Austin: University of Texas Press, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: A estilística/ Mikhail Bakhtin; tradução, prefácio,*

notas e glossário Paulo Bezerra; organização da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª edição). 256 p.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance II: As formas do tempo e do cronotopo*/ Mikhail Bakhtin; tradução, posfácio, notas Paulo Bezerra; organização da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018 (1ª edição). 272 p.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance III: O romance como gênero literário*/ Mikhail Bakhtin; tradução, posfácio, notas e glossário Paulo Bezerra; organização da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2019 (1ª edição). 144 p.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço* – col. Os Pensadores. Tradução Joaquim José Moura Ramos. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.181-354.

BEMONG, Nele. *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*/ Nele Bemong, et al.; tradução Oziris Borges Filho, et al. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 248 p.

BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010

BARROS, Luís F. *O uso do território e o sistema técnico eólico-energético: coexistências, conflitos e solidariedades com os assentamentos rurais de reforma agrária no rio grande do norte*. UFRN, NATAL, ABRIL-2018

CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 5ª ed. Rio de Janeiro 2011

CAMPOS, Sthefania H. e MÉNDEZ Ricardo B. *A estereoscopia para fins arquitetônicos e urbanísticos*. UCPel, 2007.

CASTRO, I.; GOMES, P.; CORRÊA, R. *Geografia Conceitos e Temas*. 18ª ed., Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2018. 354 p.

CFGP. *Conselho Federal de Geógrafos Profissionais*. Revista Brasileira de Geografia, Outubro-Dezembro de 1962.

CORRÊA, Thiago. *Gilvan Lemos: o último capítulo*/ Thiago Corrêa. Recife: Cepe, 2017. 186 p.

CORTÊZ, M. *Conselho Nacional de geógrafos profissionais*. Revista Brasileira de Geografia, 1962. 608p.

DARDEL, Eric . *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

D'ASSUNÇÃO BARROS, José. *Charles Fourier, os falanstérios e a crítica à civilização industrial*. RIPS. Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas. 2016. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38049062011>

DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*./ Antônio Dimas. 1 edição. São Paulo: Ática 1985.

DOMINGOS, C.; LIMA, L.; COLLOVINI, R. *O Muro de Berlim: símbolo maior da Guerra Fria*. Temporalidades – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 31, v. 11, n. 3 (Set./Dez. 2019)

DOMINGOS, Charles. S. M. *Questão de Cuba: A política externa independente e a crise dos mísseis*. Revista de la Red Intercatedras de Historia de América Latina Contemporánea, Año 3, Nº 5, Córdoba, Diciembre de 2016. ISSN 2250-726

DOURADO, Flávia. *Memória cultural: o vínculo entre passado e futuro*. Dossiê Memória da revista "Estudos Avançados". IEA USP. N.37, set-dez.1999.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin/ Carlos Alberto Faraco*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168 p. (Linguagem);33)

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Tradução de Izabel Magalhães. 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FILHO, O.; BARBOSA, S.; ROSSONI, I. *O espaço literário em Osman Lins*. São Paulo: Todas as Musas, 2017.158 p.

FRAZÃO, Dilva. *Biografia de Thomas Kuhn*. [S.I.]: 7 Graus, 2016.

GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza. Editora Instituto do Ceará, 1967.

GOMES, ROSANA M. T. *O medievo em 'nove, novena': Um percurso para o imaginário*. Universidade Federal De Pernambuco (UFPE) Recife, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica: enunciação e sentido*/ Eduardo Guimarães – Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.

GUIMARÃES, Eduardo. *Espaço de enunciação, Cena enunciativa, Designação*. Fragmentum (UFSM), v. 40, p. 49-76, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

IBGE, Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas. Rio de Janeiro: IBGE, v.1, 1990.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

KUHN, Thomas S.; *A estrutura das revoluções científicas*/Thomas Kuhn; tradução Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2018.(Debates;115)

LACOSTE, Yves. *A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*/ Yves Lacoste; tradução Maria Cecília França. – 19.^a ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e Política*. UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política: o direito à cidade II*. / Henri Lefebvre; tradução Margarida Maria de Andrade, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. 2 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: editora UFMG,2016. 203p.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade* / Henri Lefebvre; [tradução Cristina C. Oliveira]. Itapevi, SP: Nebli, 2016.

LEFEBVRE Henri. *A revolução urbana*/ Henri Lefebvre; tradução Sérgio Martins. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

LEMOS, Gilvan. *Espaço terrestre*. 3. ed. Recife : Cepe, 2018.

LIMA FILHO, José Moacir P. *Ecofisiologia do umbuzeiro (Spondias tuberosa, Arr. Cam.)* / José Moacir Pinheiro Lima Filho. --- Petrolina: Embrapa Semiárido, 2011.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LEGROSKI, Marina. *Reflexões acerca de expressões idiomáticas*. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 04, n° 01, jan./jul, 2012 ISSN: 2176-9125)

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Tradução de José Pinto Ribeiro, Edições 70, Lisboa, 1980.

LOPES, W.; MORAES, R. M. A. de; GONÇALVES, J. B. C. *O Conceito Bakhtiniano de cronotopo nas análises de discursos em situação de autoconfrontação*. II Simpósio Interdisciplinar de Estudos Linguísticos (SIEL, em Agosto de 2017.

MACIEL, Lucas. V. de C. *Considerações sobre heterodiscurso a partir de Dom Quixote*. Bakhtiniana, São Paulo, 13 (2): 100-116, Maio/Ago. 2018.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia do trabalho científico*. 5 ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

MÁRQUEZ, Gabriel G. *Cheiro de Goiaba: conversas com Plinio Apuleyo Mendoza*. Trad.: Eliane Zagury. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014b.

MÁRQUEZ, Gabriel G. *Cem anos de solidão*/ Gabriel Garcia Márquez; tradução de Eliane Zagury; ilustrações de Carybé. 64ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MORAES, Antônio C. R. *Geografia: pequena história crítica*/ Antônio Carlos Robert Moraes. 21ª ed. São Paulo: Annablume, 2007. 152 p.

MORAES, Vinicius B. *Incomensurabilidade dos paradigmas em Thomas Kuhn: considerações críticas*. Guairacá Revista de Filosofia 2017.

MOURA R., OLIVEIRA D., LISBOA H., FONTOURA L., GERALDI J. *Revista bibliográfica de geografia e ciências sociais (série documental Geo Crítica) Universidade de Barcelona* ISSN: 1138-9796. Depósito Legal: B. 21.742-98 Vol. XIII, n° 786, 5 de junho de 2008.

NETO, Dilermando P. T. *Cidade, História e Memória: educação patrimonial em São Bento do Una - PE*/ Dilermando Pereira Torres Neto. – 2018. 142.

OLIVEIRA, Rayssa M. de M. *A conquista do espaço pela personagem em Alice: lugares, não lugares, memória e trajetória*. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa. 2020.

PEREIRA, Luiz Carlos B. *Cuba e o socialismo possível*. Estudos avançados. FGV 25 (72), 2011.

POMAR, Wladimir. *A revolução chinesa/ Wladimir Pomar*. São Paulo. Editora UNESP.2003. (Coleção Revoluções do século XX/ Direção Emília Viotti da Costa.

QEDAN, Mussa B. *O reconhecimento da autoridade nacional Palestina como Estado soberano*. PUCRS, 2019.

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze/ Rachel de Queiroz*.108ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio,2018.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas /Graciliano Ramos*. 141ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2019.

ROCHA, Luiz Carlos M. da. *Pensando a teoria literária à luz da interdisciplinaridade*. Revista da Anpoll nº 35, p. 249-270, Florianópolis, 2013.

RODRIGUES, A. DALL'AGNESE, J. BUENO, L. *As interfaces literárias da geografia: espaço e interdisciplinaridade na formação do conhecimento geográfico na educação básica*. Revista Para Onde!?, Porto Alegre, v.14, n.1, p.127-142, 2020.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção/Milton Santos*. 4 ed.10. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020. (Coleção Milton Santos;1)

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. 5 ed., 3. reimpr., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos países subdesenvolvidos/ Milton Santos; tradução Myrna T. Rego Viana*. 2. Ed., reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo: Globalização e meio técnico científico-informacional*. 5 ed., 1. reimpr., São Paulo : Editora Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton.; ELIAS, Regina. *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos*. 6 ed., 2. reimpr., São Paulo : Editora Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Anderson F. dos. *Sulidade e Macondo: um estudo comparado das cidades em espaço terrestre e cem anos de solidão*. Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará - UEPA Jan-Mar 2018

SANTOS, Luís. A. B.; OLIVEIRA, Silvana P. de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SERPA, Ângelo. *Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia*/ Ângelo Serpa. São Paulo Contexto, 2019. 128 p.

SILVA, Leonardo. L. S. *A anexação dos territórios ocupados por Israel na guerra do Seis Dias (1967) a partir da perspectiva dos jogos em múltiplas arenas*. Porto Alegre. Rev. Conj. Aust. v.7, n.35 p.67-77 abr./mai. 2016. ISSN: 2178-8839

SILVA, Thiago. C. T. P. *A guerra do Vietnã e sua representação no cinema*. UNB, Brasília, 2018.

SILVA, Ana Veruska C. da. *Descritores para o jenipapeiro*. / Ana Veruska Cruz da Silva, Ana da Silva Ledo, Josué Francisco da Silva Júnior. – Brasília, DF: Embrapa, 2020.

SILVA, Valéria C.P. e CARRETO, Carlos. F. C. *O imaginário entre a Geografia e a Literatura*. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas 2020.

SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Tradução [da 2ª ed. inglesa]. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 324p.

SOUZA, Betina N. *A permanência dos conflitos entre a Coreia do Norte e Coreia do Sul*. Santa Cruz do Sul, 2017.

SOUZA, Jonas D. *Ecúmeno, paisagem e o direito ambiental: problemáticas geográficas da doutrina e da jurisprudência*. São Paulo, USP, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. *Curso de linguística geral*. tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. -- 27. Bd. -- São Paulo : Cultrix, 2006.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira, Londrina: Eduel, 2013. 248 p.

TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Yi Fu Tuan; tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.

TZU. Sun. (Sunzi, século VI a.C.) *A arte da guerra*; traduzido do chinês para o francês pelo Padre Amiot em 1772, traduzido do francês por Sueli Barros Cassal; 2 ed. Porto Alegre, RS: L & PM. 2014. 160 p.

UESC. *Boletim informativo do curso de Geografia - - ILHÉUS - Bahia - ANO I - Nº 03* Agosto/setembro – 2001.

VALERO, Juliete. do N. *Literatura e sociedade: Ficção, opressão e realidade na obra O Quinze de Rachel de Queiroz*. IEL – Instituto de estudo da linguagem, UFG, 2016.

VÓLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Editora 34, 2ª ed., São Paulo, 2018.

WULF, Andrea. *A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander Von Humboldt./Andrea Wulf; tradução Renato Marques*. 2. Ed. São Paulo: Planeta Brasil, 2019. 592 p.

ZILLES, Urbano. *Teoria do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.